UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

DIOGO DUARTE DO PRADO

Dor e trauma

em *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares

Rio Grande

2017

DIOGO DUARTE DO PRADO

"Dor e trauma em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares"

Dissertação aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação esteve constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos
(FURG) – Orientador

Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini
(PUCRS)

Profª Drª. Luciana Abreu Jardim
(FURG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a criação desta dissertação à minha esposa Tainá Almada, pelo carinho, respeito e incentivo em momentos cruciais. Sem ela, teria sido muito mais difícil.

Agradeço ao meu orientador, o professor José Luís Giovanoni Fornos, pela instrução, dicas de leitura, amizade e paciência durante este percurso. Também expresso gratidão ao professor Mauro Nicola Póvoas e à professora Kelley Baptista Duarte, pelos ótimos diálogos e companheirismo. Acrescento um “muito obrigado” à professora Daniele Corbetta Piletti, pela disponibilidade em me ajudar com o resumo em língua espanhola.

Faço uma menção à professora Liane Bonato (falecida em 2016), uma ótima profissional e amiga. Devido a ela, adentrei na literatura portuguesa, tendo o prazer de ter conhecido, através dela, as obras do autor José Saramago. As divertidas e produtivas conversas, junto com as orientações durante a graduação, possibilitaram-me chegar até aqui.

Agradeço à CAPES.

Agradeço aos familiares em geral.

Do mesmo modo, meus agradecimentos aos seguintes amigos: Vivian Duarte; Wagner Saija; Jayme de Freitas; Luiz Guilherme de Freitas; Gabriel Rios; Gabriel França; Lucas Marchand; Edgar Schwartz; William Silva; Luciano Barbosa; Isabelle Cunha; Lisiane de Lima; Dênis Quadros, dentre outros que, de alguma maneira, contribuíram com a minha trajetória desde a graduação até a concretização desta dissertação.

RESUMO

A presente dissertação tem como intuito analisar a existência da dor e do trauma no romance *Jerusalém*, do escritor português Gonçalo M. Tavares, refletindo como estas são influentes não só no desenvolver da narrativa, como nas personalidades e atitudes de cada personagem. Ver-se-á as ideias de dor e de trauma nos âmbitos do individual, do social e do histórico, motivadas por fatores como a moral, a opressão, o medo, a solidão e a loucura. As teorias empregadas para embasar tais pontos serão do campo da filosofia como as de Arthur Schopenhauer, no livro *As dores do mundo*, e de Friedrich Nietzsche, em *Além do bem e do mal* e *Genealogia da moral*. Elementos da psicanálise, a partir dos estudos de Sigmund Freud, e da teoria literária, de Márcio Seligmann-Silva, igualmente serão utilizadas. Informações com base nos pensamentos de Primo Levi e Zygmunt Bauman, com a finalidade de contextualizar o tema dor e trauma nos campos da sociologia e do testemunho, também fazem parte do estudo.

Palavras – chave: Dor; Trauma; Literatura Portuguesa; Gonçalo M. Tavares

RESUMEN

La presente tesis de maestría tiene como objetivo analizar la existencia del dolor y del trauma en la novela *Jerusalém*, del escritor portugués Gonçalo M. Tavares, reflexionando sobre cómo estas influyen no sólo en el desarrollo de la narrativa, sino también en las personalidades y actitudes de cada personaje. Se verán las ideas de dolor y de trauma en los ámbitos de lo individual, lo social y lo histórico, motivadas por factores como la moral, la opresión, el miedo, la soledad y la locura. Las teorías tomadas para embasar los puntos serán del campo de la filosofía como las de Arthur Schopenhauer, en el libro *Los dolores del mundo*, y de Friedrich Nietzsche, en *Más allá del bien y del mal* y *Genealogía de la moral*. Elementos del psicoanálisis, a partir de los estudios de Sigmund Freud, y de la teoría literaria, de Márcio Seligmann-Silva, igualmente serán utilizados. Informaciones con base en los pensamientos de Primo Levi y Zygmunt Bauman, con la finalidad de contextualizar el tema dolor y trauma en los campos de la sociología y del testimonio, también forman parte del estudio.

Palabras clave: Dolor; Trauma; Literatura Portuguesa; Gonçalo M. Tavares

SUMÁRIO

Considerações Iniciais..... 6

1. Gonçalo M. Tavares: Vida e Obra 10
1.1 Jerusalém e a tetralogia *O reino* 13
2. A dor na filosofia de Arthur Schopenhauer 16
2.1 Schopenhauer e *As dores do mundo*..... 16
3. A dor na filosofia de Friedrich Nietzsche 25
3.1 *Além do bem e do mal:* a moral e sua relação com a dor..... 25
3.2 *Genealogia da moral*: sofrimento, influência e instinto de mediocridade..... 32
4. Noções sobre o Trauma..... 38
4.1 O pensamento de Sigmund Freud..... 38
4.2 O pensamento de Márcio Seligmann-Silva..... 42

5. Dor e trauma no romance *Jerusalém* 48
5.1 Uma breve relação entre o romance e Auschwitz..... 48
5.2 O espaço como expansão da dor no romance..... 52
5.2.1 O Hospício Georg Rosenberg..... 53
5.2.2 A Cidade..... 56
5.3 Tempo e a dor no romance..... 58
5.4 As personagens no romance e a relação com a dor e o trauma... 61
5.4.1 A fraqueza de Ernst Spengler..... 61
5.4.2 Mylia Busbeck e as dores “Boa e ruim”..... 64
5.4.3 Theodor Busbeck e o estudo sobre o horror..... 71
5.4.4 Hinnerk Obst: Loucura e trauma..... 84
5.4.4 Os Loucos do hospício Georg Rosenberg..... 93
5.4.5 Doutor Gomperz: Tirania e proibição..... 96

Considerações finais 101
Referências 105

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dor e trauma em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares, é um trabalho com o objetivo de, mais do que apenas analisar a presença desta temática no romance, observar como as personagens são afetadas por tais aspectos. Se farão observações quanto ao comportamento das personagens, tendo as suas personalidades moldadas pelas dificuldades que surgem no desenvolver de cada situação do romance.

Reflexões sobre o espaço, o tempo e o clima de tensão existentes em *Jerusalém* serão comentados. Contudo, o foco principal é olhar para cada personagem e ver seus sofrimentos, tristezas, e angústias, caracterizando-os indivíduos uma sociedade de homens e mulheres atingidos pelas dores.

Ademais, intenciona-se salientar diferentes perspectivas da dor e do trauma. Seria demasiado simples rotular os personagens, apontando a causa da dor e o que ela gera. Não, aqui busca-se uma compreensão maior destas noções, pois a interpretação do que seria um homem com dores e do que é um sujeito traumatizado variam de pensador para pensador, de teórico para teórico.

Pensando-se na história da vida humana, os dois pontos que se pretende abordar são, e isso não é um exagero, “base” da relação entre as pessoas em sociedade. Existir em comunidade está intimamente ligado à possibilidade de sentir dor, pelas divergências humanas e pela dificuldade a qual se possui em amar ninguém se não a si mesmo. O filósofo francês La Rochefoucauld (1613-1680), em sua obra *Máximas e Reflexões*, afirma que “Cada um só se interessa em procurar o próprio prazer e as próprias vantagens à custa dos outros” (LA ROCHEFOUCAULD, 2007, p. 83).

A literatura é um veículo capaz de desenvolver temáticas que tratam da dor e do trauma. Tais pontos se fazem presentes desde as tragédias gregas, como *Édipo Rei* e *Antígona*, de Sófocles; passando pelas tragédias shakespearianas como em *Macbeth* e *Hamlet*; desenvolvendo-se com autores como Dostoiévski, Kafka e George Orwell, que trabalham com a dor da culpa e da opressão, em *Crime e Castigo*, *O castelo* e *1984*.

No século XXI, as categorias da dor e do trauma continuam presentes em inúmeras ficções. *Jerusalém* é uma destas, parte da literatura portuguesa, que tem desenvolvido narrativas a partir de noções relacionadas ao que aqui se comenta, incluindo as perspectivas de testemunho e sobre os períodos de guerra e de solidão. Questões exploradas por autores como, além de Gonçalo M. Tavares, Valter Hugo Mãe e João Tordo.

Pode surgir o questionamento de "Por que, então, tratar de temática já tão abordada?". A resposta é de que nesta dissertação se mostrará diferentes maneiras de se definir e analisar a presença da dor e do trauma no romance. Serão feitas abordagens por um viés pessimista, seguindo a filosofia de Arthur Schopenhauer, por um viés do conflito, pelas teorias de Friedrich Nietzsche. Da mesma maneira que o trauma será pensado pela perspectiva da psicanálise de Sigmund Freud, e pela perspectiva de trauma como efeito cultural, de Márcio Seligmann-Silva. Ideias que estarão desenvolvidas nos capítulos teóricos.

Há outra razão também para se explorar tal tema: uma relação de humanidade, de sensibilidade para com aqueles que sofrem no decorrer da história. Não é preciso mais do que algumas experiências dolorosas, e um pouco de discernimento, para compreender verdadeiramente a propagação da dor pelos lares, pelos países, e pelo mundo, gerados por preconceitos, por perspectivas políticas, e outras questões.

Os motivos que podem levar ao surgimento da dor e do comportamento traumático podem ser de diferentes tipos. Como se verá no romance, cada personagem daquela realidade teve em si o surgimento de suas desgraças por distintas causas. A mentira, o ódio, o egoísmo, a traição, e mesmo uma simples discordância de opinião, possuem a força suficiente para formar um sujeito cercado de traumas. Platão (427 a. C. – 347 a. C), no livro *Apologia de Sócrates*, apresenta um diálogo de seu mentor Sócrates com Êutifron, antes de ser julgado, falando de ódio e divergência:

> E a inimizade e os ódios, ótimo homem, são produzidos por uma divergência a respeito do quê? Examinemos deste modo: se divergíssemos, eu e você, a respeito de qual quantidade é maior, a divergência a respeito disso produziria inimizade e ódio entre nós, ou recorrendo ao cálculo, a respeito disso ao menos nós rapidamente nos entenderíamos? (PLATÃO, 2011, p. 37)

As palavras de Sócrates confirmam a facilidade com que se pode propagar sentimentos negativos, e através de tais sentimentos a passagem para dores e traumas se torna uma possibilidade. Na ficção, se apontará como situações às vezes de extrema tensão, e outras vezes de nem tanta importância, geram sensações desgostosas, que acabam por conduzir à loucura e ao desespero.

As teorias selecionadas para o trabalho dialogam com tais intenções, pois tanto os pensamentos filosóficos, sociológicos, psicanalíticos e de teoria literária se encontram em um mesmo ponto. Quando se pensa em Nietzsche impossível neste algo do pensamento de Schopenhauer, quando se fala de Freud, ali há uma quantidade de ideias nietzschianas, e o mesmo vale para o que diz Seligmann-Silva, que é um estudioso de Freud.

Tentou-se aqui desenvolver o trabalho com teorias relacionadas umas com as outras, independente de haverem algumas discordâncias em certos casos, pois, do mesmo modo, há impressões similares.

A dissertação está dividida em cinco capítulos. A partir das considerações iniciais, fala-se do autor, “Gonçalo M. Tavares: vida e obra, discorrendo informações sobre o escritor e trazendo a fortuna crítica, produções acadêmicas que possuem como foco o romance do autor português. Há um subcapítulo intitulado “*Jerusalém* e a tetralogia *O reino*”, no qual se comenta a relação do primeiro livro com outras três narrativas que se passam no mesmo mundo ficcional, abordando guerras, dores e loucura.

No segundo capítulo, adentra-se na teoria de Arthur Schopenhauer, a qual apresenta a dor como uma condição do mundo. Pelo seu estilo pessimista, Schopenhauer disserta sobre a dor no âmbito da sociedade, da política, do amor, da moral e da religião. Neste capítulo, o leitor irá se deparar com uma visão que aceita o sofrimento, sem esperanças de superação, entendendo as “amarguras” da vida não somente como naturais, mas imutáveis.

Na parte seguinte, trata-se da dor na filosofia de Friedrich Nietzsche. Em certas partes, se notará concordância entre os pensamentos de Nietzsche com Schopenhauer, mas desenvolvendo-se o capítulo, perceber-se-á que Nietzsche, mesmo também considerando o mundo como um cenário doloroso, não o aceita, expondo então, em sua visão filosófica, maneiras para combater

as dores e os traumas, as limitações impostas pela existência e sociedade. O pensador critica a moral, a religião e a aceitação dos males, divergindo de Schopenhauer.

O uso de dois teóricos que, a princípio, possuem ideias que entram em conflito se aproximadas, tem como finalidade apresentar para o leitor duas possibilidades de análise acerca da dor e do comportamento das personagens.

Depois da perspectiva filosófica, há o capítulo “Noções sobre o trauma”, em que se tratará do assunto usufruindo-se de textos de Sigmund Freud e Seligmann-Silva. Com o primeiro, explorar-se-á o trauma pelos sintomas neuróticos e a relação com a ausência de prazer. Já com o segundo, falar-se-á de trauma e cultura, em como as catástrofes estão presentes na vida humana, do mesmo modo em que se discorrerá, brevemente, sobre a relação do trauma com o testemunho.

Após o desenvolvimento teórico, com pontos de vista a discutirem a dor e o trauma de diferentes maneiras, começar-se-á a análise com o capítulo “Dor e trauma em *Jerusalém”.* Inicia-se com um subcapítulo chamado *“*Uma breve relação do romance com Auschwitz”, em que, a partir das palavras de Primo Levi e Zygmunt Bauman, pensadores que tratam em suas teorias as consequências do Holocausto, será estabelecido um comparativo entre determinadas situações no romance com tal período histórico.

Seguindo-se no capítulo, serão discutidas a importância do espaço e do tempo e sua relação com os sofrimentos das personagens. Estas serão estudadas, com base nas teorias comentadas, interpretando como tais figuras reagem às dores e traumas.

Busca-se, gradativamente, direcionar o processo analítico de tal dissertação, passando pelas informações de autor e obra, apresentações teóricas e observações baseadas nestas teorias. *Dor e trauma em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares* tenta, de algum modo, refletir não apenas sobre estes assuntos junto à literatura, mas demonstrar como estes aspectos negativos e de maldade humana formam “vítimas”, levando diferentes indivíduos dentro da narrativa, por um caminho desgastante, fazendo-os sucumbirem.

1. GONÇALO M. TAVARES: VIDA E OBRA

Gonçalo M. Tavares nasceu em Angola em 1970, tendo em seguida rumado para Portugal, ainda criança. É considerado um dos importantes autores da contemporaneidade. Possui elevado número de obras publicadas, sendo vencedor dos prêmios José Saramago, em 2005, e prêmio Portugal Telecom, de 2007.

Sua produção abrange diversos gêneros, desde romances, contos, crônicas, poesias e epopeias. As temáticas são variadas, desde situações do cotidiano, passando pela investigação da loucura, da dor e do trauma, com cenários conflituosos a representarem a maldade humana. As narrativas não retratam Portugal, sua história e seu povo. Os cenários, normalmente, não são nomeados, tratando-se de períodos pré ou pós-catástrofes.

Predomina nas produções do autor um narrador em terceira pessoa, onisciente dos acontecimentos. A exceção é o livro *Canções mexicanas* (2011), no qual há um narrador em primeira pessoa, e os acontecimentos se passam na Cidade do México.

Em entrevista à editora Saraiva[1], Gonçalo comenta sobre a sua produção criativa, falando da importância da leitura para se escrever bem, vendo esta não como trabalho, mas como atividade. Considera que o escritor, para exercer com qualidade a sua função, precisa de um “esconderijo” para produzir, e não só um espaço, um local, como também um esconderijo em relação ao tempo, momentos destinados puramente para leitura e escrita. O andar pela cidade e a observação do comportamento das pessoas contribuem para a produção, segundo o escritor português.

Em entrevista para o canal de internet *Imagem da palavra*[2], Gonçalo comenta, em determinado momento, sobre a tetralogia *O Reino*, definindo-os como livros que desencantam, livros negros que representam a maldade. Ao falar especificamente de *Jerusalém*, é questionado sobre a relação do romance

[1] Entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=41m3TF9BDmI

[2] Entrevista dividida em três parte: parte 1 - https://www.youtube.com/watch?v=zVcoUHoGIy8; parte 2 - https://www.youtube.com/watch?v=UA13VVdk2K4; parte 3 - https://www.youtube.com/watch?v=f_UKKWtgskw

com grandes períodos históricos envolvidos por guerras e catástrofes. No ver de Gonçalo M. Tavares, o livro não retrataria nenhuma situação específica, mas sim a ideia de guerra no geral, sendo a narrativa uma história a possuir os estilhaços de uma guerra que já passou.

Sobre a fortuna crítica, acessando a Plataforma Lattes, encontra-se um número considerável de produções acadêmicas centradas em seus escritos. Dar-se-á maior destaque às relacionadas ao romance *Jerusalém* e com as ideias que dialogam com a dissertação proposta.

No artigo *Entre a memória e o esquecimento: a representação da dor em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares* (2008), escrito por Natália Ubirajara Silva, problematiza-se sobre as ideias de dor e de memória. No ensaio, discorre-se sobre a importância dessas sensações na esfera social, a qual tenta esquecer e repudiar a relevância e existência dos sofrimentos na história do mundo. Em contraponto, há a arte como veículo que possibilita refletir quanto a essas noções e incluí-las em um meio, tentando desconsiderar o que traz tristezas, apenas considerando de valor as sensações de felicidade.

Silva aponta que *Jerusalém* lida com a problematização da dor e da memória. Resgata figuras como os loucos, os doentes e outros, atingidos por vivências dolorosas. Enfatiza serem os momentos de sofrimento uma constante, presentes nos mais diferentes tipos de personagens e se manifestando de diversas maneiras.

Em *A ciência e o terror totalitário em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares* (2013), de Maria Isabel da Silveira Bordini, destaca-se o totalitarismo no romance, especificado nos acontecimentos históricos envolvendo o Holocausto e o período nazista. Ali são feitos comentários sobre a tetralogia *O Reino*, que tem como um de seus livros *Jerusalém*, observando-se os temas principais do autor.

No artigo, a autora discorre sobre a “normalidade” apresentada na tetralogia quanto à abordagem de momentos relacionados com a guerra e outros conflitos. Reflete sobre os fundamentos da relação humana e seu convívio em sociedade, problematizando os valores que atuam em tais relações. Comenta-se acerca do Holocausto ao examinar o personagem Theodor Busbeck.

Em *Fome! – Carência e voracidade em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares* (2012), Carla Severo Trindade investiga o papel e a influência da fome, que gera uma postura passiva ou ativa nas personagens. Trazendo tal fome um traço marcante em suas personalidades e nos acontecimentos que se passam na narrativa.

A autora desenvolve, separadamente, as análises dos personagens. Observa a presença da fome nos loucos do hospício Georg Rosemberg pelo estranho, pela ilógica, pela loucura. Pensa na fome, ao falar de Ernst Spengler e Kaas Busbeck, no sentido de suas saúdes e condições físicas debilitadas, manifestando-se como uma fraqueza. Diferentemente, a sensação em Mylia possui características positivas, pois se porta como um lembrete de que está viva e que permanece existindo, se sobrepondo à dor que considera um mal, podendo matá-la.

No artigo *Loucura e ruína em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares* (2013), escrito por Lucas Antunes Oliveira, estuda-se a partir da perspectiva metafórica da loucura, e a mesma tendo como objetivo apresentar a história como ruína.

Neste caso, examina a loucura nos personagens Theodor e Mylia. Analisa o papel dos estudos de Theodor Busbeck acerca do horror durante a história, observando sua visão racionalista sobre as catástrofes que ocorreram e podem vir a ocorrer. A loucura de Mylia funcionaria como uma espécie de estado, a torná-la incontrolável e imutável. Indica também a presença do Holocausto, como um acontecimento que “ronda” o romance, sendo este uma alegoria com o intuito de representar os efeitos deste momento histórico.

Tal nos artigos acima, *A memória do Holocausto em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares* (2009), autoria de Ângela Beatriz de Carvalho Faria, trata da presença do Holocausto na ficção. Comenta sobre como as personagens aparecem dilaceradas, defeituosas física e psicologicamente em uma cidade desolada.

Observa serem raros os momentos de solidariedade entre as personagens, predominando a barbárie. Atenta para a presença das cenas do horror nas pesquisas de Theodor Busbeck, assim como a ausência da esperança. Ângela Faria fala sobre o efeito do livro no leitor, atingido por um mundo angustiante no qual há seres de identidade estraçalhada, vagando por ruas vazias.

Na tese *A literatura de Gonçalo M. Tavares: Investigação arqueológica e um dançarino sutil nas esferas O Bairro e O Reino*[3] (2012), escrita por Júlia Vasconcelos Studart, reflete-se sobre o processo de escrita do autor. Aponta quanto a grande produção de Gonçalo, salientando a amplitude nas temáticas e a não identificação de espaços em que se passam as narrativas. Define-o como um escritor "sem mapa", por não abordar suas ideias explicitamente em relação a locais como Portugal e África e, assim mesmo, consegue tratar da realidade de tais países.

Sobre a criação de *O Reino,* Júlia Studart observa ser uma produção poética e crítica que trata da realidade humana, discorrendo quanto à relação das personagens com o ambiente da guerra. Diz estarem estes em meio a espaços (as cidades) reconfigurados, transformados pelos efeitos das atrocidades.

No panorama geral, a fortuna crítica aqui pesquisada teve como finalidade trazer produções que investigam *Jerusalém* e/ou a tetralogia *O Reino.* Produções que se aproximam com a temática do holocausto, alimentando a discussão em torno da dor e dos traumas sentidos. Objetos de pesquisa aqui desenvolvidos.

1.1 *Jerusalém* e a tetralogia *O Reino*

Jerusalém (2004) é uma ficção que se passa em um cenário pós-guerra, tendo como espaço uma cidade não nomeada. O livro retrata a situação de personagens que vão se encontrando e se envolvendo uns com os outros. Tem-se aqueles ligados ao hospício Georg Rosenberg (Theodor, Mylia, Ernst, Gomperz) e os de vida e percursos diferentes (Hinnerk, um ex-soldado que combateu na guerra; Hannah, uma prostituta).

O tempo na narrativa varia entre o presente e o passado, ora focado nos acontecimentos do momento, ora em lembranças, *flashbacks*, demonstrando a origem das personagens e suas relações com o meio e com outros personagens. Não há necessariamente um protagonista, a narrativa dá um

[3] O critério usado para trazer como parte da fortuna crítica uma tese que abrange não apenas *Jerusalém,* como outros livros do autor, se deve a haverem observações de grande utilidade feitas sobre o tipo de escrita e temática adotado por Gonçalo.

pouco mais de atenção para Theodor e Mylia, porém a cada capítulo isso muda, destacando diferentes figuras da ficção.

Jerusalém (como já falado na fortuna crítica) faz parte de uma tetralogia chamada *O Reino*. As outras obras que fazem parte são: *Um Homem: Klaus Klump* (2003); *A máquina de Joseph Walser* (2004); e *Aprender a rezar na era da técnica* (2007). Todas se passam em um mesmo mundo, mostrando os efeitos da guerra, evidenciando personagens complexos e problemáticos. É possível ler cada livro independentemente, porque, por mais que as histórias dialoguem entre si, não seguem uma ordem específica.

Um Homem: Klaus Klump traz a personagem Klaus Klump, editor de livros, apaixonado pela literatura e envolvido com questões políticas. Um homem que procura se relacionar o menos possível com a guerra, até esta chegar à cidade. O clima de guerra cerca todo o ambiente da narrativa, funcionando como uma personagem onipresente na obra, afetando os cidadãos. Uns obedecem aos soldados invasores; outros fogem e se refugiam na floresta; alguns acabam mortos. O romance apresenta as mudanças pelas quais passam os personagens devido ao clima de tensão.

A máquina de Joseph Walser conta a história de Joseph Walser, uma personagem "desapegada" da vida, sem objetivos e desmotivado. Vive um casamento frustrado. Poucas atividades lhe trazem prazer. O trabalho é uma delas. Manusea a sua máquina na fábrica, e a coleção de "peças únicas" que possui. Organiza os dias em dois simples afazeres: o trabalho e o descanso. No segundo afazer se reúne com os amigos para jogar dados, e cuidar de sua coleção. Em meio a seus compromissos, a guerra começa a se fazer presente na cidade, e Joseph Walser a ignora, interessando-se somente em sua existência "mecânica".

Em *Aprender a rezar na era da técnica*, o leitor é apresentado à personagem Lenz Buchmann, um médico que tem por objetivo combater as doenças que representam a fraqueza humana. Educado por um pai que sempre o incentivou a "atacar", Buchmann possui como principal característica o desejo de obter poder e ser superior, não se deixando afetar pela "simplicidade" e limitação alheia, pela aceitação da doença.

Com o bisturi em mãos, Buchmann sente-se capaz de controlar e impor sua vontade contra a morte. Seguindo uma doutrina de honrar o nome da

família, abdica da medicina e ruma para o cenário da política, procurando curar não mais um único indivíduo, mas uma cidade inteira, expandindo as suas habilidades.

Tratam-se de quatro obras que expõem o tema da loucura e do horror. Seguidamente, há a presença de personagens de uma obra em pequenos momentos de outra. Os livros dialogam entre si, apresentando um mundo sem afetos, marcado pelo desejo de destruição e obtenção de força. Não é por acaso que o autor os denomina como “livros negros”[4].

Portanto, *Jerusalém* e a tetralogia expõe a realidade assinalada pela maldade e pelas dores, interrogando acerca de uma humanidade perversa.

[4] Em algumas entrevistas, incluindo a dada para o canal Imagem da Palavra, Gonçalo comenta que *O Reino* são livros com o objetivo de “desencantar o leitor, livros negros a denunciarem a maldade”.

2. A DOR NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) traz em sua teoria a relação entre homem e mundo, enfatizando a presença da dor no percurso da humanidade, e como a mesma é natural da vida. Schopenhauer considera o sofrimento uma realidade, impossível de se desfazer, afirmando que todos estão destinados a ele, havendo apenas a morte como fuga e libertação. Devido a tal perspectiva, é visto como um filósofo pessimista.

O livro *As dores do mundo* será a base usada para desenvolver o pensamento schopenhaueriano, em que se focará nos temas relacionados com as dificuldades existentes no caminho do homem e seu conflito existencial. Schopenhauer apresenta a influência da dor nos aspectos da vida humana, fazendo-se presente na sociedade, na política, no amor, na moral. Em suma, são expostos os principais pontos da visão de mundo como espaço de angústia e sofrimento.

2.1 Schopenhaeur e *As Dores do mundo*

Schopenhauer aborda diversos temas, relacionando-os aos dramas da existência. O filósofo observa o mundo sem as menores idealizações, e também sem esperanças de mudança.

O pensador fala, inicialmente, sobre o fardo de existir e como a realidade humana é constituída por essa desagradável dor, sendo esta a finalidade da vida. O bem-estar e a felicidade, que, normalmente, são vistos como bons, acabam definidos pelo filosófo negativamente. A dor, pelo contrário do que se costuma pensar, é considerada com características positivas e úteis. Schopenhauer considera um equívoco das ideias metafísicas ver o mal apenas como algo negativo:

> Não conheço nada mais absurdo que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir... O bem, a felicidade, a satisfação são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar em desgosto. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 26)

Uma das qualidades importantes da dor é o fazer-se sentir, esse aspecto de lembrete de que devido as sensações ruins se está vivo. A dor desperta a atenção e percepção do sujeito, evitando que haja o esquecimento quanto às desgastantes dificuldades existentes em torno de cada um.

Schopenhauer considera como método de consolação, para uma desgraça sentida, olhar em volta e observar aqueles que sofrem. O pensador alemão questiona o sentimento de “amor ao próximo”, deixando claro o gosto e, como antes dito, a consolação sentida pelo homem quando percebe a desgraça a atingir outros, pois os problemas “alheios” tranquilizam.

Para o filósofo, a dor e o sofrimento se fazem presentes ao longo dos tempos, com a humanidade sempre cercada por guerras, envolvida em disputas violentas. Tal consideração é evidenciada abaixo:

> Na vida dos povos, a história só nos aponta guerras e sedições: os anos de paz não passam de curtos intervalos de entreatos, uma vez por acaso. E, da mesma maneira, a vida do homem é um combate perpétuo, não só contra males abstratos, a miséria ou o aborrecimento, mas também contra outros homens. Em toda parte encontra-se um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 26)

Por mais que possam ser considerados somente prejudiciais as questões acima expostas, Schopenhauer as acha essenciais para evitar a arrogância, a ponto de levar o homem a destruição. A miséria e o sofrimento controlam o ego, evitando o surgimento da sensação de grandiosidade. Faz perceber ser apenas uma pequena peça sem força, lembrando-o da sua mortalidade.

Segundo o filósofo alemão, a dor serve também para evitar que o homem caia no tédio e na acomodação. Considera que, se o homem vivesse sem os seus problemas, mágoas e cicatrizes, destruir-se-ia por causa do tédio. A ausência de dificuldades traria desgosto.

Percebe-se a necessidade e a importância do sofrimento. Sem este, a vida se transformaria em caos, potencializando a quantidade de guerras e matanças. O sofrer impregna a essência do homem. Ele não seria prejudicial, mas agiria apenas como um controle de seu comportamento. Sem o sofrimento, poderiam haver mais catástrofes. Os “males” servem para controlar o caos.

Schopenhauer define a realidade como infernal, envolta pelas ações de figuras conflituosas e prejudiciais: “O mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 28). Tal perspectiva considera o espaço humano um local de punição, e acredita serem cada um dos sujeitos gerados, direcionados e moldados para as suas finalidades através do sofrimento, o qual, mesmo possuindo pontos positivos, ainda causa desespero por seu intenso se fazer sentir, que machuca e fere.

José Thomaz Brum, no livro *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche,* observa tal perspectiva de realidade e sociedade diabólicas pensadas por Schopenhauer. Para Brum, “O mundo em si é ‘imperfeito e enganador’ e, além disso, o homem é um ser cruel para ele mesmo. [...] uma fonte de males para si mesmo” (BRUM, 1998, p. 41).

O mundo seria o reflexo dos atos humanos. Uma realidade lapidada pelo sentimento de culpa formado pela dor, a ser carregado por cada um, seja pela tristeza sentida ou pela tristeza causada. A sociedade existe, por essa lógica, com base nas atrocidades praticadas por ela mesma. A vida torna-se provações, testes dolorosos, devido aos atos desastrosos cometidos pelo próprio homem.

Em virtude das enormes proporções de desespero e da sensação de responsabilidade perante à realidade a ser vivida, a morte é, para o pensador, uma alternativa para que cesse as perturbações. Discorre sobre a culpabilidade em existir, o fardo das dores em que a humanidade é envolvida:

> Se a nossa existência é de tal modo miserável, e tem por desenlace a morte, é porque temos continuamente essa culpa a expiar. De um modo geral, não há nada mais certo: é a pesada culpa do mundo que causa os grandes e inúmeros sofrimentos a que somos votados (SCHOPENHAUER, 2014, p. 29)

O homem é responsável pelas misérias existentes. Por criar sofrimentos, o resultado reflete-se no seu espaço, formando um mundo definido como infernal. O filósofo observa não haver outra maneira de pensar a realidade, e muito menos de considerar a possibilidade de mudá-la. Assim é, por assim o homem ser.

A morte seria uma espécie de solução, por ser um inevitável término, um ponto final inquestionável. Usa o termo “alívio” para tal encerramento: “Parece que o fim de toda a atividade vital é um maravilhoso alívio para a força que a mantém: é o que explica, talvez, essa expressão de doce serenidade espalhada sobre o rosto da maioria dos mortos” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 86). A possível ideia de paz, ou no mínimo de ausência dos fardos que o homem carrega, faz-se possível, unicamente, com a chegada da morte.

Um caminho que contribui para aceitar essa “solução” dolorosa está presente na religião cristã, a qual torna o sofrimento natural, atentando que cada um sofre e passa pelas penitências merecidas. É uma maneira metafísica de justificar e conscientizar o sujeito quanto à existência, dando a entender que os momentos de desespero é um degrau para a elevação. Suporta-se, portanto, a agonia com naturalidade.

O pensador “pessimista” segue raciocínio semelhante. Todavia, diferente da religião, que muitas vezes crê no após a morte, ele acredita no merecimento dos sofrimentos e no alívio depois da vida, com acréscimo de haver o “nada” depois da morte, isto é, um vazio. Como bem observa Brum, Schopenhauer crê em um vazio na morte, um abdicar da vontade, uma “Negação do querer – viver” (BRUM, 1998, p. 49).

Agarrar-se à vida seria visto como ingenuidade e imaturidade, relacionadas a indivíduos tolos ou jovens. Partindo dessa ideia, Schopenhauer comenta sobre as diferenças entre a juventude e a velhice. A primeira é envolvida por uma ilusão de felicidade, pela alegria do desconhecimento, da vida e suas paixões. A segunda é a fase do receio, da percepção da realidade em que as paixões e as ilusões se desfazem.

Na velhice, as paixões dão lugar a indiferença, ao desinteresse e, por consequência, a uma coerente percepção do desgosto humano, na visão schopenhaueriana. Percebe-se o mundo enquanto local dos erros e do acaso, dominado pela loucura e pela maldade do homem.

Para o filósofo, sempre será assim, uma realidade encoberta por dramas, desgraças e tragédias. “[..] a história de uma existência é sempre a história de um sofrimento, porque toda carreira percorrida é uma série ininterrupta de reveses e de desgraças” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 32).

As ideias do filósofo alemão tentam caracterizar uma existência na qual seja incoerente, e mesmo impossível, sentir felicidade. Por mais que o homem sonhe com tal vontade, ao refletir e analisar a realidade, alcançar tal desejo se mostra inviável.

Mesmo assim, Schopenhauer fala sobre a felicidade, constatando que a mesma se encontra no futuro, como projeção e esperança, ou no passado, como saudade. O presente é uma “nuvem sombria”, ali ocorrem as dificuldades por ser o real, por se fazer sentir através da dor, enquanto o passado e o futuro são ilusões, idealizações.

Ademais, o pensador considera o tempo passado algo morto, dando a entender apenas interessar o agora, pois o homem existe nele e somente nele. “O homem só vive no presente, que foge irresistivelmente para o passado, e afunda-se na morte (..) a sua vida de ontem acha-se completamente morta, extinta: deveria, portanto, ser-lhe indiferente à razão que esse passado fosse feito de gozos ou de tristezas” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 33).

A vida, por tais considerações, é um dever, um exercício cheio de dificuldades, onde não há espaço para o gozo. O clima é de tensão, exigindo-se, a cada instante, esforço para sobreviver. Formam-se disputas, resultando em uma miséria geral. A vida mostra-se um campo de batalha, uma imagem de homens estirados ao chão, derrotados, sem forças.

E se, por ventura, tenta-se esboçar uma reação contra o sofrimento, o filósofo afirma ser “perda de tempo”:

> Os esforços sem tréguas para banir o sofrimento só têm o resultado de o fazer mudar em figura. Na origem aparece sob a forma da necessidade, do cuidado pelas coisas materiais da vida. Conseguindo-se, à custa de penas, expulsar a dor sob esse aspecto, logo se transforma e toma mil formas diferentes, segundo as idades e as circunstâncias; é o instinto sexual, o amor apaixonado, o ciúme, a inveja, o ódio, a ambição, o medo, a avareza, a doença etc. etc. Se não encontra outro acesso livre, toma o manto triste e pardo do tédio e da saciedade, e então, para combatê-la, é preciso forjar armas. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 34)

O sofrimento possui variadas faces. Chama-se a atenção para o risco de, nessa busca do homem na tentativa de se desvencilhar da dor, cair no aborrecimento. Este é capaz de destroçar o homem, tornando-o sem perspectivas. Antes sofria, mas continuava agindo, nesse caso se cai em um

estado de inércia, ou, como afirma José Thomaz Brum em um vazio: “O tédio é o fundo vazio que surge quando tudo parece satisfeito” (BRUM, 1998, p. 39).

O método para evitar o aborrecimento é a cautela e a prudência, deixar-se levar pelas dores da vida de modo consciente, refletir, senti-las a ponto de permitir que o formem como sujeito. Todavia, o sofrimento e os impasses continuarão a se fazer presentes na realidade, encerrando-se na morte, a qual é um medo ainda maior sentido pelo homem por significar o término de tudo, incluindo o de suas vontades. Nessa questão, desaparece a sensação de que se carrega um fardo existencial, o homem, contudo, não deseja desaparecer, e também não deseja sentir dor.

Não obstante, existem, mesmo nesse mundo, prazeres. Na perspectiva schopenhaueriana, o prazer torna insensível, indiferente, senhor de si. Põe o sujeito em uma posição de tranquilidade, semelhante ao tédio, dando-lhe a impressão de superioridade e displicência.

Schopenhauer adjetiva a vida como um espetáculo, relacionando-a a momentos trágicos e cômicos. Um caminho que percorre por pontos altos e baixos, ora sofrendo devido a calamidades, ora rindo-se por dissimulações. Encontra tais dissimulações a partir de pensamentos “fantasiosos”, com o indivíduo intencionando mentir para si mesmo quanto a ausência de sofrimento.

A vida, segundo Schopenhauer, é marcada pela combinação de desastres e falsas esperanças. Desse modo, apresenta-se não somente confusa, mas cheia de tormentos, a qual leva o ser humano a cometer atos pérfidos, assumindo comportamentos perturbadores. Tais constatações levam o filósofo a definir o homem como “o diabo do próprio homem”, pela sua instabilidade emocional e por uma compulsão a prejudicar o outro:

> Este mundo, campo de carnificina onde entes ansiosos e atormentados vivem devorando-se uns aos outros, onde todo o animal carnívoro torna-se o túmulo vivo de tantos outros, e passa a vida numa longa série de martírios, onde a capacidade de sofrer aumenta na proporção da inteligência, e atinge portanto no homem o mais elevado grau (SCHOPENHAUER, 2016, p. 38)

Porém, para Schopenhauer, existir significa mais do que simplesmente passar por martírios e provações. É uma verdadeira punição, uma equação a

qual a resposta final é o sofrer, é a dor. Informa que, quando há o querer, o sofrimento se intensifica:

> “Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor. Quanto mais elevado é o ser, mais sofre... A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 39).

Abandonar as vontades, segundo o filósofo, é a maneira de haver menos sofrimento, a chance de se ter uma vida menos destrutiva e dolorosa. Devido à vontade, a sociedade se prejudica.

A criação de uma realidade diferente, de esperanças e felicidades plenas poderia ser encontrada no amor. Entretanto, o pensamento do filósofo desfaz o mito do amor ou sobre qualquer afeto, considerando-o como um instinto natural dos sexos, sem a menor idealização e com a finalidade de apenas visar a procriação e um desejo de posse:

> Por muito desinteressada e ideal que possa parecer a admiração por uma pessoa amada, o alvo final é na realidade a criação de um novo ser, determinado na sua natureza: prova-o o fato de o amor não se contentar com um sentimento recíproco, mas exigir a posse, o essencial, isto é, o gozo físico. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 47)

A mostra de ser o mundo marcado pela dor se comprova com a própria forma de se interpretar as relações amorosas, movidas pelo desejo de saciar o ego. Considera-se, inclusive, a reprodução, o ente a ser gerado, como o prolongamento das suas existências. Em suma, “uma imortalização” do egoísmo.

Ao falar do egoísmo, uma das bases das relações humanas segundo o filósofo, Schopenhauer diz que o mesmo inspira o terror, um pensar em si mesmo ilimitado, focando na preservação de sua própria existência e bem-estar. Questão a dar passagem para a maldade, a intenção de ferir o outro pelo prazer, pelo gosto, por uma ideologia. A maldade nasce do pensamento visando um “eu”, não se importando com leis morais ou altruísmo. Egoísmo e crueldade são fatores interligados, que formam um mundo conflituoso, gerando dor conforme os objetivos.

Nesse sentido, por mais que o homem esteja condicionado a tais sentimentos, surge na consciência, a angústia e o arrependimento, uma

manifestação, poder-se-ia dizer, da razão. Mesmo assim, o pensamento volta-se a para o eu, porque segundo o pensador “A angústia e o arrependimento causados pelos nossos atos não são muitas vezes outra coisa senão receio das consequências” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 107).

Ainda que surjam ideias e sentimentos mais “nobres”, a fonte de tal comportamento é o medo, isto é, o receio de arcar com o resultado de seus atos, com a possibilidade de trazer mais desgostos.

Ao demonstrar, novamente, as contradições no homem, o filósofo discorre sobre uma peculiar causa, inversa às duas anteriores, de mover as ações de uma pessoa, que no caso viria a ser a piedade. Um sentimento de compreensão para com seu semelhante, definindo-o como “ O princípio real de toda justiça livre e de toda caridade verdadeira” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 109).

Schopenhauer estabelece uma forte relação entre piedade e humanidade. Incorpora a definição de “fora da humanidade” para aquele sujeito que venha a não conhecer esse tipo de atitude. Portanto, a piedade seria a categoria que afastaria o homem da obscuridade. Ela significa a justiça e a solidariedade, que possibilita formar uma sociedade. Diante do sujeito piedoso, as angústias seriam suportáveis.

A humanidade é, segundo o pensamento schopenhaueriano, assinalada pelas oposições dos sentimentos de inveja e piedade. A inveja distancia os homens, impõe discordâncias e impasses. A piedade os aproxima, forma as relações que, por mais a serem envolvidas por interesses pessoais, amenizam os sofrimentos. Do conflito entre os dois sentimentos opostos, surge uma característica fundamental do homem: a aflição.

O pensador escreve que aflição é uma necessidade sentida pelo homem que precisa se sentir incomodado. Para intensificar tal sensação, cria-se um mundo imaginário, pensa-se na metafísica, crê-se em superstições para desvalorizar e tornar demasiado maçante o dia a dia na terra. Define-se a vida mundana como uma passagem, resultando de sua dor não mais a reflexão e a formação do sujeito, mas apenas o sofrer pelo sofrer, sem finalidade e lógica. Apela-se para uma fuga da realidade, sendo esse espírito humano desejoso de uma vida a qual ele seja senhor de si, sem obstáculos. Por outro lado, pode-se considerar essa “fantasia” a razão de significativos sofrimentos.

No ver do teórico, devido a seguir a crença no místico e o usando de pretexto para alcançar seus desejos, o sujeito diminui-se como mortal, inventando proibições a intensificarem os problemas, com a finalidade de usar a metafísica, especificamente o religioso, como justificativa. Por esse artifício, passasse a existir na terra e suportar o sofrimento alheio como algo merecido e passageiro.

No seu íntimo, segundo o filósofo, o homem é um animal selvagem, uma fera instintiva. Só o conhecemos domesticado, domado e civilizado, e mesmo assim ele age como uma besta, espalhando as mais diversas maldades ao seu redor. Independente das doutrinas e proibições que surjam para tentar impedi-lo, sempre buscará a realização dos seus desejos.

Portanto, ao pensar em uma sociedade civilizada, tendo por base a piedade como mecanismo de aproximação entre os homens, nota-se a marca "pessimista" de tal filosofia. Considera-se o mundo civilizado como uma "mascarada de aparências", em que cada um procura ser aquilo que não o é, visando apenas ludibriar, obter ganhos:

> O nosso mundo civilizado não passa de uma grande mascarada. Encontram-se aí cavaleiros, frades, soldados, doutores, advogados, padres, filósofos, e que mais se encontram ainda? Não são, porém, o que representam: são simples máscaras sob as quais se ocultam geralmente especuladores de dinheiro. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 131)

Por fim, percebe-se que a teoria representa o mundo como um campo de dor para o homem, que distribui sofrimentos com base nos seus gostos e desejos. Os impasses formam o que o homem é. Procura-se a libertação do sofrer, contudo esse é um elemento presente na vida humana, que, mesmo "enfeitada" pela mística ou pela falsa sensação de independência, tem como realidade a dor, essa sensação que direciona a história da humanidade.

3. A DOR NA FILOSOFIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Nas palavras do escritor alemão Thomas Mann (1875 – 1955), o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi um dos mais importantes pensadores do século XX, e da filosofia em geral. Em *Pensadores modernos: Freud, Nietzsche, Wagner e Schopenhauer*, Thomas Mann o define do seguinte modo: “Um homem que será levado a querer do conhecimento uma crueldade maior do que sua mente podia suportar, e que oferece ao mundo o espetáculo de sua própria comovente crucificação” (MANN, 2015, p. 234).

Devido a tais características, a filosofia de Nietzsche constitui-se a partir da crítica à moral, do combate do sujeito contra o mundo e as leis impostas pela sociedade que o cerca, que o mantém preso a correntes ideológicas, religiosas, patrióticas. Uma ideologia que vai contra tudo aquilo que pode oprimi-lo e afetar a sua identidade, mesmo que venha a causar dor.

José Thomaz Brum, em seu livro *Nietzsche: as artes do intelecto*, sintetiza as ideias do filósofo como um “Pensamento que tem na insatisfação e na auto renovação características marcantes [...] a crítica da moral e da cultura. Aspecto destruidor e questionador que tem como alvo o edifício de valores construído à sombra dos ideais judaico cristãos” (BRUM, 1986, p. 9 – 10).

Em seu pensamento, valoriza questões como o ponto de vista, os instintos, a subjetividade do indivíduo, a liberdade comportamental. Em contraponto, desfere ataques às convicções e aos preconceitos filosóficos, a moral dogmática, ao cristianismo e a metafísica. Estes fatores se ligam a concepção de sofrimento, presente em sua teoria.

Sua escrita, feita por aforismos, tem como marca uma linguagem poética, metafórica. Como base da teoria nietzschiana, há leituras de autores como Shakespeare, Goethe e Dostoievski, aproximando as impressões de Nietzsche com a literatura. Possibilitando, desse modo, ser usada como base teórica para análises literárias.

3.1 *Além do bem e do mal: a moral e sua relação com a dor*

A época em que o filósofo desenvolve as ideias de *Além do bem e do mal*, continuação de seu *Assim falou Zaratustra*, o século XIX sofria com

mudanças. O homem moderno, uma mescla de diferentes laços sanguíneos e ideias a se fazer presente na Europa, ganhava forças do mesmo modo que o moralismo. A vontade, tão defendida nessa teoria, estava estagnada, com Nietzsche definindo o europeu, especificamente o alemão, como um povo precário em vontade, sujeito a dor.

Nietzsche inicia criticando a superstição a envolver a alma, enfatizando seus aspectos incoerentes que rodeiam esse mito envolvido com muitos dos sofrimentos passados pelo homem. Demonstra essa primeira questão com a falha ideia do “espírito puro”, que tenta definir aquilo que viria a ser considerado como um ser “bom”:

> [...] se deva admitir que o mais grave, o mais duradouro e o mais perigoso de todos os erros cometidos até agora tenha sido um erro de dogmático, a saber, a invenção platônica do espírito puro e do bem em si. [...] Falar do espírito e do bem conforme Platão o fez significa, de fato, colocar a verdade e pernas para o ar. (NIETZSCHE, 2014, p. 18)

Nietzsche questiona, a partir do espírito puro, as definições de “bom e ruim” a seguirem passos metafísicos, a envolver a alma e exigirem um comportamento padrão e adequado do homem. Afirma que há uma ligação entre a mente e os instintos, que suas perspectivas e ideais estão ligados à sua vontade e a seus impulsos, sendo preciso explorar essa relação. Do contrário, o indivíduo se reprime, estando preso a definições e regras estabelecidas, preso à moral.

Seguindo o raciocínio, é estabelecido um ponto entre as origens da moral, o orgulho, enfatizando: “Vosso orgulho quer prescrever e incorporar à natureza, inclusive à natureza, a vossa moral, o vosso ideal” (NIETZSCHE, 2014, p. 29). Ou seja, o preconceito e arrogância a formarem o orgulho se espalham ao redor do espaço social, gerando a moral que domina e cria uma separação entre os homens.

A partir disso criam-se as certezas e verdades absolutas tão criticadas na filosofia nietzschiana, despertando uma ignorância total no sujeito, formada pelos antes já discorridos preconceitos e superstições. Por isso, aponta que a psicologia humana se encontra presa por definições e temores morais, a simplificar a vida em falsas conclusões e tornar tudo mais doloroso.

Atenta para os motivos da busca do homem pela verdade, as razões que o fazem desejar obter respostas. Nota que há na vontade o surgimento dos julgamentos e obsessões (vindos dos vulgos intelectuais) a focarem somente na própria perspectiva. A procura por uma verdade é criticada se acaba por gerar sofrimento, quando o envolvimento junto a uma ideia torna aquele o qual deseja obter o conhecimento um lunático ou um mártir.

O desejo pela verdade pode vir a ser tão perigoso quanto se perder nas mentiras da metafísica e da moral. Ambos os caminhos podem corromper o homem intelectual, mas não somente ele. Qualquer pessoa, nas devidas proporções, é influenciada, sendo essa uma possibilidade de um dos princípios do sofrimento humano.

Para se afastar de tal sofrimento, o filósofo discorre sobre a utilidade da solidão, sendo possível assim formar um "bom" ser humano. "Escolhei a boa solidão, a solidão livre, deliberada, leve, que também vos dá um direito de permanecer bons em algum sentido!" (NIETZSCHE, 2014, p. 50). Importante entender que a solidão não é somente para afastar o sofrimento, mas também de se distanciar do pensamento social, dos impedimentos impostos pelos grandes grupos. Serve como uma ferramenta de reflexão.

Para o filósofo, o espaço envolvido pela moral social dominante impede o homem de crescer, nivelando-o por baixo. Criando obstáculos em seu caminho. Faz com que se porte ingenuamente, aceitando "verdades absolutas". É preciso, na visão do pensador alemão, superar a moral através da ação e conscientização. O termo denominado, para adquirir tal postura, chama-se *vontade de poder*.

A vontade de poder (ou de potência) é aquele poderoso impulso capaz de fazer o sujeito atingir ou não aquilo que deseja, havendo diferentes níveis em cada pessoa que, por consequência, acaba por fazer uns se sobressaírem aos outros. Uma força a qual define a realidade tanto individual quanto coletiva. "Toda força atuante como: vontade de poder. O mundo visto de dentro, o mundo definido e classificado no seu 'caráter inteligível' – ele seria precisamente 'vontade de poder' e nada além disso." (NIETZSCHE, 2014, p. 63).

As dores são resultado do confronto entre as vontades de poder. Por exemplo, pense-se na exploração, uma das ferramentas a criar tormentos em

diversas “almas”, Nietzsche aponta não ser esta própria de sociedades corrompidas ou imperfeitas, ela existe nos seres vivos, é um resultado, uma consequência direta da vontade de poder e de viver ao entrarem em choque. Acrescentam-se aqui as palavras de José Thomaz Brum: “Nietzsche mostra que a vida (ou a vontade) quer, antes de tudo, exteriorizar uma potência, um movimento de comando” (BRUM, 1998, p. 64).

Nietzsche vê uma necessidade, para a superação das adversidades, de se posicionar como uma fortaleza, tanto no seu exterior quanto em seu interior. Desse modo, ser capaz de se manter firme perante a realidade, mesmo sendo uma árdua tarefa à qual nem todos podem suportar.

Como uma espécie de proteção para aqueles que desejam superar as limitações, os seres superiores (aqueles a combaterem a moral) necessitam de “máscaras” para protegerem-se da dor e da dura realidade. Os que sucumbem não são capazes de usufruírem de tal ferramenta. Diferente, o homem nietzschiano é considerado um espírito profundo ou, em termos característicos dessa filosofia, um espírito livre:

> Todo espírito profundo precisa de uma máscara: mais ainda, em torno de todo o espírito profundo cresce continuamente uma máscara, graças à interpretação constantemente falsa, ou seja, rasa, de cada palavra, cada passo, cada sinal de vida que ele dá. (NIETZSCHE, 2014, p. 66)

O motivo da dor e da limitação existencial, à parte das proibições morais, também se encontra em se prender a uma pessoa e/ ou a uma ideia. Ser devoto cegamente a algo enfraquece o espírito e a capacidade, diminuindo qualquer potencial e criando seres humanos frágeis. No ver de Nietzsche, as origens dessa fragilidade também se encontram na religião, em especial, no cristianismo. A fé cristã, nessa perspectiva, sacrifica toda e qualquer liberdade, um suicídio da razão. A consciência é domada de modo cruel, sendo o homem forçado a abandonar e negar os prazeres mundanos.

O desejo das religiões, o autor centraliza no cristianismo, é de moldar seus seguidores. Exemplifica a questão através da imagem dos “santos”, representações de um errante que, devido à moralização e aceitação de dogmas, iluminou-se e se transformou em algo bondoso. O sentimento de desgosto e inveja de alguns fez surgir a imagem de “pureza”, artimanha capaz

de adestrar o sujeito. Observe-se que é destacado o sentimento egocêntrico e arrogante no louvor: “Eles reverenciavam algo em si mesmos ao reverenciar o santo” (NIETZSCHE, 2014, p. 78).

Nietzsche segue discorrendo sobre os sacrifícios feitos pelo homem, a crueldade e danos que a sociedade sofreu por causa das estipulações de determinadas ideias metafísicas:

> Outrora se sacrificava homens ao seu deus, talvez justamente aqueles que mais se amava – aí se incluem os sacrifícios de primogênitos de todas as religiões pré-históricas, aí também o sacrifício do imperador Tibério na gruta de Mitra, na ilha de Capri, esse que é o mais terrível de todos os anacronismos romanos. Então, na época moral da humanidade, se sacrificavam ao seu deus os instintos mais fortes que se possuía, sua “natureza” (NIETZSCHE, 2014, p. 80)

Comentando sobre o homem inferior, de vontade dominada, o filósofo observa que há o conflito entre instinto e razão. Por mais que se priorize a razão, Nietzsche não descarta a importância do instinto e sua contribuição. O equívoco se encontra na disputa entre fé e saber, o conhecimento deve conduzir os instintos para melhor finalidade, a fé ignora a razão, logo seria um instinto mal direcionado.

O sujeito moral, que a aceita em sua realidade, vive mediocremente. Obedece a leis que prescrevem uma conduta em troca da felicidade, cujo, no fim das contas, trata-se de receitas contra as suas paixões. Por deixar-se sofrer, o sujeito apenas obedece, não exerce a sua vontade, suas ações são reflexos da vontade do dominante.

Além do homem simples, comum e moralizado, as críticas de Nietzsche também se dirigem aos “Doutos”, os intelectuais a se considerarem superiores, detentores de vasto conhecimento, a se apresentarem com arrogância:

> O douto possui, como é justo, também as doenças e maus hábitos de uma espécie sem nobreza: ele é rico de inveja mesquinha e possui um olho de lince para o que há de baixo nas naturezas a cujas alturas não pode chegar. Ele é confiante, mas apenas como alguém que se deixa levar, não fluir como uma corrente; e precisamente diante do homem de grande correnteza ele permanece mais frio e mais reservado. (..) O pior e o mais perigoso de que um douto é capaz provém do instinto da mediocridade de sua espécie. (NIETZSCHE, 2014, p. 137)

O douto possui uma ainda maior sensação de grandeza e saber baseadas em conhecimentos frios, que não contribuem para o seu crescimento como sujeito. Para Nietzsche, seu instinto também é o da mediocridade, ele é o meio do caminho para um crescimento, pois é considerado possuidor apenas da parte intelectual. Acaba por olhar friamente o mundo ao seu redor, julgando entendê-lo.

Se o homem simples sofre por ser dominado pela moral, pela ilusão e perda da liberdade, o douto acaba não sendo demasiado diferente. O devoto à ciência somente tem o conhecimento, o aplicando em situações específicas, continuando vazio quanto a sua posição e compreensão. Nada mais do que um saber sem utilidade.

A dor em Nietzsche se relaciona com a ação de cada um, a fraqueza está ligada com a ausência de vontade, de atitude, de um impulso de vida. Pensando no século XIX, aplicável à temporalidade atual, é feita a seguinte observação: “Hoje, o gosto e a virtude da época enfraquecem e diluem a vontade, nada é mais contemporâneo do que a fraqueza de vontade” (NIETZSCHE, 2014, p. 150).

O pensamento do filósofo reitera que o ser humano é uma espécie de caos, é complexo. O ponto de vista nietzschiano busca o conflito, mostra ser impossível escapar dos confrontos e embates. Apresenta uma vida danosa, em que as duas opções são se manter imóvel e prosseguir sendo envolvido pelo sofrimento, ou enfrentar os obstáculos e também se machucar, possuindo a chance de revidar e tirar algo da dor.

A própria crueldade é destacada na obra com maior complexidade, uma peça de importância no desenvolvimento tanto de um único homem quanto de toda a cultura, fortalecendo-o ou, pelo menos, fazendo-o refletir sobre si mesmo. “Deve-se abrir os olhos e aprender uma nova perspectiva acerca da crueldade; (..) Quase tudo que chamamos de ‘cultura elevada’ repousa sobre a espiritualização e o aprofundamento da crueldade” (NIETZSCHE, 2014, p. 168). Logo, a própria crueldade tem utilidade. A dor, independente de como o faz, molda, agindo como uma lição que transforma.

Focaliza-se, então, na fonte dos males humanos: A moral. É feita uma distinção, no desenvolver do livro, quanto às duas morais principais. A moral de senhores e a moral de escravos[5].

Especificamente, a primeira seria:

> No primeiro caso, quando os dominantes determinam o conceito de "bom", são os estados de alma elevados e orgulhosos que são sentidos como o fator distintivo e determinante da hierarquia. O homem nobre afasta de si as criaturas em que se expressa o contrário de tais estados elevados e orgulhosos: ele as despreza. Observe-se de imediato que nesta primeira espécie de moral, a oposição "bom" e "ruim" significa o mesmo que "nobre" e "desprezível". Desprezado é o covarde, o medroso, o mesquinho, aquele que pensa na utilidade estreita. (NIETZSCHE, 2014, p. 211 – 212)

Enquanto que a moral de escravo é distinguida da seguinte forma por Nietzsche, mostrando-se uma oposição a primeira:

> É diferente com o segundo tipo de moral, a moral de escravos. [...] Provavelmente ganhará expressão uma suspeita pessimista em relação a toda a situação do homem, talvez uma condenação do homem juntamente com a sua situação. O olhar do escravo é desfavorável às virtudes do poderoso: ele mostra ceticismo e desconfiança, ele mostra sutileza na desconfiança em relação a todo o "bom" que lá é venerado – ele gostaria de se persuadir de que ali a própria felicidade é autêntica. Inversamente, são destacadas e cobertas de luz as qualidades que servem ao alívio da existência dos sofredores: recebem as honras aqui a compaixão, a mão solicita, obsequiosa, o coração cálido, a paciência, a diligência, a humildade, a afabilidade – pois essas são aqui as qualidades mais úteis e quase o único meio para suportar o fardo da existência. (NIETZSCHE, 2014, p. 214)

Basicamente, a moral de senhor traz a imagem do ser que causa a dor, enquanto que a moral de escravo é o ser que sofre a dor. São duas perspectivas, pontos de vista que divergem com base na realidade de cada um. Ambos estabelecem valores e definições, porém o primeiro se autoglorifica, age como dominador, já o segundo se porta como vítima, o infeliz, o dominado.

[5] Nietzsche toma como base para explorar tais questões a dialética do senhor e do escravo, pensada por Friedrich Hegel (1770 – 1831). Para Hegel, as relações de senhor e de escravo só podem existir a partir da existência conjunta de um com o outro, uma relação de poder que necessita do dominador e do dominado.

Não deixa de serem estas duas morais uma disputa para definir o que é “bom ou ruim”. As duas tentam, de algum jeito, impor-se e entender o mundo ao redor e suas dificuldades. As críticas nietzschianas questionam a falta de percepção, considerando que não são verdades absolutas e sim visões totalmente subjetivas e variáveis.

Essas conflituosas perspectivas acabam levando o sujeito à dor, seja pelo desgaste, seja pela compreensão ou pela tentativa de se subjugarem. Consciente ou inconscientemente, os questionamentos moralistas cultuam o ato de sofrer, o centralizam como principal questão da vida humana.

As observações feitas não são necessariamente à existência da dor, mas há algo como uma supervalorização da mesma. A questão maior é a postura adotada pelo homem em tal situação, pois se percebe ser a dor e o sofrimento parte fundamental no processo existencial do funcionamento da humanidade, da mesma maneira que os conflitos. Perceber-se-á as ideias discorridas quando forem analisadas as personagens de *Jerusalém*, como o submisso Ernst Spengler ou o traumatizado Hinnerk Obst, seres totalmente atingidos pelas dores de suas vidas.

3.2 *Genealogia da moral:* sofrimento, influência *e* instinto de mediocridade

No livro *Genealogia da moral*, Nietzsche nos traz três textos, os quais denomina como dissertações, intitulados de *“Bom e mau”, “bom e ruim”*; “*Culpa”, “má consciência” e coisas afins*; e *O que significam ideais ascéticos*. Em cada um deles é apresentada a influência da moral, os pontos de vista, e o domínio dos sacerdotes sobre os homens desprezados. São reiteradas essas questões, servindo como complementação das ideias discorridas em *Além do bem e do mal*.

Nietzsche inicialmente comenta sobre os instintos, como a compaixão e o sacrifício, demonstrando desconfiança e ceticismo profundo, um desgosto pela definida como moral da compaixão. Na primeira dissertação, especifica serem os nobres que estipularam o juízo de bom conforme seus gostos e interesses. Faz observações sobre a raiz da palavra “bom”, contextualizando

que o intuito por trás dessa palavra era o de diferenciar os nobres dos apenas comuns:

> [bom, nobre], significa, segundo a sua raiz, alguém que é, que tem a realidade, que é real, verdadeiro; depois, numa mudança subjetiva, significa o verdadeiro enquanto veraz: nesta fase da transformação conceitual ela se torna lema e distintivo da nobreza, e assume inteiramente o sentido de "nobre", para a diferenciação perante o homem comum mentiroso (..) (NIETZSCHE, 2009, p. 19)

Dentro dessas distinções apontadas entre classes sociais, segundo Nietzsche, a casta mais elevada seria a sacerdotal[6], por sua influência sobre as "massas". São perigosos por manipularem sentimentos como a vingança e o amor, sendo terríveis inimigos. Desenvolve-se mais sobre os sacerdotes no seu terceiro texto.

Após isso, discorre sobre o esquecimento, exaltando a capacidade existente na memória de desapegar de algumas lembranças. Considera só ser possível haver felicidade devido ao esquecimento[7], ao abandono das sensações e recordações negativas, da lembrança das dores. Elevar-se como homem exigiria o abandono de algumas memórias:

> Esquecer não é uma simples força inercial, como creem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência (..) com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento. (NIETZSCHE, 2009, p. 43)

Uma forte ligação entre a memória e a dor é percebida aqui, existindo a necessidade de esquecer os acontecimentos fontes do sofrimento, para se conseguir continuar a viver. Possibilidades de avistar um futuro estão relacionadas ao ato de esquecer, de desapegar das lembranças. Junto às

[6] Quando se refere a sacerdotes, Nietzsche pensa nos sacerdotes cristãos, que usufruíam de sua influência para envolver os grupos de devotos. O filósofo pensa nestes como os seres mais cruéis e invejosos dentro do cristianismo.

[7] Diferentemente é observado o esquecimento pelo filósofo Paul Ricoeur (1913-2005). Para ele, o ato de lembrar, através da memória, é importante para se ter uma noção do passado (daquilo que aconteceu), com o esquecimento sendo um impasse para tal. Como observa: "A busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento" (RICOEUR, 2007, p. 48). Contudo, ver-se-á nas personagens do romance a luta contra o lembrar, devido aos seus traumas.

recordações o homem não seria capaz de se libertar, pois continuaria refém do passado e, por consequência, dos fracassos e falhas que o limitam.

No pior dos casos, se as recordações se mostrassem demasiado densas para serem esquecidas, seria necessário usufruir da dissimulação. José Thomaz Brum, em seus estudos de Nietzsche, observa que “Para poder viver, em sociedade e como animal, o homem precisa dissimular, iludir-se” (BRUM, 1986, p. 42).

O esquecimento é visto com importância por ser capaz de apagar as marcas existentes na memória. Para “combater” esse esquecimento, existiria a necessidade de os sacerdotes formarem um homem confiável, com consciência, criando nele responsabilidade e uma capacidade de manipulá-lo. Almejando estes fins, são impostas, quase violentamente, certas ideias no pensamento alheio, e a dor é uma possibilidade para alcançar esse fim, proibindo e negando. Desse jeito, forma-se o sentimento de culpa, uma maneira a mais de controle de um indivíduo sobre o outro.

Segundo Nietzsche, os laços humanos são formados por relações de poder, pelo domínio, cada sujeito tenta manipular aqueles que o cercam. Pelo poder e o desejo de provocar agonia, o ser humano se firma no mundo, sempre mirando esse tipo de conflito. A vivência no meio social, as relações mais próximas ou distantes seriam ditadas por um tentando controlar o outro, se impor.

O fazer sofrer, a crueldade, são apontados como fatores naturais e comuns na realidade humana. Inclusive se atenta que no passado, para a sociedade, ferir o próximo sempre trouxe boas sensações, caracterizava superioridade. A felicidade ligava-se ao ato de causar dor. “Ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda” (NIETZSCHE, 2009, p. 51).

No seguimento desses novos sentimentos adotados, é dito que o homem começa a se designar como um ser capaz de medir valores, de definir certezas e erros. Nasce o moral, através do ressentimento, de suas cicatrizes, a criar a correta “conduta” a ser seguida.

A prosseguir nos escritos, aprofunda-se sobre a temática relacionada à consciência, iniciando a fala sobre a “má consciência”. A má consciência vem a ser definida como “a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio

quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e de paz" (NIETZSCHE, 2009, p. 67).

Formou-se ela a partir dos fatores já antes discorridos, a hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, o sofrimento, declarando guerra aos instintos. Seu ponto de grande diferença é o método usado para dominar, limitar, manipular e fazer sofrer. A má consciência usufruiu como ferramenta uma ideologia, a suposição religiosa, para impregnar suas regras.

Por conseguinte, o filósofo diz que o uso da metafísica para se punir, desvalorizar a vida na terra, é criar uma pequena esperança de melhoras. A má consciência busca fazer o homem se sentir culpado e desprezível, desgostoso quanto à realidade, fazendo-o acreditar ser indigno e sujeito a dores, não incentivando um confronto contra as suas fraquezas, mas a aceitação de sua pequena existência. Cria um comodismo, levando as respostas apenas à ideia religiosa, a um Deus e um viver pós-morte.

Para superá-la, Nietzsche discorre quanto à necessidade da destruição, observando ser crucial eliminar algo para fazer surgir o novo e diferente. Aponta que: "Para se erigir um santuário, é preciso antes destruir um santuário: esta é a lei" (NIETZSCHE, 2009, p. 77). Desta forma, desde a implementação de uma teoria, uma ideia, até a superação de uma dor, de um trauma, é necessário passar pelo processo de destruição para almejar uma formação individual.

No ver de Nietzsche, a base da moral é o controle, a procura das melhores condições para obter e exercer sua vontade. Começa-se a falar de ideais ascéticos, os ideais impostos pelos sacerdotes, teoria a exaltar pontos como a humildade, a pobreza e a castidade, visando trazer conforto para aquele homem simples, sem grandes desejos de conquista. Os ideais ascéticos servem para amenizar a existência pela aceitação.

Seguindo estes dogmas, a precariedade e a doença obtém um grau de importância, as limitações são vistas como utilidades, pontos a serem explorados, "estar doente é instrutivo, não temos dúvida, ainda mais instrutivo que estar são – o que torna doente nos parecem mesmo mais necessários do que homens de medicina e 'salvadores'" (NIETZSCHE, 2009, p. 95).

A vida é constituída em se martirizar, existir por um doentio prazer pelo seu próprio desgosto. Um desejo possessivo por seus sentimentos de

sofrimento. Da vontade de viver na vida ascética, existem a inveja e ganância de dominar, de sobrepor sua vontade sobre o mundo através dos ressentimentos que sente, usando como veículo para esse fim a sua fraqueza, o pensamento doentio que o limita.

Tenta-se impor no mundo pela força que não possui, pela perspectiva nietzschiana o seguidor dos ideais ascéticos se comporta como um derrotado que não aceita a derrota, cobiça grandezas mesmo não querendo sair do seu estado estático, de pobreza. No geral, sente e deixa transparecer a dor, e ao mesmo tempo luta para infestar o ambiente com sua moral, suas leis.

Os ideais ascéticos se aproveitam do ponto fraco do homem, gerado pelas fraquezas e traumas sentidos, tirando vantagem da insegurança humana, do medo, da ausência de confiança e da instabilidade. “O homem é mais doente, inseguro, inconstante, indeterminado que qualquer outro animal, não há dúvida” (NIETZSCHE, 2009, p. 102). Por isso, o homem enoja-se do próprio homem, por ser frágil e facilmente manipulado.

Do medo e da insegurança, formando sujeitos possíveis de se controlar e moldar, se nota que surge a vingança. Por causa da fraqueza, os ressentidos desejam se vingar, da sua desgraça tendem a querer desgraçar. Nietzsche os considera como doentes que tentam adoecer os sadios, doloridos a espalhar dor.

Aqueles que sofrem, é observado, possuem a disposição a não admitirem sua culpa e falhas diante de seu atual estado. Tendem a procurar um alvo para jogar a culpa de seus sofrimentos e traumas, isentam-se da responsabilidade de suas dores, agindo como infelizes e injustiçados. Enquanto que a figura ascética se posiciona de modo a simplesmente condenar todos, justificando o deplorável estado em que se encontram por serem pecadores, errantes, fazendo parte, como diz Nietzsche, do rebanho.

O rebanho é, na opinião do filósofo, a representação da doença humana. A união se faz a partir das debilidades e insuficiência de cada um, agrupando-se de modo a formar um ambiente cuja ignorância e o fracasso sejam naturais e comuns. Torna-se cômodo existir em uma realidade a qual a dor é lei, e fator crucial. Atente-se às seguintes palavras:

> Todos os doentes, todos os doentios, buscam instintivamente organizar-se em rebanho, na ânsia de livrar-se do surdo desprazer e do sentimento de fraqueza (..) onde há rebanho, é o instinto de fraqueza que o quis, e a sabedoria do sacerdote que o organizou. Pois atente-se para isso: os fortes buscam necessariamente dissociar-se, tanto quanto os fracos buscam associar-se (NIETZSCHE, 2009, p. 116)

Se considerar o seguimento dessa ideia, ocorre empobrecimento da existência. Rejeita-se e se renega crescer como sujeito, afirmando e confirmando apenas a mediocridade. Nietzsche ainda afirma: “O homem não nega em si o sofrer, ele o deseja, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um sentido, um para quê no sofrimento” (NIETZSCHE, 2009, p. 139).

Por buscar tanto essa dor, ser condescendente para com esta, a humanidade vive em um ambiente de demasiada submissão e pobreza, com indivíduos sem forças e mesmo interesses de libertação. Como é destacado por José Thomaz Brum “O mundo se torna um motivo de assombro para o homem quando nos chocamos com a questão da dor” (BRUM, 1998, p. 76), devido à diminuição daqueles que obedecem à moral e aos sacerdortes.

Por fim, interpreta-se que a devoção pela dor cria ódio à vida humana, à liberdade, uma aversão. Pela moral, pelo ressentimento e pela ausência de vontade em se desenvolver como ser humano, cria-se uma prisão que apenas atrai tristezas e desgostos. Através do conflito, contra tais questões, é que Nietzsche baseia a sua teoria, buscando a superação do homem contra as amarras dolorosas da moralidade. É perceptível em *Jerusalém* a aplicação da filosofia nietzschiana, pois na narrativa há personagens em conflito com as leis de um espaço que tenta oprimi-los, com alguns sucumbindo e outros tentando superar os sofrimentos, como será visto mais adiante.

4. NOÇÕES SOBRE O TRAUMA

Neste capítulo serão abordadas algumas noções quanto ao trauma, com base nas palavras de Sigmund Freud e Márcio Seligmann-Silva. Os dois teóricos apresentam aspectos que caracterizam o indivíduo que se encontra traumatizado, destacando que um estado destes chegaria ao ponto de influenciar e modificar o comportamento do sujeito, comprometendo, desse modo, a sua capacidade de viver em paz consigo mesmo.

Tanto as ideias de Freud quanto de Seligmann-Silva são usadas para análises literárias. O primeiro tem como base para a psicanálise a literatura, leituras de Shakespeare e Sófocles, as quais influenciaram peculiaridades como, por exemplo, o “Complexo de Édipo”. O segundo, em seus artigos, discorre quanto a relação entre literatura e trauma, caminhando em direção ao conceito de testemunho e dos impactos das catástrofes na sociedade, dialogando constantemente com a literatura, além de, muitas vezes, usar como base para suas argumentações o próprio Freud.

As visões de trauma discorridas por eles são distintas, por mais que se relacionem entre si, e servirão como embasamento para a leitura e análise do romance *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares.

4.1 O PENSAMENTO DE SIGMUND FREUD

Para Thomas Mann, Sigmund Freud (1856 – 1939) foi um homem que contribuiu muito mais do que apenas para a medicina e a para a psicanálise. Suas ideias ajudaram para um maior desenvolvimento cultural, abrangendo pontos desde as relações humanas como as artes e a cultura. Thomas Mann afirma:

> [...] por seus objetivos e conhecimentos, ele vai bem além da esfera médica, adentrando as ciências do espírito em geral e abrindo para o leitor que se ocupa com a questão do homem perspectivas enormes e iluminadoras sobre o passado da alma, profundezas do mundo primitivo da história arcaica e na pré-história moral, social e mítico-religiosa da humanidade. (MANN, 2015, p. 11-12)

Em sua obra *Além do princípio de prazer*, Freud tem como um dos objetos de estudo os sintomas traumáticos, abordando causas e efeitos. Inicialmente, comenta sobre a liberação de desprazer que se passa no organismo humano, causada por conflitos no aparelho psíquico.

Os conflitos estariam relacionados com certos impulsos incompatíveis com as metas do “Eu”, que busca sempre a auto conservação e o prazer. Cria-se um estranhamento, uma incompatibilidade entre mente e corpo. Questões como estas comprometem o comportamento do homem, tornando-o propício a neuroses, que seriam uma inadequação na organização dos pensamentos, tornando o indivíduo contraditório quanto àquilo que pensa e ação que comete. O psicanalista apresenta a ideia que possui quanto à neurose traumática, relacionando-a com grandes acidentes, situações impactantes que abalam o indivíduo:

> Um estado que sucede a graves abalos mecânicos, colisões de trens e outros acidentes envolvendo risco de morte foi descrito há muito e acabou ficando com o nome de “neurose traumática” [...] sintomas fortemente desenvolvidos de sofrimento subjetivo, mais ou menos como numa hipocondria ou numa melancolia, e às provas de um enfraquecimento e uma deterioração gerais muito mais amplos das atividades psíquicas. (FREUD, 2016, p. 47)

Pensando na neurose como um desequilíbrio entre as vontades e a racionalização, a neurose traumática utiliza dos fatores comentados, somando-se à necessidade de um acontecimento significativo na vida do sujeito. Para ficar assim, a pessoa precisaria passar por uma experiência como a de um acidente, que o atinja demasiadamente forte no âmbito físico ou no psicológico.

Freud considera que para se formarem os sintomas traumáticos, a pessoa deve estar desprevenida, ou seja, relaciona-se o surgimento do comportamento traumático com o susto, o inesperado, um momento de descuido ou mesmo de fragilidade.

O trauma, portanto, associa-se a um imprevisto. O choque causado pelo acidente traumático cria uma sensação de perigo constante, constituindo desconfiança devido à desatenção inicial. Sente-se acuado, como se estivesse em um ambiente de combate. Enche-se de dúvidas e temores.

Graças aos efeitos traumáticos, o afetado acaba por viver e reviver, pensar e repensar o instante do acidente, a situação que lhe marcou. Sua

realidade gira em torno do trauma, e isso não se aplica apenas no mundo físico. Salienta-se a presença do trauma nos próprios sonhos daqueles que passaram por este tipo de experiência:

> Bem, a vida onírica da neurose traumática apresenta a característica de reconduzir o paciente repetidamente à situação de seu acidente, da qual acorda com susto renovado. Ninguém se admira muito com isso. Acredita-se que o fato de a vivência traumática se impor repetidamente ao paciente até durante o sono seja precisamente uma prova da força da impressão deixada por essa vivência. O paciente estaria fixado psiquicamente no trauma, por assim dizer. (FREUD, 2016, p. 48 – 49)

Especificamente aqui, Freud trata dos pacientes os quais observou, notando como cada um deles se apega aos traumas. A fixação é um ponto importante, se estabelece uma forte ligação entre o trauma e o traumatizado. Podendo-se dizer que a neurose se comporta como uma característica peculiar na identidade. O paciente se vê, assim como vê o seu mundo, somente com o olhar e o pensar de um traumatizado, de constante dor devido às vivências que lhe trazem memórias perturbadoras.

Há em quem sofreu o trauma uma “compulsão à repetição”, que seria este ato de reviver situações do passado, trazendo de volta o cenário traumático, reconstruindo os instantes que não possuem prazer. Para o teórico, o trauma rompe com as sensações de prazer do organismo do indivíduo, pois quando se compromete a mente (que vive no passado) e os impulsos (a produzirem desprazer por serem afetados), as neuroses traumáticas inibem as sensações agradáveis. Define-se este processo como “excitações traumáticas”:

> Aquelas excitações de fora que são fortes o bastante para romper a proteção contra os estímulos são chamadas por nós de traumáticas. Acredito que o conceito de trauma exige tal relação com um impedimento de estímulos normalmente eficiente. Um acontecimento como o trauma exterior certamente produzirá uma tremenda perturbação no funcionamento energético do organismo e colocará em movimento todos os meios defensivos. (FREUD, 2016, p. 75 – 76)

Os efeitos traumáticos influenciam não apenas os pensamentos, mas também se manifestam nas ações do corpo. Mais do que medo e dor, o trauma molda a existência daqueles que são incapazes de deixá-lo para trás. As neuroses formam um novo indivíduo, totalmente descaracterizado do anterior, normalmente conflituoso com a vida.

Os aspectos da neurose não deixam de ser um tipo de dor, pois se tratam de um problema interno que age como um ferimento contínuo. Ao pensar nas neuroses de guerra, é dito serem estas originadas de um embate externo, que se reflete internamente. Sabendo-se que, posteriormente, haverá no traumatizado marcas dessa guerra a continuarem sempre presentes em forma de lembranças muito vivas.

Pensando-se que, na perspectiva do psicanalista, os impulsos estão totalmente relacionados à obtenção de prazer através da conservação, o trauma impossibilita o funcionamento coerente do pensamento por trilhar um caminho, mesmo que venha a ser inconscientemente, de martírio e apego ao passado. Tal sentimento forma um desejo de autodestruição que se apresenta para o homem atingido pelo trauma como uma ilusão, um consolo.

Complementando estas informações, em *Compêndio da Psicanálise*, expõe a ideia de “Eu” como a parte do sujeito que prioriza a preservação da memória, armazenando as experiências prazerosas vindas dos estímulos.

Para surgir um trauma, os estímulos devem gerar sensações negativas que marquem e fiquem permanentemente como recordações. Junto a isso, ainda se soma a interferência dos impulsos, sendo estes Eros (libido) e o impulso de destruição. Freud discorre sobre as metas de cada um desses impulsos:

> A meta do primeiro (Eros) é produzir unidades cada vez maiores e assim conservá-las, ou seja, produzir ligações; a meta do outro, ao contrário, é desfazer conexões e assim destruir as coisas. Quanto ao impulso de destruição, podemos pensar que sua meta última parece ser a de levar as coisas vivas ao estado inorgânico. (FREUD, 2016, p. 54)

Observando os dois impulsos, considera-se que o trauma seria capaz de agir como um inibidor tanto da capacidade de conservar e produzir ligações, sentir prazer, como também impossibilitaria a função de destruição, de desconexão. Porta-se de maneira que, devido às lembranças dolorosas, impossibilita as sensações agradáveis, do mesmo modo que preso às lembranças impede a destruição e abandono das dores através do impulso de destruição, impedindo o esquecimento, dando a sensação de ser um prisioneiro do trauma

Libido e impulso de morte (como pode também ser chamado) tem seu funcionamento prejudicado por causa dos sintomas traumáticos, do medo, dos sofrimentos vindos da memória e da incapacidade de sentir jubilação. Uma espécie de terror domina a memória do indivíduo, afetando a capacidade de se sentir bem.

O paciente neurótico tem dentro de si fortes conflitos e confusões. Uma leitura de mundo afetada, de ações problemáticas e incoerentes. Sente-se cheio de dúvidas, sua diferença comparado à outras pessoas se dá pelo impacto das impressões deixadas pelo seu passado, fazendo com que se sinta um estranho no mundo.

O homem sob os efeitos do trauma nota que enquanto externamente o cenário está pacífico, internamente existe dentro de si desordem. Não se descarta que a desordem pode estar propriamente relacionada à cultura, pois Freud afirma existir no comportamento neurótico, muitas vezes, influência cultural, do meio em que se vive. Logo, o caos interno é resultado das perturbações externas.

O teórico afirma ser totalmente possível um comportamento traumático ocorrer com qualquer um, não estando ninguém livre desse tipo de situação. Como afirma: “Nenhum indivíduo humano é poupado dessas vivências traumáticas, nenhum é dispensado dos recalcamentos estimulados por elas” (FREUD, 2016, p. 127).

Por fim, nota-se que os sintomas traumáticos (neuroses) para o psicanalista influenciam significativamente no comportamento da mente e do corpo. Percepções, pensamentos e noção de espaço do sujeito mudam, fazendo com que passe sua vida somente em recordações. Pode se dizer que o traumatizado “vicia-se” na situação a qual se encontra, abandonando, contra a vontade, a realidade para se aprisionar no sofrimento de sua história.

4.2 O PENSAMENTO DE MÁRCIO SELIGMANN - SILVA

Márcio Seligmann – Silva (1964), crítico, professor e teórico literário, apresenta em seu livro *O local da diferença: Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução* (2005) alguns artigos que trabalham com perspectivas e comentários sobre trauma, memória e testemunho. Discorre sobre a presença

do trauma durante a história, a sua influência na vida do sujeito. Salienta como esta sensação significativamente afeta o homem, consumindo-o e tornando-o um ser confuso e de grande sofrimento.

No artigo *Literatura e trauma: Um novo paradigma,* comenta-se quanto à sociedade do século XX, definida pelo teórico como sociedade pós-catástrofes, a qual é resultado de diversos massacres.

Destaca-se que, mesmo havendo indivíduos formados depois deste tipo de acontecimento, ainda se vive no ambiente dos conflitos, não se tratando de uma situação que ficou no passado: “Mas esse prefixo ‘pós’ não deve levar a crer, de jeito nenhum, em algo próximo do conceito de ‘superação’, ou de ‘passado que passou’. Estar no tempo ‘pós-catástrofe’ significa habitar essas catástrofes” (SELIGMANN – SILVA, 2005, p. 63).

A catástrofe, segundo o autor, sempre se choca, vai ao encontro do homem, que a procura tanto consciente quanto inconscientemente, busca tê-la em seu entorno. Devido a isso, talvez, a instabilidade ou mesmo o costume que há no decorrer da história de diferentes embates se explicam pelo ser humano necessitar estar em um ambiente de confronto.

Em questões como o terrorismo, a guerra, situações de extermínio de pessoas, observa que há certa “aceitação” ou mesmo “normalidade” a vir por parte daqueles que se encontram como telespectadores. Segundo o crítico literário, a própria mídia tem grande parcela de culpa pelo modo a retratar o caos que se espalha em determinado lugar, tornando-o banalizado. Através da banalidade se é bombardeado por imagens de terror, que se prendem a mente de cada um e são encaradas com normalidade.

O trauma se comporta como uma espécie de base do presente e fator crucial da história. Devido a traços traumáticos ainda tão vivos e influentes no dia a dia das mais variadas populações, estes atingem tanto aqueles que sofreram alguma experiência desse cunho, quanto aqueles que estão culturalmente envolvidos por esta temática a partir de diversos veículos. Seligmann-Silva diz que:

> [...] o elemento traumático do movimento histórico penetra nosso presente tanto quanto serve de cimento para nosso passado, e essas categorias temporais não existem sem a questão da sua representação, que se dá tanto no jornal, na televisão, no cinema,

> nas artes, como na fala cotidiana, nos nossos gestos, sonhos e silêncios, e, enfim, na literatura. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 64)

Aponta-se também sobre o efeito *flashback,* que se passa na mente do sujeito traumatizado, fazendo com que este reviva os acontecimentos relacionados com o seu sofrimento. Esta relação surge a partir de sua memória, a qual guarda as cenas de pânico pelas quais a pessoa passou. Estando, desse modo, continuamente presa aos fatos traumáticos.

Uma "prisão" que acaba, consequentemente, gerando a necessidade do indivíduo de se expressar, discorrer sobre o que lhe aconteceu. Tais efeitos criam uma espécie de fragilidade e sensibilidade no traumatizado e em seu ouvinte, respectivamente. Devido a isso, surge o testemunho, o método encontrado para se expressar, que visa relatar as experiências vindas dos diversos tipos de dores sentidas.

Ao falar de testemunho, uma das definições apresentadas pelo teórico é a de que este apresenta uma voz, um lamento devido à história de horrores que os sobreviventes carregam em "suas costas". Contudo, por ele surge a possiblidade de "reescrevê-la", ou seja, incorporar nas informações o ponto de vista de alguém que veio a sentir na própria pele a destruição. Acaba sendo impossível falar de trauma sem tocar no testemunho, o método de expressar-se encontrado por aqueles "destruídos" por determinados acontecimentos[8].

A memória e a ação de testemunhar estariam intimamente relacionadas com o sofrimento sentido pelo homem. A memória se manifesta, nesse caso, devido ao impacto da ação traumática passada, ou seja, pelo momento em que o trauma se manifestou.

A capacidade de recordar minuciosamente as exatas peculiaridades de um contexto machuca. O testemunho é uma oportunidade encontrada de amenizar o martírio, de expressar as razões, ou qualquer outro tipo de questão, sobre a sua angústia, sendo o testemunhar o mais perto de uma libertação.

Todavia, no artigo *Literatura, testemunho e tragédia: Pensando algumas diferenças,* retoma-se em relação às catástrofes, acrescentando como os seus efeitos e danos dificultam para se desenvolver sobre o assunto quando se possui alguma maior proximidade com este, uma vivência.

[8] Acrescenta-se as palavras de Paul Ricoeur: "[...] o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história" (RICOEUR, 2007, p. 41).

Afetando a capacidade do discursar, de tratar pelo diálogo este problema, os sintomas gerados por catástrofes separam o sujeito afetado pelos efeitos traumáticos daqueles que não presenciaram nenhum tipo de circunstância similar. Formam-se distanciamentos. A dor vinda do trauma se reflete em incapacidade de sociabilidade no homem.

O testemunho age como saída ou amenizador, tentando diminuir a tensão entre o desejo de se expressar e os caminhos que podem ser seguidos para esta finalidade, como a oralidade e a escrita. Pois, mesmo que a cena traumática se faça constante, há uma confusão que mexe com a mente do traumatizado, comprometendo a coerência em suas lembranças.

Além do mais, testemunhar exerce uma função tanto de documento histórico como cumpre um papel de justiça. Sobreviver ao trauma não é suficiente, pois a dor ainda marca o sujeito, e os fatos ocorridos não podem ser mudados. Sendo assim, o método encontrado é conscientizar a sociedade, narrando as calamidades. Do contrário, o homem traumatizado acaba exilado do mundo, habitando apenas as imagens do seu consciente deturpado pela aflição, sem ser possível seguir adiante com a vida.

Em *Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, Seligmann-Silva enfatiza sobre a necessidade do testemunhar para confirmar que o sobrevivente, realmente foi capaz de se manter vivo pós o horror presenciado. Havendo a possibilidade de expressar-se, surge uma "sobrevida" neste, a qual o impulsiona para se afastar do passado:

> [..] podemos caracterizar, portanto, o testemunho como uma atividade *elementar*, no sentido de que dela depende a sobrevida daquele que volta do *Lager* (campo de concentração) ou de outra situação radical de violência que implica esta necessidade, ou seja, que desencadeia esta carência absoluta de narrar. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66)

Tendo os campos de concentração como exemplificação de momentos traumáticos, percebe-se o quanto as passagens dolorosas não deixam apenas marcas no campo físico. O testemunho existe porque a memória se vê afetada pela agonia, que tanto esta quanto o próprio corpo passaram.

Comportam-se as marcas do passado como queimaduras a se fazerem sentir no agora, e isso se aplica não somente às grandes tragédias. A sensação traumática não precisa necessariamente ser nivelada em

proporções, uma simples falha pode muito bem atingir e afetar totalmente o comportamento. Algo como um grande momento de estresse, uma impressão impactante pode ficar presente em uma pessoa como fonte preenchida de dor.

Por se sentir amargurado, devido ao sofrimento gerado pelo trauma, narrar os fatos passados, segundo o crítico, possui por trás um desejo de mudança. Pois assim será possível novamente se ligar ao mundo, já que a realidade da qual faz parte é diferente do dia a dia passado pelo outro. O homem traumatizado busca desse modo atenção, que lhe escutem, para novamente se encaixar em um lugar que não seja as suas lembranças do período de terror.

Buscar se aproximar de alguém é um método para suprimir suas dores, pois quando se testemunha revive-se o período que se deseja superar. Para o envolvido pelo trauma, o processo de superação é um desafio a exigir muito esforço e causa demasiado desgaste. O grande medo de quem passa por tais dificuldades sempre se encontra presente.

Os fatos que originam o trauma em um sujeito são considerados de tanta importância, que, mesmo a memória bloqueando boa parte das cenas, sempre há resquícios. Pensando-se não somente em lembranças, considerando também haverem resquícios que se manifestam fisicamente, como uma cicatriz ou mesmo um novo hábito formado a partir da dor vivida, desde comportamentos histéricos: “Podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

Por consequência, devido a estas marcas, o sobrevivente acaba por sentir um estranhamento, sentindo-se perdido, devido a capacidade que possui o trauma de afetá-lo. Há uma perda de identidade, um processo de transformação que aparenta eliminar a pessoa que fora antes do evento traumático, também impossibilitando o surgimento de um ser que supere tudo que lhe antecedeu.

Para Seligmann-Silva “Todo testemunho é único e insubstituível. Esta singularidade absoluta condiz com a singularidade da sua mensagem” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72), e, do mesmo modo, toda a vítima atingida por traumas também é única e singular. Não somente devido às peculiaridades

de cada pessoa, mas à capacidade de suportar as dores que surgem no meio do seu caminho.

O ponto desejado a se chegar é sobre como o trauma trabalha junto à memória, dominando-a e constituindo desagradáveis sensações do passado a atingirem o traumatizado no presente. Fazendo surgir a ação de testemunhar como alternativa de, se não combater, contornar as dolorosas lembranças, e de algum modo poder encaixar o indivíduo traumatizado novamente na sociedade. Comportando-se como um ser o menos possível influenciado pelo “tirano” passado. Na narrativa que será analisada, os acontecimentos vividos por cada personagem possuem uma carga traumática de grandes proporções, que vão desde abusos sofridos até experiências de guerra.

5. DOR E TRAUMA EM *JERUSALÉM*

5.1 Uma breve relação entre o romance e Auschwitz

Jerusalém é uma obra que, mesmo não se situando em uma específica realidade geográfica e histórica, aborda a temática da guerra, de constante presença no percurso do homem. Com a ficção possuindo um ambiente influenciado pela modernidade, pelo desenvolvimento tecnológico e pelo pensamento racional. Pensar nestes pontos, consequentemente, remete a um dos momentos históricos de maior impacto no século XX: A segunda guerra mundial e o nazismo.

Não há menções explícitas à ideologia nazista, ao terceiro Reich, e ao Holocausto. Porém, alguns traços indicam a lembrança da guerra, como o nome das personagens e os métodos terapêuticos apresentados[9].

Em algumas passagens da narrativa, há a lembrança com relação aos campos de concentração, sobre a tortura e exploração feitas pelos nazistas aos judeus, comunistas e ciganos. As impressões quanto a isso ficam por parte da personagem Theodor Busbeck e de seus estudos. Busbeck estuda o horror, as catástrofes que ocorreram e podem vir a ocorrer na humanidade. Analisa as possibilidades do aumento ou diminuição do horror na história, cogitando que povos seriam “carrascos” ou vítimas[10].

Primo Levi (1919-1987), em seu livro *Assim foi Auschwitz: Testemunhos 1945 – 1986*, analisa os horrores praticados pelo regime nazista. Levi sentiu “na pele” o tratamento brutal sofrido pelos judeus nos campos de concentração. Comenta acerca do extermínio exercido pelos soldados nazistas em Auschwitz: “Essa foi a mais gigantesca carnificina da história, a ponto de reduzir quase a zero, por exemplo, a população judaica de nações inteiras da Europa ocidental” (LEVI, 2015, p. 65).

Em seus estudos sobre a presença do horror na história dos povos, a personagem Busbeck consulta o livro *Europa 02*, uma espécie de catálogo a

[9] Há dois personagens com a profissão de médico que serão explorados mais a frente.
[10] A personagem Theodor Busbeck e seus estudos serão retomados, e mais desenvolvidos, no subcapítulo que trata dos personagens.

retratar informações de seres que vivenciaram diversos tipos de maus tratos. No capítulo, a personagem comenta das leis de tal “prisão”:

> Podes cumprir as regras com exactidão mas, num determinado momento, eles apresentam um pequeno documento-lei, e então percebes: vais ser morto.
> O que fazem é aleatório, mas nunca ilegal. Primeiro mostram a lei, o documento que determina a acção.
> Ninguém resiste. As pessoas aceitam a lei. Se não, seria pior. (TAVARES, 2006, p. 118)

Passar por uma experiência tão terrível como a dos campos de concentração é um dos pontos denunciados por Primo Levi. Em Auschwitz, Levi comenta que se era tratado brutalmente, trabalhava-se bastante e as condições de vida eram precárias. Quando se tinha sorte, sobrevivia-se, no máximo, três meses. Aqueles aptos na medicina eram um caso à parte, os outros, independentes do quão produtivos poderiam ser, no menor descuido e demonstração de fraqueza, eram mortos. A passagem de *Jerusalém* retrata, basicamente, a ideia de como funcionavam os campos de concentração.

O extermínio era intenso. O autor italiano constata que “O massacre, portanto, era mais importante do que a exploração econômica” (LEVI, 2015, p. 152). As cenas retratadas em *Europa 02*, os estudos sobre o horror, dialogam com tal acontecimento histórico. Homens, mulheres, crianças, adultos e idosos eram explorados e mortos das mais diferentes maneiras. Faziam-se experimentos, se extraia todas as forças físicas com o trabalho, e eram levados, no final, para a câmara de gás. Acaba por ser impossível não relacionar o horror discorrido com Auschwitz.

Em *Jerusalém,* os métodos do hospício Georg Rosenberg[11] fazem lembrar o funcionamento dos campos de concentração. Se, no hospício, há uma política de controle dos pensamentos dos pacientes, em Auschwitz não é diferente. Segundo Primo Levi, havia uma destruição psicológica do sujeito, que perdia sua condição humana.

Também no livro de Gonçalo M. Tavares, há dor não somente física como mental e emocional. Sejam pelos estudos sobre o horror, pelo hospício, pela guerra, ler *Jerusalém* remete ao Holocausto. O ambiente do romance traz

[11] Hospício presente na ficção, no qual partes importantes da narrativa ocorrem.

proximidade aos atos da Alemanha nazista. Isto se deve às manifestações de sofrimento que remetem à cada personagem.

Sobrevivente das atrocidades do nazismo, Levi considera ter sido esta experiência provavelmente a mais dolorosa que já existiu. Pesava também a consciência de estar preso, longe do lar, das pessoas queridas e da provável possibilidade de nunca mais vê-las.

No romance, se mostra a clara inexistência de laços afetivos, a desumanização. Os personagens pensam apenas em si. A perda do sentimento humano é outro fator a fazer lembrar um período tão obscuro, com indivíduos apenas almejando a busca por poder, um egoísmo que gera um distanciamento entre as pessoas.

Na ficção de Gonçalo M. Tavares, não existem verdadeiras alianças em tal ambiente, as poucas que existem se devem a interesses egoístas. De resto, cada um é inimigo que é preciso destruir. Assim também o foi, segundo Levi, nos campos de concentração. O pensamento a ser seguido era o de desprezo. Primo Levi aponta que “A doutrina da qual nasceram os campos é muito simples, e por isso muito perigosa: todo estrangeiro é um inimigo, e todo inimigo deve ser suprimido” (LEVI, 2015, p. 131).

Outra questão da narrativa é como, devido à postura das personagens e das situações que se formam, remete a peculiaridades do mundo moderno. Pensa-se no raciocínio científico, no individualismo, no desenvolvimento tecnológico, dentre outros pontos. O sociólogo Zygmunt Bauman (1925 – 2017), no livro *Modernidade e Holocausto* (1998), trata da ligação que há entre a chegada de tais pontos, a priorizarem o racionalismo com o surgimento de algo impactante como o Holocausto.

Bauman deixa evidente o quanto o Holocausto não é apenas um problema dos judeus, mas de toda a cultura moderna. Comenta que tal atrocidade serviu como amostra, não só de um determinado instante doentio na sociedade, mas resultado de determinadas ideias existentes na modernidade, revelando o outro lado daquele suposto desenvolvimento, movido por ideais capazes de causar demasiada dor.

Se em *Jerusalém* o leitor percebe as “lacunas” a se formarem entre cada sujeito, com distanciamentos e desejos individuais a dominarem, para o sociólogo estes seriam efeitos da modernização, que se encontram juntos aos

ganhos das transformações sociais em, por exemplo, melhorias tecnológicas. Segundo Bauman, em meio a ganhos e perdas nasceu o evento Holocausto, revelador da fragilidade humana:

> [...] um evento que revelou a fraqueza e fragilidade da natureza humana (a abominação do assassinato, a aversão à violência, o medo da consciência culpada e a responsabilidade pelo comportamento imoral) quando confrontada com a simples eficiência dos mais acalentados produtos da civilização; sua tecnologia, seus critérios racionais de escolha, sua tendência a subordinar pensamento e ação à praticidade da economia e da eficiência. (BAUMAN, 1998, p. 32)

Trata-se de uma das muitas interpretações que Bauman traz para definir o Holocausto, dizendo ser o evento de teor muito mais complexo do que realmente o tratam. O entendimento exige muita reflexão, por não ser, no seu ponto de vista, um acontecimento “a parte”. A mudança de costumes da sociedade serviu de “alimento” para a criação do Holocausto. Usufruiu-se do preconceito para impô-lo, seguindo pelo caminho de uma lógica deturpada.

No livro de Gonçalo, a imposição de ideias também está presente. Pela força, alguns acabam submetidos a pensamentos os quais não eram necessariamente parte si. Além do mais, cada figura na ficção usa da “cultura burocrática”, comentada por Bauman, que é uma maneira de ver a sociedade como objeto, um serviço a ser administrado. Por ela, controla-se, domina-se e aprimora-se, manipulando sujeitos como objetos inanimados.

O teórico vê o Holocausto como resultado de um processo dito, pelos praticantes do extermínio, como “civilizador”, com o intuito de degradar, censurar. Pela “política racial”, tentava-se separar as vidas como úteis e inúteis. Se considerasse preciso, para a doença da incompetência humana não se alastrar adotava métodos de eliminação, como antes dito por Primo Levi. Buscava-se a obediência e a obtenção de homens fortes.

A semelhança dessas perspectivas com o hospício Georg Rosenberg é considerável. Em tal ambiente, não há outra opção a não ser seguir as regras do mandante. O contrário remete a desagradáveis situações para os pacientes, que acabam apenas adiando as tentativas de imposição de “sanidade” vinda dos médicos. Obviamente, o Holocausto é algo de maiores proporções e mais

extremo, porém é interessante pensar no Georg Rosenberg como pequena alegoria[12] de considerável fato histórico.

O Estado na modernidade, segundo Bauman, pode ter muito de Auschwitz, se seguir um modelo totalitário. Por colocar no caminho do homem regras as quais o prende, e se tornam perigosas se desobedecidas, a sociedade é, sem perceber, prisioneira do poder estatal. É dito:

> Em matéria de ética e moralidade a situação do indivíduo no Estado moderno é em princípio rigorosamente equivalente à do prisioneiro em Auschwitz: ou age de acordo com os padrões dominantes de conduta impostos pelos que detêm a autoridade ou se arrisca a todas as consequências que eles queiram infligir... (BAUMAN, 1998, p. 110)

A separação entre os que possuem o poder (o governo nazista), e aqueles que obedecem sem nada poder fazer (as vítimas de Auschwitz) são fatores que embasam a modernidade, com figuras superiores e inferiores. No romance, há estes dois em meio a um mundo que se mostra como pós-catástrofes. Personagens que trilham o caminho a seu modo e, se necessitarem, obrigam outros a obedecer. O nazismo e o Holocausto existem em *Jerusalém* na guerra, nos costumes, como produto da modernidade.

5.2 O espaço como expansão da dor no romance

No espaço em que se passa a história de *Jerusalém*, apontam-se dois ambientes de suma importância: o hospício Georg Rosenberg e a cidade em que vivem as personagens. Cidade esta que não vem a ser propriamente nomeada. Ambos cenários mostram, com o desenvolver da narrativa, como o meio pode influenciar os indivíduos significativamente.

Há uma tensão “natural” no romance, provavelmente vinda do clima de guerra que, mesmo não explicitamente mostrado, dá a entender que ocorreu, através de palavras e impressões deixadas pelas personagens. Devido a estas circunstâncias, formam-se nos locais um “costume egocêntrico”, com comportamentos que variam do medo à loucura. O hospício e a cidade são objetos fundamentais para provocar sensações de conflito, como a

[12] Embora trate-se de uma alegoria, não se examinará os conceitos dessa categoria para o estudo dessa dissertação.

necessidade de preservar a imagem em frente à sociedade e a dificuldade e desgosto em conviver com a mesma.

Não há comentários sobre o resto da população que constitui a cidade, o espaço em si, em que se passa a história. Sempre se focaliza nas personagens principais. Solidão e indiferença são marcas dos cenários de *Jerusalém*.

5.2.1 O hospício Georg Rosenberg

Georg Rosenberg é o local para o qual são levados aqueles diagnosticados como loucos, sendo supervisionados pelo Doutor Gomperz. Nesse ambiente, passam-se momentos importantes do romance como, por exemplo, a personagem Mylia sendo internada, ocorrido que acaba por ser um passo para o fim de seu casamento com Theodor Busbeck.

Há também a personagem Ernst Spengler, que estabelece um relacionamento com Mylia. Desse nasce o filho Kaas, posteriormente adotado por Theodor.

A função do hospício, segundo o próprio Gomperz, é a seguinte: “Era uma casa feita para eliminar os mistérios” (TAVARES, 2006, p. 92), um mundo à parte do exterior, com diferentes indivíduos e regras a formá-lo. Os mistérios significam o comportamento perturbado dos enfermos, e para eliminar os problemas dos mesmos, são feitas perguntas com o intuito de descobrir o que verdadeiramente os pacientes pensam, tentando-se adentrar na mente deles, buscando compreender os motivos a constituírem a falta de lucidez.

O aprofundamento nas mentes enfermas se trata de uma regra impossível de ser desobedecida por parte dos membros, e isso tanto a médicos quanto a pacientes do hospício. Georg Rosenberg pode ser visto como um império em que os pacientes são os vassalos, a obedecerem, sem possibilidade de discordância, os “mandamentos” do médico-gestor Gomperz. Existe um conjunto de regras, as quais desfazem e calam qualquer peculiaridade do enfermo, fazendo-o se sentir um prisioneiro.

Além do domínio imposto pela figura que o dirigia, reinava a crueldade entre os próprios pacientes. Tem-se, como exemplo, a chegada das correspondências através do correio:

> Quando o correio chegava, os homens interrompiam os seus percursos mais ou menos descontrolados, e rapidamente tentavam chegar aos envelopes, provocando depois os que nada haviam recebido, numa crueldade que lá dentro era aceite como normal. (TAVARES, 2006, p. 159)

Em tal espaço, em que existe o “domínio da loucura”, ou seja, pacientes enfermos que não seguem o comportamento padrão considerado como normal, há momentos de crueldade, modo de perturbar o outro, tentando lhe despertar inveja. Faz-se presente a maldade, o gosto por maltratar o próximo, algo que pode ser relacionado à linha de pensamento schopenhaueriana, ao tratar a questão da maldade como natural, pois este é o comportamento do homem, ser perverso para com quem está a seu lado.

Diferentemente, no modo em que se pensa o comportamento “maldoso”, Friedrich Nietzsche aponta a criação de uma “má consciência”, a qual tem como finalidade criar um determinado padrão de pensamento para não só dominar como ter ciência dos pontos que causam os males ao indivíduo. Como é expressa a ideia pelo filósofo, se cria um ser para se confiar e, seguidamente, moldar. Por isso, se formam inúmeras possibilidades de controlar e de atingir maldosamente o outro. A provocação por ter algo que o próximo não tem é um dos métodos possíveis de maldade.

O ambiente tem o poder de agir diretamente na personalidade de quem o habita. Há maldade e má consciência devido às limitações impostas. No hospício não há voz diferente da de Gomperz, qualquer tipo diferente de pensamento, não adequado às regras, é silenciado. Uma situação como a chegada das correspondências é um pequeno ponto a alterar, brevemente, a apatia da obediência.

Mesmo que todos a receberem as cartas sejam pacientes, tecnicamente possuindo iguais níveis de influência, a correspondência serviria como ferramenta a adentrar a má consciência do sujeito, que sente culpa, culpa por ser louco, por ser miserável no ambiente opressor. Modo encontrado para provocar e fazerem se sentir notados, de algum jeito, entre eles mesmos.

As cartas possuíam mais um efeito: servirem como lembrete do mundo exterior, já que o hospício se apresenta como um local à parte, afastado da vida externa. Questão que acaba por perturbar as regras impostas:

> Uma carta era o instrumento ideal para interromper a ordem e a limpeza geral do Georg Rosenberg; como um aceno de mão do exterior cada carta tornava-se num recuo do louco em direção à sua vida passada; mesmo que na carta se falasse do futuro o que estava em jogo era um processo de memória: *lembra-te que já estiveste cá fora*; ou talvez melhor: não te esqueças. Era este o sentido de qualquer carta: não te esqueças! (TAVARES, 2006, p. 160)

Por conseguinte, o local possui uma moral que almeja "curar" os sintomas dos pacientes através de uma melhor conduta. Impossibilita-os de serem naturais, infiltrando-se em seu psicológico, causando dor. No geral, extingue a possibilidade de liberdade.

Os pacientes, portanto, devido à opressão, tem como vontade somente o que é considerado, segundo as regras do ambiente, propício para uma boa ordem. Nada que foge ao padrão das regras era permitido. Não havia brincadeiras o menor desejo de espontaneidade. Há apenas a permissão de um comportamento mecânico.

Em *Humano, demasiado humano* (1878) Nietzsche define como um equívoco a ideia de liberdade, pois existe a necessidade da obediência do subordinado para aquele que dita as regras, em praticamente todas as situações na sociedade. A consideração se aplica, como o pensador traz de exemplo, na própria sensação de fome, que, por mais que em muitas vezes exista a tentativa de ir contra esta, acaba-se cedendo. Nesta lógica, o filósofo expressa que "A crença na liberdade da vontade é erro original de todo ser orgânico" (NIETZSCHE, 2005, p. 28). Há forças difíceis de combater, ainda mais quando já não se possui energia suficiente para se defender.

A partir dessa consideração, a submissão, é comum na realidade humana, sempre existindo o mais forte a dominar o mais fraco. Georg Rosenberg seria, por fim, um estabelecimento que não apenas abriga os doentes, como também retira a sua vontade de ser livre. Independente de possíveis "boas intenções" que existam, traz dor e forma, pelos métodos de opressão, novos seres, partindo de métodos que geram sofrimento para "curar".

5.2.2 A Cidade

A cidade, diferente do hospício, se mostra para as personagens como um local estranho, aparentemente com regras mais flexíveis. Para personagens como Theodor e Hinnerk, a cidade é o campo para firmarem a sua existência, seja o primeiro como um médico renomado, detentor de teorias inovadoras, seja o segundo como um sobrevivente de guerra, convivendo com o seu passado de soldado.

Para Mylia e Ernst, a cidade age como uma realidade diferente da que estes passaram no hospício, sentindo-se ambos, em um primeiro momento, livres, sem o sistema de regras do Georg Rosenberg, comandados pela figura de Gomperz.

Não obstante, o mundo externo é também um “veículo” que causa dor e sofrimento. Por mais que haja grandes diferenças, e uma considerável separação, entre a rotina do hospício e a da vida externa, percebe-se as dificuldades passadas pelos personagens no decorrer do romance.

Hinnerk Obst vive à sombra de seu passado. Ao andar pelas ruas da cidade, despreza o convívio social, distancia-se de todos que o cercam. Theodor possui dificuldade de manter postura adequada frente à população, passando por uma dolorosa situação de, mesmo sendo um médico de respeito, suportar as provocações por ter um casamento fracassado com Mylia. Tem um filho deficiente físico que não é seu, existindo ainda a necessidade de viver sob as obrigações de honrar a imagem da família. Theodor e Hinnerk são sentimental, psicológica e moralmente massacrados pelo ambiente da cidade.

Tal espaço atinge também Myilia e Ernst, os quais, por breve momento, saborearam a liberdade, e depois vieram a se sentir confusos em meio à multidão. Acostumados à obediência, sofriam devido à ideologia diferente desse “admirável mundo novo” que habitavam. Apresentando-se como duas pessoas de pouca vontade, a apreensão sentida fez com que se tornassem pessoas sem esperança. Com Ernst cogita o suicídio e Mylia, sem a menor expectativa de vida, apega-se às suas dores.

A vida na cidade se mostra tão “esmagadora” quanto à realidade do Georg Rosenberg. Se, por um lado, há a obediência nos domínios de Gomperz, na cidade seres como Hinnerk e Theodor, sem ligações

propriamente de paciente com o hospício e tecnicamente a se sentirem habituados no local, acabam por passarem dificuldades devido ao espaço em que se encontram. Dificuldades devido às obrigações morais que se fazem exigentes em um meio social.

Tratando-se dos dois antigos pacientes, a cidade mostra-se assustadora, trazendo sofrimentos. Sendo diferente do Georg Rosenberg, sem saber do que se pode esperar a vir acontecer, não existindo um padrão de ações, exigindo dos próprios indivíduos se acostumarem com a rotina social que acaba por ser uma incógnita, ainda mais para dois personagens “presos” no hospício por algum tempo.

A cidade demonstra frieza e indiferença vindas da própria sociedade que a constitui. Nela, predominam sentimentos que prejudicam o homem, pelo afastamento que viver na cidade causa. Mais do que afastamento, há momentos de medo.

Zygmunt Bauman, em seu livro *Tempos Líquidos* (2007), traz seu ponto de vista sobre a cidade: “A vida nas cidades se transforma num estado da natureza caracterizado pelo domínio do terror, acompanhado pelo medo onipresente” (BAUMAN, 2007, p. 78). O distanciamento e a falta de solidariedade são pontos que tornam o convívio na cidade, ainda mais especificamente a da narrativa, uma árdua tarefa.

A realidade em *Jerusalém* aparece como algo desgastante nos dois espaços comentados, característica evidenciada pela teoria de Schopenhauer. Em *Aforismos para a sabedoria de vida* (1851), é dito pelo filósofo: “ [...] em sua totalidade, o mundo, como já dito há muito, é miserável: os selvagens devoram-se uns aos outros e os mansos enganam-se uns aos outros, e isso é chamado de curso do mundo” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 171). Curso do mundo como um campo de batalha, sempre existirá quem domine e quem seja dominado, resultando tal relação em intensos males.

Por tais fatores, os espaços em que se passa a história tem forte responsabilidade na proliferação da dor e dos traumas nas personagens, pois o funcionamento da realidade dificulta o convívio desses com a população e consigo mesmos. Pelas regras e pela falta de rumo que dominam, as figuras de *Jerusalém* se sentem sem esperança.

5.3 O tempo e a dor no romance

No romance, o tempo é um fator crucial, tanto no percurso de acontecimentos da história quanto para a compreensão do leitor acerca da temática de dor e trauma. A história intercala entre os momentos do presente e do passado, variando o foco entre esses dois. Em alguns capítulos, enquanto é apresentada situações-problemas no presente das personagens, no seguimento surgem recordações, as quais demonstram momentos de tempos atrás de cada componente de *Jerusalém*.

Essa variação temporal liga o que se passa na vida de cada personagem com o seu passado, mostrando ser o atual estado de cada um reflexo das atitudes antes tomadas. As escolhas feitas em anos longínquos são o motivo do caminho trilhado por cada um. Se existem falhas e medos, não se tratam de produtos do presente, mas sim efeitos, por vezes acumulados, de antigas decisões.

Não há aqui uma separação entre os dois tempos, se passa uma união na própria estrutura dos capítulos do romance. Mostra-se uma mescla entre o que acontece e o que aconteceu sem sequência pré-estabelecida

Como já visto no capítulo teórico a tratar sobre o trauma, nas concepções de Freud e Seligmann-Silva, há ligação entre a dor e o passado, firmam-se, por tal relação, os sofrimentos na memória, a relembrar angustiantemente. O tempo no romance, conduzido da maneira de passado intervindo no presente, enfatiza como as “manchas” de antigas dores se sobrepõem ao passar do tempo. Abandonar o “antigamente” se faz impossível, por este intervir presentemente. O passado e o presente acabam tornando-se, se não o mesmo, pelo menos parecidos.

A mistura que ocorre entre os tempos se deve aos pontos comentados: o reflexo dos atos e a memória. Ambos estabelecem a relação com o passado. Uma ação momentânea na verdade possui rastros de outras ações, que a motivaram para ser de “tal jeito”. Quanto às lembranças, a memória possui a capacidade de “retornar” para épocas as quais já se foram, fazendo com que lembrar seja quase o mesmo que “reviver” os momentos.

As dores não passam de ser o processo de recordar os momentos de desgosto, assim como são resultados das decisões que o indivíduo adere no

decorrer dos tempos. Pensa-se, na ficção, o estado de Theodor Busbeck, a andar desmoralizado pela rua, fruto de suas atitudes como médico e pesquisador no passado. Lógica de ação e reação que acontece com as outras personagens.

Contudo, na narrativa há um aprofundamento ainda mais denso nas questões temporais. A impressão passada é a de que as definições usadas podem ser questionadas, sendo mais do que aproximadas, mas únicas. Para prosseguir com esse raciocínio, as palavras de Santo Agostinho (354-430) no livro *Confissões*.

Em *Confissões*, Santo Agostinho faz reflexões quanto ao tempo, o que seria e como pensar as suas definições. Pensa a temporalidade como algo sucessivo. Na primeira tentativa de trazer uma ideia do que poderia ser o tempo, diz as seguintes palavras: “a sucessão dos tempos não é feita senão de uma sequência infindável de instantes, que não podem ser simultâneos” (AGOSTINHO, 2007, p. 119). Para ele, seria sempre uma brevidade.

Agostinho adentra em questionamentos sobre as descrições de passado e futuro. No seu ver, parece improvável existirem tais definições, já que o primeiro acabou, e o segundo ainda não veio a existir. Igualmente, se pergunta sobre o presente, se realmente existe: “Quanto ao presente, se continuasse sempre presente e não passasse ao pretérito, não seria tempo, mas eternidade. Portanto, se o presente, para ser tempo, deve tornar-se passado, como podemos afirmar que existe, se sua razão de ser é aquela pela qual deixará de existir?” (AGOSTINHO, 2007, p. 120).

Logo, o pensador vê o tempo como algo de difícil entendimento, de significado incerto, percebendo serem as visões padrões vagas, a darem abertura para discordâncias. Seria possível pensar nele como algo “inexistente” pela capacidade de passar em instantes: “o que nos permite afirmar que o tempo existe é a sua tendência para não existir.” (AGOSTINHO, 2007, p. 120).

Na narrativa, tais perspectivas podem ser observadas. As noções de tempo se fazem tão íntimas e próximas que considerar um passado, que tecnicamente já não existe, acaba por obrigar a se repensar sobre o que realmente são estas linhas temporais. A tentativa de colocar como único tempo realmente “existente” o presente, fazendo assim pensar que há apenas intervenções de um passado no agora do romance também se mostra falha.

Seguindo as perspectivas de Agostinho, o presente, mesmo se fazendo sentir, é demasiado breve, transformando-se logo em passado que já não mais existe, e sendo ainda mais dificíl estabelecer definições.

Seguindo tal linha de pensamento, *Jerusalém* acabaria por apresentar o passado que vive no presente, que existe somente por meio desse, como Santo Agostinho relata. O que permaneceria existindo seriam as palavras que remeteriam às imagens dos fatos, caindo no campo da memória. Através desses pensamentos, Agostinho começa a falar do tempo em um viés psicológico, considerando ser mais coerente se falar de “presente do presente”, “presente do passado” e “presente do futuro”:

> O que agora parece claro e evidente para mim é que nem o futuro, nem o passado existem, e é impróprio dizer que há três tempos: passado, presente e futuro. Talvez fosse mais correto dizer: há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. E essas três espécies de tempos existem em nossa mente, e não as vejo em outra parte. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a percepção direta; o presente do futuro é a esperança. (AGOSTINHO, 2007, p. 122)

O tempo estaria relacionado à mente e as sensações. Só o percebe pelo sentir, assim como passado e futuro existem unicamente devido à memória e à esperança, respectivamente.

Ao ler o romance português há as informações de como foi o passado, e também há personagens ainda envolvidos por ele. Com base em *Confissões*, se pensaria basicamente em dois pontos: primeiro, os relatos do passado apresentados já não existem. Segundo, se Mylia, Thedor, Hinnerk e outros acabam caracterizados por seu passado, isso se dá devido as permanentes memórias as quais possuem, evocando-as através de palavras e associações de algo que lhes passa em um instante, a relembrar um período que já se foi.

O tempo e suas definições se mesclam na narrativa devido à memória das dores que, por causa da vivência de cada personagem, se fazem presentes, mesmo que venha a ser situações de um passado. O sofrimento originado há anos existe no “agora” da obra, a atormentar continuamente, e fazer com que Mylia, Theodor, e os outros, se encontrem ainda no passado.

5.4 As personagens no romance e a relação com a dor e o trauma

No romance, observa-se o domínio de aspectos como a dor, traumas, conflitos (tanto no nível físico quanto no psicológico) na constituição das personagens e no desenvolver de suas ações durante a história. O passado e o presente de cada uma são envoltos por momentos dramáticos, não possibilitando surgir um futuro promissor. Pode-se definir a narrativa como a demonstração de seres criados a partir de horríveis sofrimentos.

A atmosfera coletiva e individual é de tensão, as personagens apresentam características “falhas”, possuem feridas físicas e emocionais. Há a combinação de medo e dor, que se apresentam nitidamente quando se atenta aos atos e as falas de Mylia, Theodor, Ernst e Hinnerk. Todos se expressam como seres complexos e instáveis. Como será visto a seguir, iniciando com a personagem Ernst Spengler.

5.4.1 A fraqueza de Ernst Spengler

Em *Jerusalém*, no início da narrativa, Ernst Spengler se encontra sozinho em um sótão, com a janela aberta, pensando em se atirar pela mesma, quando o telefone toca. Mostram-se na cena aparentes intenções de suicídio, porém, ainda não há como ter conhecimento sobre os motivos, somente se cogita existir um desespero em Ernst.

Possibilita-se dizer que Ernst deve possuir, no mínimo, alguma dor para conduzi-lo talvez ao suicídio. Tanto Schopenhauer quanto Nietzsche discursam sobre os obstáculos da vida, sendo o mundo esmagador, no qual o homem, muitas vezes, parece ser forçado a perecer, sucumbindo às desgraças. Tal perspectiva pode estar relacionada com a tentativa da personagem, vendo a morte como fuga dos sofrimentos.

Ernst é um homem “defeituoso”. Tendo dificuldades para caminhar. Sua dificuldade motora soma-se com a personalidade fraca. Não havia atingido grandes feitos na vida, nenhuma conquista. O ponto máximo que obteve fora a relação de afeto com Mylia, quando estavam no Georg Rosenberg. No mais, Spengler demonstra ser figura sem aptidões.

Depois de sair do hospício, a personagem sentia a sua vida sem nada de especial, e considerava merecer o oposto por todas as dificuldades pelas quais passara. Quando se encontrava com ex-companheiros de Georg Rosenberg, lamentava para si mesmo: “Sofreste tanto e agora tens apenas uma vida normal” (TAVARES, 2006, p. 184). Porta-se como alguém a ter pena de si mesmo, a suspirar pelo pouco que tem, vendo-se como injustiçado.

O desejo de considerar merecer uma melhor vida, mas não tomar atitudes para mudá-la, caracteriza o posicionamento de conformidade schopenhaueriano. Mesmo se mantendo um discurso de desejar mudar nada se faz, aceitando a precariedade em sua vida, conformando-se com o que tem. Prendendo-se, no caso de Spengler, mais no ato de sonhar do que propriamente colocar os desejos sentidos em prática.

As “reclamações” de Ernst Spengler, sem ato nenhum, são a exemplificação daquilo que Nietzsche tanto repudia. Os ressentidos, aqueles que aceitam ser infelizes e não tomam medida alguma para mudar a sua realidade, apenas se lamentando. Qualquer intenção de mudança exige ação, mais do que a ideia de merecimento que o sujeito venha a ter por si mesmo. Precisar-se-ia de movimento. O crítico da moral diz: “A ação é tudo” (NIETZSCHE, 2009, p. 33). Com ela, e apenas com ela, seria possível mudar uma condição.

Sem ações concretas, a personagem caminhava pela cidade e acabava por inventar histórias, usufruía da imaginação para criar relações inexistentes no meio real. Apelar para a fantasia se deve à sua fraqueza, e essa, mesmo tendo como um dos grandes motivos a sua acomodação, também se deve ao sofrimento pelo qual o mesmo passou durante a sua internação, tendo suas vontades destroçadas pelos “cuidados” do hospício.

> Ernst caminhava horas pela cidade sem parar, inventando histórias na sua imaginação, construindo relações humanas e amizades que não existiam. Esforçara-se por aprender de novo a contactar com as pessoas normais, e não apenas isso: também com os dias normais: os dias que esperam pelo humano para que este decida o que fazer deles. É que durante anos fora treinado no instinto contrário: o instinto de aceitação, de disciplina total, de ordem [...] (TAVARES, 2006, p. 184)

Fantasiar, com o intuito de alterar a realidade em que vive, entraria no campo de ideias comentadas por Seligmann-Silva sobre o trauma. Mais

especificamente, o traumatizado não “existe” em seu presente, escapa do agora habitando as suas memórias. No caso de Ernst, que aqui pensa se mostrar em menores proporções, imaginar diferenças é um modo de se proteger de seu vazio. Também há um distanciamento da realidade devido a um passado cheio de dor, mesmo sendo a vontade do personagem adotar tal postura.

Ernst aparenta, mais do que traumatizado, ser infeliz. Normalmente, o homem aspira grandezas, e o personagem vai pelo caminho oposto. Trata-se de indivíduo que abandona os sonhos para se pôr apático, sem vontade. Por tal caminho, tenta-se, mesmo se sentindo infeliz, acreditar no contrário, que se está satisfeito com o atual estado. Nesse sentido, é possível se relacionar ao pensamento de Schopenhauer sobre o abdicar da vontade:

> Tem portanto a nossa vontade que ser quebrada por um imenso sofrimento antes que chegue à renúncia de si própria. Quando ela percorreu todos os degraus da angústia, quando após uma suprema resistência toca o abismo do desespero, o homem volta subitamente a si, conhece-se, conhece o mundo, transforma-se-lhe a alma, eleva-se acima de si mesmo e de todo o sofrimento [...] (SCHOPENHAUER, 2014, p. 116)

Distante do hospício, anos depois, Ernst começa a pensar sobre o seu passado, a notar certas questões quanto à submissão que sofria do Doutor Gomperz, deixando de sentir o respeito (moldado através da imposição e do medo) e percebendo se formar em si uma considerável aversão por este. Já que não estava mais dominado por aquele homem, sua capacidade de percepção se tornava mais clara.

Com a dor, as perspectivas do sujeito acabam afetadas. Em casos, como o de Ernst, o indivíduo não consegue perceber o maltrato pelo qual passa nas mãos de um opressor, manipulada, proibida de refletir criticamente. Levada como rebanho, se pensar pela perspectiva de Nietzsche. Adiante, Ernst se liberta de Gomperz, um “fantasma” opressor. Quando Ernst vai ao encontro do ex-diretor do hospício manifesta raiva, ao notá-lo como um homem nada intimidador:

> - Lembra-se – continuou Ernst- do que nos dizia muitas vezes: que a saúde mental de uma pessoa não estava no que ela fazia, mas sim naquilo em que ela pensava? Lembra-se dessa pergunta a cada um de nós: em que tens pensado? Lembra-se de perguntar a cada um de

> nós: em que tens pensado? Lembra-se dessa pergunta, que nos metia medo? Se agora me fizesse de novo essa pergunta, agora que me sinto equilibrado, sabe o que lhe respondia? Que nos últimos dias tenho pensado em matá-lo. E precisava de o ver para acabar de vez com esta vontade. E de facto já não a tenho, passou-me por completo; acabou aqui. Director Gomperz, estive a observá-lo com algum cuidado, o seu rosto, os seus movimentos, não sei se já reparou: você é velho. Um velho, entende? (TAVARES, 2006, p. 206)

A "libertação" que Ernst adquire do tirânico demonstra uma superação dos traumas sofridos. Pois, de acordo com as palavras de Seligmann-Silva, diferente dos que permanecem sofrendo pelo passado, a personagem foi capaz de se desapegar das prejudiciais lembranças, esquecendo parte da dor do passado que o atormentava.

Feita a análise da personagem Ernst Spengler, considera-se que, além da debilidade física, este indivíduo possui uma fragilidade psicológica, que o torna totalmente entregue ao meio em que se encontra. Devido à sua falta de imposição, acaba por ser alguém que sofre com a precariedade de sua existência, a qual, mesmo adquirindo uma conscientização, se põe em uma posição sem praticar consideráveis mudanças.

Ernst é um homem agoniado pela própria fraqueza. O sentimento de pena quanto a si mesmo é, segundo Friedrich Nietzsche, uma ferramenta cômoda, por se abdicar do crescimento como sujeito. Sem autocrítica, a dor e o trauma nessa personagem agem como um limitador, tornando-o um homem sem perspectivas.

5.4.2 Mylia Busbeck e as dores "boa e ruim"

A personagem Mylia é uma mulher envolvida pelas dores que sente, sua existência é marcada por um desespero físico. Fala inicialmente dessa sensação em seu corpo, que se manifesta também em seu psicológico: "Sentada numa cadeira desconfortável pensava nas palavras fundamentais da sua vida. Dor, pensou, dor era uma palavra essencial" (TAVARES, 2006, p. 7).

Mylia sente sua vida ser consumida, sendo a dor a marca da sua realidade. Numa perspectiva schopenhaueriana, inquestionável seria tal pensamento, pois o sujeito existe a partir dos sofrimentos sentidos, são consequências do mundo, que formam o caráter de cada pessoa.

Tais sensações fazem Mylia sair de sua moradia e comece a andar pelas ruas, dando a impressão de estar desorientada, à procura de uma igreja. Aqui se pode conjecturar em relação à necessidade de recorrer ao metafísico quando há situações de dificuldade, obter respostas através da religião que, no ver nietzschiano, é tanto natural como equivocado, por deixar de se combater as adversidades, optando pela aceitação de “respostas pré-fabricadas” e “um outro mundo”. A igreja funciona como um local de proteção.

Vagando, depara-se com um morador de rua. Pergunta a este onde seria possível encontrar uma igreja, e um breve diálogo começa, logo interrompido pelo seguinte pensamento da personagem: “Mylia sorriu, afastou-se. A dor não a deixava concentrar-se num diálogo” (TAVARES, 2006, p. 9).

A intensidade da dor comprometia o comportamento, afetando qualquer interação, por menor que fosse. Era impossível manter uma simples conversa. A dor prejudica a sociabilidade, alterando o sujeito, ou melhor, moldando a realidade da personagem. Existe-se somente em torno da dor, sendo ela quem dita o que será feito.

Debilitada, refletia que seus atos deveriam sempre se dirigir para ela mesma, como um instinto de preservação. Quanto mais se tem sensações desagradáveis, menos importância há para com os outros. Cria-se interesse apenas por si mesmo, pensando-se apenas na sobrevivência. Schopenhauer observa que “Ninguém é capaz de sair da sua individualidade” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 12), ainda mais quando se encontra com alguma debilidade.

Nietzsche, ainda que considere a individualidade importante, caracteriza esse tipo de posicionamento, devido à dor, como o típico egoísmo daqueles a amarem suas dores, maneira encontrada pelos ressentidos de justificarem as suas limitações. Devido às fraquezas, a personagem teme o contato físico violento, afirmando que, por causa de seu estado, preocupa-se em ser machucada, afastando-se do encontro com outras pessoas.

Há, igualmente, o medo de ser estereotipada como louca. Tal medo mostra a ligação entre o indivíduo e a imagem a qual passa para a sociedade, a dor e a fraqueza se tornam mais significativas no ponto em que se acaba por ser definido por essas palavras de cunho pejorativo.

A preservação da imagem é instintivo no homem, seja por orgulho, como é dito pela personagem Mylia, seja por desejar aparentar força, ou mesmo por moralidade, a tentar não se portar de modo estipulado como “errado” e “louco” nos padrões de determinado grupo.

Mylia percebe a existência em si de uma segunda dor, que se sobressai à dor que a dilacerava. Mylia estava com fome. Observa, primeiramente, essa “nova dor” sem seriedade, vendo-a sem serventia. Contudo, após refletir, chegou a seguinte conclusão:

> Ela percebeu, claramente, que ali, junto à igreja, estavam em competição duas dores grandes: a dor que a ia matar, a dor má, assim ela a designou, e, do outro lado, a dor boa, a dor do apetite, dor da vontade de comer, dor que significava estar viva, a dor da existência, diria ela, como se o estômago fosse, naquele momento, ainda em plena noite, a evidente manifestação da humanidade, mas também das suas relações ambíguas com os mistérios de que nada se sabe. Estava viva, e essa circunstância doía mais, naquele momento, de um modo objectivo e material, do que a dor de que ia morrer, agora secundária. (TAVARES, 2006, p. 15 – 16)

A “dor boa”, sentida pela personagem, pode representar a utilidade da dor para a vida humana, tal como a compreende Schopenhauer. Essencial à existência, agindo como um lembrete de que o sujeito está vivo, a dor evita um estado de absoluta inércia do indivíduo. Fazendo-se perceber no mundo e, com isso, prosseguir com a sua realidade, independentemente do quão árdua seja.

Se a fome serve para Mylia como uma ferramenta que suaviza a dor má e lhe dá um impulso à vida; com base na teoria de Schopenhauer, não seria diferente ao tratarem-se dos sofrimentos. Os sofrimentos teriam a utilidade de ligar cada pessoa à realidade mundana, preservando as suas personalidades para que não desaparecessem.

Mylia considera então que essa fome, “a dor boa”, acaba por afastá-la da morte, sendo a sensação que lhe permite não ser consumida pela dor má: “É impossível morrer com tanta fome!” (TAVARES, 2006, p. 19). A dor da fome lhe passava segurança, estando assim protegida da possibilidade de morrer por causa da outra, se a fome se fazia tão presente.

A personagem tenta evitar a vontade de comer, por saber que servia como proteção, já que a segunda dor tinha como principal possibilidade a de destruí-la. Tal pensamento enfatiza uma realidade humana relacionada à

presença de sensações dessa natureza. Através das dores, a humanidade se forma. Mostra-se também que o ser humano é agarrado à própria vida, independente do sofrimento.

No romance, como anteriormente observado, ocorre a relação entre o passado e o presente no decorrer da história, ora visando os momentos atuais na narrativa, ora momentos pelos quais as personagens já passaram. Em um momento do passado, Mylia conversa pela primeira vez com o seu futuro marido, o médico Theodor Busbeck, durante uma consulta na qual a mesma se diz esquizofrênica. Há um encanto do médico, que Mylia percebe.

O interesse que surge entre as personagens não ocorre pelo sentimento, mas por uma curiosidade instintiva de dominação. Devido ao interesse do médico, a personagem Mylia pensa: “Só se humilha quem se aproxima” (TAVARES, 2006, p. 32). Considerando aqui aproximação como interesse, o início do vínculo entre as duas personagens não possui sentimentos como o amor. Há curiosidade, mas não afeto.

Não somente essa relação como as outras existentes na obra literária dão margem a se pensar sobre a visão do amor vista por Schopenhauer. Que a vê apenas por interesses egoístas, cujo objetivo é a satisfação de um eu e não propriamente relacionado a sentimentos amorosos. Pensamento similar é o de Nietzsche ao afirmar: “Ama-se por fim seus desejos, e não o desejado” (NIETZSCHE, 2014, p. 106).

Considerando-se a ideia de dominação, torna-se plausível ver o relacionamento de Mylia e Theodor em *Jerusalém*, como observa Nietzsche, isto é, de alguém impondo as suas vontades, sendo “senhor” do outro. Os relacionamentos funcionariam assim, com Mylia saciando a curiosidade que sentia por Theodor, provocando-o independente das consequências do envolvimento.

Em diálogo com Theodor, Mylia diz ser capaz de “ver a alma”, intrigando o médico que a questiona de como a alma seria. Nesse momento, ela provoca-o afirmando que a alma “Tem pelos púbicos” (TAVARES, 2006, p. 35). Valoriza o corpo, quebrando a moral religiosa através de uma “brincadeira”, questionando a metafísica através da obscenidade.

Questionando tal diálogo, estando na posição de paciente, Mylia pode ser vista como uma mulher perturbada, possibilitando a interpretação muito além de uma ironia, alcançando uma perspectiva incoerente da realidade.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud disserta sobre os sintomas neuróticos, destaca a incoerência comportamental do paciente a comprometer os pensamentos e as interpretações. Condições possíveis numa personagem que se intitula como esquizofrênica.

Ademais, Mylia possui um gosto peculiar em sua ação de tocar, que fortalece a ideia dos sintomas neuróticos, tanto em pessoas quanto em materiais, fazendo-o de um jeito demasiado forte, a ser condenado pela própria mãe. Seu comportamento pode ser visto como possessivo, um desejo de posse puramente físico, de desejar agarrar os objetos, sentindo prazer no ato. Tal fato faz com que Mylia possa ser adjetivada como uma pessoa “obscena”.

Um tipo de obscenidade como essa, que gera desconforto, vem do prazer de controlar. Contudo, resulta ao objeto desejado o desprazer e a dor, por este ser um natural comportamento humano de dominar, e mesmo infernizar, o próximo.

A origem da dor de Mylia é fruto de sua passagem pelo hospício Georg Rosenberg. Ao manter relações sexuais com Ernst Spengler, acaba por engravidar deste. Vê-se forçada a fazer, após dar à luz ao filho Kaas, uma cirurgia que a impossibilita de gerar novos filhos:

> Foi um acto médico simples num ano onde as invenções tecnológicas se sucediam: não mais poderia ter filhos; haviam arrancado uma possibilidade ao seu corpo. Como se o seu ventre tivesse desistido do mundo, mas não: haviam decidido por ela. Mylia não sabia o que lhe iam fazer, e depois não entendeu o porquê daquela sonolência, da dor, e ainda da faixa em redor do sexo. (TAVARES, 2006, p. 162)

Dois pontos importantes notáveis nessa peculiar situação: primeiro, como um ser com capacidade de ditar as próprias vontades, sucumbe frente ao poder maior daquele espaço. Sem forças, obriga-se a contrariar a sua vontade; segundo, a dor de Mylia se diferencia das demais personagens por não se expressar apenas no psicológico, ela possui traumas, mas há também a dor em seu corpo, que surge deste procedimento cirúrgico, que a impossibilita de gerar filhos, machucando a sua carne, trazendo-lhe sofrimento. Mylia carrega a ideia do “corpo”. É a única personagem que possui ferimentos externos.

Para suportar o sofrimento, Mylia se agarrava a uma pequena cruz, usando-a como um refúgio: “[...] como se tocar na cruz fosse entrar num espaço, abrir a porta de um compartimento e fechar-se lá dentro. Quando a sentia nos dedos isolava-se, de imediato, mesmo que rodeada de homens e mulheres barulhentos que a puxavam” (TAVARES, 2006, p. 164). Sendo paciente do Georg Rosenberg, a pequena cruz era uma peculiaridade a trazer “liberdade”, agindo como uma proteção.

A cruz, um símbolo de fé, serve como um escape da realidade, seguindo o caminho metafísico. De acordo com Schopenhauer, é uma atitude sensata por ser uma filosofia a qual nega a esperança no mundo, não cogitando possibilidades de mudanças para melhor. O nada acaba por parecer mais interessante do que estar envolto por indivíduos desagradáveis.

Em oposição à ideia acima, Nietzsche é contrário à desvalorização da realidade, pela vida ser unicamente a que se passa na terra. O apego à fé é um abandono da batalha contra os impasses que surgem ao homem. Além de não se agir, o ser humano espera que as situações melhorem por interferência divina. Minimiza-se a importância do mundo terreno quando se crê na possibilidade de uma existência pós-morte:

> Foi pelo fato de termos, durante milhares de anos, olhado o mundo com exigências morais, estéticas, religiosas, com cega inclinação, paixão ou medo, e termos nos regalado nos maus hábitos do pensamento ilógico, que este mundo gradualmente se tornou assim estranhamente variegado, terrível [...]. (NIETZSCHE, 2005, p. 25)

No campo da memória e do trauma, estudados por Seligmann-Silva, o sofrimento de Mylia exerce a função de uma cicatriz, que sempre traz recordações dos momentos traumáticos passados, vividos sob domínio do Doutor Gomperz. Aparecem na memória como feridas abertas, constantemente reproduzindo dor.

Aqui, estabelece-se uma relação entre o corpo e a mente, afirmada, no romance, por um ginecologista que, ao examinar Mylia, diz: “Mesmo que queira o seu corpo não poderá esquecer a passagem por Georg Rosenberg” (TAVARES, 2006, p. 180). A impossibilidade de esquecer define o indivíduo traumatizado, incapaz de apagar de sua existência os momentos dolorosos vividos. No caso de Mylia, os efeitos colaterais da vivência no hospício se

manifesta no seu corpo, que se reflete na memória. As dores da mente e do corpo dialogam entre si, enfatizadas pela marca gravada no corpo da personagem, durante o tempo que passou no hospício.

A existência da personagem é constituída por esses ferimentos físicos e psicológicos. Atenta-se que a mesma, independente do quanto se sinta mal, não se esforça para desapegar de suas lembranças dolorosas. Mylia enfatiza que sempre recordará do hospício: “Se eu me esquecer de ti, Georg Rosenberg, que seque a minha mão direita” (TAVARES, 2006, p. 181)[13]. Há quase uma obrigação por parte da mesma em recordar tais dores. A razão envolve o ódio pelo momento que mudou a sua vida.

Devido à necessidade da personagem de recordar, possibilita-se pensar em um dos pontos que caracterizam o sintoma traumático, que se trata da prisão do indivíduo nos fatos já ocorridos. Quando se diz prisão, quer reiterar-se, nesse caso, o apego às situações de opressão e dor do hospício. A compulsiva repetição de pensamentos e atos, causados pela situação traumática do passado, como pensa Freud.

O sentimento de Mylia dá a entender ser um pouco diferente. Está vinculado mais à vingança, do que ao medo. Porém, ao precisar lembrar do período de sofrimento, entra-se na questão exposta por Freud e por Seligmann-Silva. Ambos falam do deslocamento do sujeito no presente, vivendo no passado, refletindo-se nas suas condições de vida, tornando-o um estranho no cenário pós-trauma.

Dominada pela dor, Mylia serve como a representação da realidade vivida pelo homem, na qual há as mais desgastantes sensações a envolvê-lo. Por viver sofria, o que é um ver totalmente schopenhaueriano. Por manter-se de pé, buscando respostas, como, por exemplo, ao vaguear pelas ruas da cidade, ela carrega em si atitudes do pensamento nietzschiano. Mylia não se deixa apagar pelos horrores vividos. Essa figura feminina representa tanto o desespero causado pela dor, quanto a tentativa de suportá-la.

Mylia, no desenvolver do romance, reencontra Ernst Spengler. O primeiro momento é positivo, sendo uma figura a lhe trazer raras boas lembranças de uma época sombria. Entretanto, ao refletir, a personagem

[13] Referência à bíblia. Salmos 137:5 “Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se paralise a minha mão direita.”

percebe a mudança de seus sentimentos por Ernst, aquilo que antes a fazia ter boas recordações, mostra-se agora como uma memória má, representando a imagem de um período de fracasso.

Tendo, dentro do possível, superado o tempo de Georg Rosenberg, Ernst Spengler de nada servia para Mylia, além de causar vergonha. Aqui acontece de diferente maneira, se comparada a passagem anterior, em que ela sentia precisar lembrar de seu passado. Estando com Ernst, há uma superação, se não totalmente pelo menos em boa parte, das amarguras, saindo do estado estático de viver.

Considerando as observações feitas, Mylia retifica a visão de mundo dada por Schopenhauer, o viver impregnado de desgostos. Mas, mesmo havendo grande sofrimento em si, é uma figura que representa um considerável confronto contra a dor, não se deixando sucumbir e muito menos abandonar suas ações.

Fragilizada física e psicologicamente, fortalece-se, se não ao ponto de ter paz, pelo menos de manter um pouco o controle sobre si. Seu comportamento em não ceder ao mundo completamente é o que não a faz totalmente schopenhaueriana. Acreditar ser capaz de batalhar contra tal cenário desfavorável, é característica nietzschiana. Como está escrito em *Crepúsculo dos ídolos:* “O que não me mata, me torna mais forte” (NIETZSCHE, 2014, p. 19), sendo essa a impressão que fica de Mylia, alguém que viveu na dor e a superou em determinados pontos.

5.3.3 Theodor Busbeck e o estudo sobre o horror

Theodor Busbeck, médico e ex-marido de Mylia, tem, como objetivo principal, o estudo sobre o horror e seus efeitos na humanidade ao longo da história. Possui um trabalho de pesquisa em que coleta informações sobre os momentos de guerra, ou seja, de horror durante os passos da vida humana. Em certo momento, está a averiguar fotos que tratam dos campos de concentração, as quais exibem imagens de homens e mulheres despidos e mortos.

As imagens observadas pela personagem representam não somente a morte, mas algo mais perturbador, que viria a ser propriamente a dor, o horror

e o trauma na realidade. Tão importante quanto o sentido moral e histórico que representam estas imagens, o interesse de Theodor Busbeck atenta para a noção do envolvimento do ser humano com catástrofes.

Seu apreço pela temática da dor e do sofrimento se apresenta com clareza quando, logo no início do romance, a personagem faz uma leitura e encontra a foto de uma mulher machucada com a vagina à mostra. A imagem o intriga, ele acaba não conseguindo desfazer o fascínio que sentiu, com aquela impressão fixada em sua mente, mexendo com o seu corpo.

O interesse quanto à temática comentada faz Theodor se aprofundar nos estudos sobre a maldade, almejando a elaboração de um gráfico que estabelece a relação entre o horror e o tempo, demonstrando os momentos de maiores e menores adversidades na humanidade. Procura compreender as razões que movem os homens a cometerem o mal, aquilo que os leva a espalhar dor. De acordo com Theodor Busbeck:

> Queria que do meu estudo resultasse um gráfico – um único gráfico que resumisse, que permitisse estabelecer uma relação entre o horror e o tempo. Perceber se o horror está a diminuir ao longo dos séculos ou a aumentar. Se é estável. Repara que se descobrir que o horror tem uma certa estabilidade histórica, que mantém certos valores, digamos, de cinco em cinco séculos, se conseguir encontrar uma regularidade, estarei perante uma descoberta fundamental. Quero chegar a um gráfico do que se passou até aqui – desde que temos relatos históricos mais ou menos fidedignos – nos vários campos de concentração ou de extermínio (..) (TAVARES, 2006, p. 45 – 46)

A busca de Theodor segue a linha de raciocínio de inúmeros estudiosos ao longo da história que procuraram entender os acontecimentos violentos que cercavam a espécie humana. A peculiaridade do raciocínio apresentado quanto a relação entre o horror, a dor e o tempo, possibilita uma maior proximidade com as teorias aqui apresentadas. Tratam da posição do homem frente às dificuldades mundanas que o cerca e como a capacidade de causar terror é característica própria do ser humano, constituindo a base de suas ações e lamentos.

Do ponto de vista dos teóricos estudados, a história da vida humana é a história da dor, das tragédias. Acredita-se na existência conflituosa do homem desde os primórdios, havendo ligação entre o tempo e a existência humana

com a dor de maneira constante. Como afirma Schopenhauer “ [...] a dor é real” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 114).

O ponto de maior destaque do estudo de Busbeck ser o comportamento do sujeito perante a realidade também é um consenso entre as teorias abordadas. Diferencia-se, de modo significativo, que Schopenhauer veria o horror não apenas como natural, mas também instransponível. Fazendo do gráfico puramente uma observação, por se tratar de algo imutável, números que cada vez mais aumentariam e nada poderia mudá-los.

Nietzsche, mesmo pensando a existência do horror como um fator natural, acredita existir no homem a capacidade de se colocar acima disso com base em sua vontade (a vontade de poder), reconsiderando seu posicionamento no meio em que existe e indo de encontro àquilo posicionado como adversidade.

Tratando ainda do gráfico criado por Theodor Busbeck, pensa-se nas afirmações de Seligmann-Silva, que aponta ser a história do homem marcada por traumas. Sendo a cultura, muitas vezes, uma ferramenta que impulsiona os momentos desastrosos da humanidade, tratando como um cenário de “normalidade” os grandes períodos de turbulência.

Freud, por outro viés, direcionaria a percepção quanto à dor ao longo da existência humana começando na infância, analisando as relações problemáticas da criança com o pai e a mãe. Uma convivência “defeituosa”, que deixaria impressões para a vida adulta, originando-se desse modo uma abertura para os sintomas neuróticos.

Dessa maneira, os estudos de Theodor seriam um passo não somente para a compreensão do horror, mas uma ferramenta que agrega métodos para lidar com as dificuldades ao longo dos anos. Busbeck pretende encontrar uma fórmula que explique o horror e as causas da maldade. A personagem acrescenta:

> Mas não procuro apenas a fórmula que resuma os efeitos do horror, que resuma aquilo que o horror fez no passado; pretendo ainda alcançar uma outra fórmula que permita prever, que permita agir e não apenas contemplar ou lamentar. Pretendo chegar à fórmula que resuma as causas da maldade que existe sem o medo, essa maldade terrível; quase não humana porque não justificada. (TAVARES, 2006, p. 46)

Por mais que a personagem trate do horror desse modo, questionando-o, não esquece da importância do horror na história, a sua capacidade de determinar certos acontecimentos, reafirmando ser uma substância necessária na realidade.

A personagem tenta entender o estado da história, se ela se encontra saudável ou doente com base nas intensidades pela qual manifesta-se o horror. Pensa se a mesma se direciona para um bom ou mau caminho, havendo melhoras ou pioras na vida humana. Compreende-se por estado "saudável e bom" a ausência ou, pelo menos, baixos níveis da presença de calamidades. O estado "doente e mau" seria o oposto, a presença de ações humanas destrutivas, que resultam em tragédias.

Um dos interesses de Theodor, como desenvolve, por exemplo, Schopenhauer em sua filosofia, é o de evitar a morte, e proteger-se, das dores da realidade. Age-se almejando a proteção de si, mesmo havendo a morte como possibilidade de libertação dos pesares mundanos.

Para o filósofo "pessimista", não existem possibilidades de se refugiar e preservar dos males, o único trajeto para o término dos sofrimentos seria a morte: "A morte é o grande reservatório da vida" (SCHOPENHAUER, 2014, p. 220). Os estudos sobre o horror, considerando a maneira schopenhaueriana de pensar, não trariam mudanças, sendo a morte a solução possível.

Além do gráfico, o médico examina as características de indivíduos saudáveis na sociedade. Uma existência com saúde, no ver do médico, engloba três aspectos: "Fisicamente, mentalmente e espiritualmente. Estas três categorias eram, aliás, para Theodor uma espécie de pontos cardeais indispensáveis à existência, e, em particular, à existência com saúde" (TAVARES, 2006, p. 55). Tais características que definiriam alguém como saudável, um equilíbrio entre corpo e mente, tendo o acréscimo do espiritual, como complemento para um estado não deficiente.

Ao enfatizar ainda mais o espiritual, Busbeck elabora a seguinte afirmação: "O homem saudável quer encontrar Deus" (TAVARES, 2006, p. 56), palavras que remetem à necessidade do homem de obter "apoio" da religião, servindo esta para suavizar as angústias humanas. Associando o saudável com a busca de Deus, desenvolve a ideia de que o enfermo possui um distanciamento de tal figura divina.

Schopenhauer, mesmo em todo o seu pessimismo, observa na metafísica uma possibilidade de percurso. Encerra os pensamentos não em um céu ou inferno propriamente, mas no espírito, visto este como um abandonar das vontades mundanas. Percebe-se, porém, que por mais que na ficção a personagem mire essa ideia de Deus, ela dialoga com o pensamento do filósofo por representar a tentativa de preencher um espaço na existência dos sofrimentos humanos com a religião, na condição doentia que é existir.

Nietzsche compreende a necessidade humana de agarrar-se ao sobrenatural, todavia discorda desse abandono da realidade na terra. Sobre as religiões, o filósofo aponta: “Pois foi do medo e da necessidade que cada uma delas (as religiões) nasceu, e por desvios da razão insinuou-se na existência” (NIETZSCHE, 2005, p. 82). Abdica-se da procura por respostas, as quais possam minimizar as dores. Para o filósofo, o contentamento a partir da religião é o que forma verdadeiros doentes.

A importância de “Deus” é de relevância para Busbeck. Segundo a personagem: “Um homem que não procure Deus é louco. E um louco deve ser tratado” (TAVARES, 2006, p. 56). Se há a necessidade da religião para diminuir a dor humana, aqui é apontado serem aqueles que não possuem uma religião vistos como “loucos”. Desconsiderar o “caminho de Deus” traria como resultado a perda da sanidade. Busbeck estabelece uma relação entre a dor, loucura e religião, afirmando que somente os lúcidos buscam a Deus.

Pode-se associar Busbeck à moral religiosa tanto criticada por Nietzsche, que condena os que não se sujeitam a obedecer o divino, definindo-os como errados. Tal questão pode ser vista a partir da perspectiva cristã do pecado, usada para injuriar, usufruindo de adjetivos “negativos” como o “louco” usado por Busbeck. Seria, por tal viés, um erro não se submeter aos dogmas.

Tal força possuiria a moral religiosa que Nietzsche afirma: “Até agora os homens mais poderosos sempre se curvaram reverentes diante do santo” (NIETZSCHE, 2014, p. 78), ou seja, o religioso é capaz de atingir até mesmo os poderosos, por sua capacidade de dominar e impor “verdades”.

Theodor, visando compreender o horror ao longo da história, durante as pesquisas, consulta uma “obra de ficção” intitulada de *Europa 02*. A obra traz informações relacionadas com os campos de concentração, discorrendo quanto às experiências vividas pelos prisioneiros durante o Holocausto.

No início, temos uma passagem que fala dos “excluídos”: “Quem comete um erro é excluído; é fechado dentro de uma caixa. Quem está fora vê apenas a caixa. Mas quem está fechado, excluído, consegue ver cá para fora. Vê tudo, vê-nos a todos” (TAVARES, 2006, p. 116). Além dos excluídos, comenta-se das leis dos campos de concentração, os exames médicos que transformam os prisioneiros em cobaias, bem como apresentam sessões de tortura:

> Em qualquer sítio e a qualquer momento, podes ouvir: Tortura. E chamam-te.
> Podem designar-te para torturar ou para ser torturado. Não é necessário cometeres uma falha. Podem escolher-te aleatoriamente para sofreres.
> Quando te dizem: Tortura, não sabes se te chamam para torturar ou para ser torturado. (TAVARES, 2006, p. 124)

As informações obtidas pelo livro *Europa 02* demonstram a forte conexão entre a dor e a história, a existência enfática dos momentos traumatizantes no passar dos tempos. A pesquisa de Theodor, reflete um acontecimento como o do Holocausto. Reafirmam-se as ações humanas, motivadoras dos impulsos à dor. Independentemente do que estimule o indivíduo, as práticas sempre caem no campo do sofrimento.

De maneira schopenhaueriana, o resultado final seria esse processo de destruição, com a “equação básica da vida” tendo como resposta traumas agoniantes.

O horror observado por Busbeck, na perspectiva do sociólogo Zygmunt Bauman, é um dos aspectos que se intensificaram com a chegada da modernidade, com o avanço tecnológico e o desenvolvimento de ideologias extremistas, como é o caso do nazismo. O pensamento racionalista é o impulso que move uma atrocidade dessas, que dilacera o “inimigo” brutalmente, pontos claramente existentes não só no *Europa 02,* como na ideia de horror exposta pela personagem.

Não se deve ainda deixar de considerar o desejo de conservação que surge com o sofrimento. O exemplo se mostra na seguinte passagem: “As torturas são executadas no compartimento daquele que escolheram como carrasco. Por isso, quando vês que se dirigem para o teu compartimento não consegues evitar a alegria: cerra os punhos, dás um urro de satisfação” (TAVARES, 2006, p. 125). Prefere-se a desgraça do outro do que a própria,

uma forma possível de se proteger do sofrimento quando o homem se encontra em um ambiente aterrorizante.

Um comportamento deste é característico dos instintos humanos que Freud comenta, salientando que se busca sempre o prazer e a preservação de si acima de tudo, evitando-se qualquer possibilidade de prejudicar a própria integridade corpórea e mental. Saber que outro sofre, por incrível que possa vir a parecer, causa tranquilidade e, em muitos casos, prazer. Ver alguém passar pelas mesmas dificuldades acalma o homem.

“Alegria” e “satisfação”. Sentimentos que surgem quando se percebe que não sofrerás os males, mas os propagarás. Pensando metodicamente como nietzschiano, há tanto o desejo de dominar, antes discorrido, quanto uma considerável arrogância por se ver como “merecedor” de ser quem pune.

Aplica-se a ideia de que o importante é se proteger, e a melhor possibilidade para si é sempre controlar a situação e não ser uma vítima. Como observa Bauman: “[...] o processo de racionalização facilita o comportamento desumano e cruel nas suas consequências, quando não nas intenções. Quanto mais racional a organização da ação, mais fácil se torna produzir sofrimento – e ficar em paz consigo mesmo” (BAUMAN, 1998, p. 183).

Theodor, após ler o conteúdo do livro, se faz a seguinte pergunta: “Poderá um homem que se encontra entusiasmado com uma determinada atividade comum transformar-se no dia seguinte num carrasco?” (TAVARES, 2006, p. 127). De tais reflexões, é preciso pensar na “inconstância” do homem. Como seus impulsos são uma incógnita, com grandes mudanças de comportamento ocorrendo. Sentir ou não sentir dor muda a personalidade do indivíduo.

O questionamento levanta uma dúvida, seria possível, com base nessas ideias, pensar em bondade ou maldade, por exemplo? O medo, especificamente o medo em sentir dor, abalam certos pensamentos padrões da sociedade. Pode-se pensar que os homens são naturalmente cruéis, como Schopenhauer, ou ver como, dependendo das próprias forças, podem ser submissos ou submeter vontades, como pensa Nietzsche.

Em seguida de fazer-se a pergunta, Busbeck pega um dos livros à sua frente e lê a seguinte passagem:

> [...] seis milhões de seres humanos foram arrastados para a morte sem terem a possibilidade de se defender e, mais ainda, na maior parte dos casos, sem suspeitarem do que lhes estava a acontecer. O método utilizado foi a intensificação do terror. Houve, de começo, a negligência calculada, as privações e a humilhação [...]. Veio a seguir a fome, à qual se acrescentava o trabalho forçado: as pessoas morriam aos milhares, mas a um ritmo diferente, segundo a resistência de cada um. Depois, foi a vez das fábricas da morte e todos passaram a morrer juntos: jovens e velhos, fracos e fortes, doentes ou saudáveis; morriam não na qualidade de indivíduos, quer dizer, de homens e de mulheres, de crianças ou de adultos, de rapazes ou de raparigas, bons ou maus, bonitos ou feios, mas reduzidos ao mínimo denominador comum da vida orgânica, mergulhados no abismo mais sombrio e mais profundo da igualdade primeira: morriam como gado, como coisas que não tivessem corpo nem alma, ou sequer um rosto que a morte marcasse com o seu selo. (TAVARES, 2006, p. 128)

A passagem expõe o domínio do horror nas relações humanas. Demonstrando os atos do homem que geram caos. Exemplifica os métodos usados para se defender uma ideia, com um extermínio a dilacerar todo o tipo de pessoa. Pratica-se, com naturalidade, abominações com o próximo, espalhando sofrimento por ideais. Desfigura-se a humanidade, especificamente aqueles incapazes de se defenderem, agindo com métodos bestiais. Nas palavras de Nietzsche existe um sentimento de satisfação naquele que “pode livremente descarregar seu poder sobre um impotente” (NIETZSCHE, 2009, p. 50).

Na passagem, apresentam-se aspectos tenebrosos que caracterizam o homem, a desferir traumas. Tendo, por outro lado, também a vista aquele homem sem força, a receber todo o tipo de agressão em potencial. Para uma constatação dessas, evocam-se as palavras de Schopenhauer: “O destino é cruel e os homens são deploráveis” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 30). Considerando a dor e as maldades imutáveis, assim como vendo os sentimentos humanos como podres, se propaga a crueldade, colocando desejos tenebrosos acima do bem-estar humano.

Continuando a análise, um personagem influente é Thomas Busbeck, pai de Theodor. Um homem que, assim como a família Busbeck em si, era de grande influência na cidade. Sendo seu pai figura de importância, o fardo da “imagem familiar” acaba recaindo sobre Theodor, o qual precisa honrar o legado. Como é exibido sobre a função de cada um na família Busbeck:

> O papel das mulheres e dos homens era evidente na família Busbeck: os homens conseguem uma coisa e as mulheres mantêm-na. Era

> como que duas partes do mesmo exército: os homens iam à frente e ganhavam notoriedade e às mulheres estava entregue a função, extremamente difícil e delicada, de manter o alto nível das conquistas, ou seja: a cargo delas estava a manutenção da *higiene da notoriedade,* expressão que ganhara na família Busbeck uma consistência orgulhosa. (TAVARES, 2006, p. 139)

O discurso acima equivale ao pensamento exposto em *As dores do mundo*, por Schopenhauer, em que o filósofo discorre sobre o amor e os relacionamentos vazios, com a única finalidade de saciar os objetivos. Há um sentimento egocêntrico que almeja se consolidar de alguma maneira. No caso da família Busbeck, se quer prosseguir, por geração, com o poder que possui sobre a cidade, espalhar o nome, através de descendentes, para assim potencializar o domínio sobre o local.

Para evidenciar a importância da honra da família, Thomas Busbeck diz as seguintes palavras quanto ao casamento de seu filho com a então "esquizofrênica" Mylia: "É uma mulher que vai sujar a tua notoriedade" (TAVARES, 2006, p. 143). Frase que fortalece a necessidade de se manter uma boa imagem frente à sociedade, pois o casamento de um Busbeck com uma aparente louca seria contra os princípios da família, e possibilitaria o enfraquecimento da mesma, uma debilidade que poderia constituir em "comentários depreciativos".

Constitui-se, devido à ideologia de seus familiares, um fardo sobre Theodor, formado pela obrigação de manter uma imagem digna que tem os Busbecks na cidade. Um trauma a vir do berço familiar, como pensaria Freud. Havendo a obrigação de seguir as vontades das figuras paternas.

A dor, nesse caso, se faria presente no campo não só da imagem, mas da moral. Um dano na reputação de uma família dominadora diminuiria a sua capacidade de controle, a face de "pureza". Corromperia a identidade destes e propiciaria uma aproximação com, por exemplo, as menores camadas da sociedade por possuir, assim como elas, defeitos.

Sairiam do pedestal em que se encontravam, correriam o perigo de se tornarem "comuns". Representaria a perda do domínio, uma dor que apenas aqueles que já dominaram e perdem a capacidade de fazê-lo podem sentir.

No capítulo XX, no momento em que Theodor busca o seu filho Kaas Busbeck para irem à casa do avô, que se encontrava no leito de morte,

Theodor começa a pensar em uma relação entre o “bem e o mal” e a “inatividade ou o tédio”:

> [...] formulava Theodor a hipótese de que o bem e o mal têm origem na inactividade e no tédio, e que, portanto, a atividade concreta, especializada, dirigida individualmente, provocava, pelo contrário, uma atitude moralmente neutra em relação ao mundo; a atividade – o trabalho propriamente dito – poderia ser, então, a forma de evitar os grandes horrores, os grandes massacres da História, aceitando-se, porém, ao mesmo tempo, que também assim desapareceriam as condições para o surgir de grandes acções e de homens santos. Sendo no entanto, para Theodor, de uma absoluta evidência a reduzida importância dos actos bons, quando considerados num tempo longo, ao contrário dos actos de maldade pura, que se haviam transformado no verdadeiro motor da História. (TAVARES, 2006, p. 149 – 150)

A noção de tédio, comparada aqui à maldade, remete ao dito antes por Schopenhauer, considerando o tédio extremamente prejudicial para o ser humano, um perigoso estado estático, muitas vezes devido a um estado de acomodação, no qual não se obtém aprendizado. Em suma, um estado em que acaba por nada agregar, formando indivíduos apenas esmagados pela vida.

Não haveriam diferenças em pensar nesse de acordo com a teoria de Nietzsche. Pois o tédio, significando o desinteresse tanto por si mesmo quanto pelas situações que cercam os sujeitos, é abrir mão da vontade. É um modo acomodado de se encontrar submisso perante aos desafios. Seria aceitar uma dor que apenas prejudica a vida.

Curioso é pensar em outra ideia que se forma a partir do raciocínio de Theodor, em seu modo de crer ser o tédio influente no mal, assim como pensa que o seu oposto, nesse caso o trabalho, caracterizaria algo positivo. Raciocínio que recorda novamente o Holocausto.

Especificamente remete ao campo de concentração de Auschwitz, que tinha, na sua entrada, a famosa frase "Arbeit macht frei" (O trabalho liberta). Sendo, dentro daquelas condições, a maneira de diminuir as torturas, mesmo com o trabalho demasiado dificultoso, e muitas vezes tão torturante quanto as punições.

Busbeck enfatiza que a parte do horror que lhe interessava não se relacionava necessariamente com embates entre dois povos, mas a ideia geral de força contra fraqueza, das situações dolorosas em si, em choque com a fragilidade humana. Iria observar a relação de extermínio do forte sobre o fraco.

Assim, dividia os povos em dois grupos, os que eram ativos, capazes de causar dor (povo emissor de sofrimento), e os povos passivos, submissos, que sofriam os horrores (povo receptor de sofrimento). Fazia a seguinte previsão quanto ao futuro do mundo: "'O terror ainda não terminou', repetia Busbeck, 'nos próximos séculos muitas populações serão massacradas', vêm aí 'vários milhões de mortos'" (TAVARES, 2006, p. 192).

As previsões do médico encaixam-se no pensamento de que a história está intimamente ligada aos momentos de dor apresentados tanto por Schopenhauer quanto por Seligmann-Silva. O primeiro afirma que existem mínimos momentos de paz na vida. O segundo considera a presença das catástrofes históricas no presente, que se manifestam nos estudos acadêmicos, na constituição de valores sociais e na programação midiática.

A previsão exposta por Busbeck também possui traços nietzschianos. O filósofo enfatiza a existência da busca por poder, a incansável tentativa de "o mais forte" desejar eliminar "o mais fraco". Situação que sempre existirá, porque haverá sempre aqueles que estão dispostos ou a fazer de tudo por suas ideologias ou por, simplesmente, desejar massacrar aqueles que considera inferiores.

A partir do que disse, o médico constatou que se formava um pânico entre os povos, os quais receavam transformarem-se em vítimas ou emissores do sofrimento. Notava um temor no sentido de preocuparem-se com a sua imagem moral frente à sociedade:

> Theodor sentiu que era tão insultuoso ser considerado 'futuro carrasco' como 'futura vítima' e, nesse sentido, Busbeck percebia um medo – pânico mesmo – quase idêntico entre os que receavam tornar-se, nessa ou nas gerações seguintes, vítimas ou criadores do horror. Como se existisse nesses dois estados do ser humano (vítima e carrasco) uma vergonha idêntica [...] (TAVARES, 2006, p. 195)

A sensação de vergonha, da preocupação pelo o que pode significar estas definições de vítima e carrasco para um povo, tem sua origem na moralidade. Baseia-se nas aparências, na necessidade de estar em uma posição social que faça ser impossível surgirem comentários injuriosos. Ser definido por estes adjetivos impossibilitaria que um povo, caracterizado como carrasco, pudesse ser, como pensa Nietzsche, "moralmente correto".

O medo advindo por injuriar a reputação de uma pátria surge pela importância dada ao julgamento alheio. Com este sendo o impulsos que move uma população para agir conforme as ações moralmente corretas ou padrões de comportamento e regras de um espaço social. Tornam-se escravos de um sentimento patriota e de uma aparência que necessitam honrar. Sofrem com a dor de não poderem agir naturalmente, precisando demonstrar uma face falsa para não arcar com repúdios.

Theodor conclui que a história da humanidade estabelece um firme laço com as dores e os traumas, questão não apenas do passado, mas com total influência no presente, possibilitando existir no futuro:

> Esta constatação servia para Theodor Busbeck reforçar ainda mais o pressentimento científico, se assim se pode designar, de que tanto a História colectiva como a História individual de um ser humano caminhavam para o equilíbrio entre o sofrer e o fazer sofrer. O mundo era o conflito entre uma carga positiva e uma carga negativa e esse mundo terminaria quando, quer a nível geral, universal, gigantesco, quer a nível individual e microscópio, se atingisse o zero, a anulação das duas cargas fortes e opostas. (TAVARES, 2006, p. 195)

Considerando-se as palavras do personagem, a perspectiva apontada assemelha-se a certos pontos do pessimismo schopenhaueriano, do inevitável término de tudo. Assemelha-se também com o encontro de forças opostas que se chocam, e a característica autodestrutiva do homem, pensando-se agora em Nietzsche. Este aponta sobre o eterno descontentamento do homem, que deixa marcas por onde passa devido a sua necessidade de impor “verdades” sobre o outro, como exemplifica o filósofo com a figura do sacerdote a guiar seus seguidores.

Não somente as ideologias da personagem são envolvidas pela temática do sofrimento, igualmente a sua vida faz parte de uma realidade dolorosa. Theodor Busbeck, além de um fracassado casamento com Mylia, no passar do tempo tem a sua posição frente ao povo questionada. Estudiosos começam a contestar sua linha de pensamento, e, pouco a pouco, sua obra é esquecida.

Os dois fracassos, no campo pessoal e profissional são, pode-se dizer, os fatores que causam dor à personagem, marcado por uma relação pessoal falha e humilhado no ambiente profissional que, para ele, tinha uma importância especial. A dor se estampa em Theodor através da perda do poder e do respeito.

Com base em Nietzsche, pode-se dizer que, em um momento de sua vida, Theodor se encontrava entre aqueles de “moral nobre”, capazes de estipularem valores, porém, com o desprestígio de seu trabalho, cai para a “moral de escravo”. Perde a autoridade que antes possuía, fazendo parte do grupo dos ressentidos.

Não obstante, mesmo tendo a reputação arruinada, Theodor não vem a demonstrar apreensivo. Ao envolver-se com prostitutas, as chances de ser taxado pejorativamente eram consideráveis. Porém este se via como um “homem” e acreditava cumprir o seu devido papel. Por isso, considerava estar acima de qualquer questionamento:

> [...] o investigador Theodor Busbeck não temia ser visto naquela rua de prostitutas vulgares. Era um homem divorciado, que não respondia perante nenhuma mulher. Tinha um filho, e sabia educá-lo; e o facto de frequentar prostitutas de rua não interferia nessa educação. Sou um homem, pensava Theodor, numa espécie de afirmação óbvia e biológica que para ele anulava qualquer constrangimento moral. (TAVARES, 2006, p. 219)

O desinteresse quanto a possíveis definições que lhe condenariam como “errado” pode ser vista em duas direções: A primeiro é sobre o surgimento de uma evolução através da dor, um desapego dos valores sociais devido aos fracassos pelos quais passou, uma formação do indivíduo pela dor que fortalece; A segunda é a aceitação dos pontos negativos da vida, em que Busbeck, por ser um homem envolvido com estudos e saber como o mundo é, nada teme, porque de nada adiantaria se portar diferente.

Para Busbeck chegar a tal conclusão, foram necessários fracassos que lhe atingissem, que viessem a possibilitar uma reflexão quanto à sua existência, fazendo com que fosse capaz de perceber diferentes perspectivas. Assim como Ernst e Mylia, as dores mudam o médico, propiciando-lhe novos entendimentos do mundo.

Como diz Schopenhauer: “O mundo em que cada um vive depende em primeiro lugar de sua apreensão dele, regula-se, portanto, segundo as diferentes cabeças” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 10). O mesmo médico que, no início, teve prestígio do público quanto a sua obra, não tem a mesma perspectiva que o médico cujo trabalho fora desdenhado.

Do sucesso ao fracasso, a personagem detém um comportamento controlado. Defendendo uma teoria médica a estabelecer relação com a metafísica, tendo uma esposa internada no hospício que o trai com um dos pacientes, se comprometendo a criar um filho que não é seu, Theodor Busbeck tem um percurso de vida cheio de momentos dolorosos, nos quais não se deixou perder. Manteve-se com firmeza, sem desespero. Diferente dos outros componentes do romance, não ficou fragilizado ao ponto de se deixar afetar pela dor e pelo trauma.

5.3.4 Hinnerk Obst: Loucura e trauma

A personagem Hinnerk Obst, um ex-soldado, é um homem traumatizado, marcado pela guerra, um sujeito que tem a sua personalidade constituída pela dor. Sente medo, e tem esse sentimento sempre presente em seus pensamentos.

> Da guerra Hinnerk guardara dois objetos, se assim os podem designar: uma pistola, que levava sempre debaixo da camisa na parte da frente das calças, e uma sensação constante de medo, que precisamente por nunca desaparecer, por "nunca descansar", adquirira com os anos um estatuto bem diferente das circunstâncias, quase teatrais, que interferem habitualmente na excitação de um corpo. Esse medo, sendo algo que não saía, era já como um dado físico concreto: como um nariz mais ou menos torto, como um olho cego, como alguém que coxeia. (TAVARES, 2006, p. 59)

Hinnerk é afetado pelo passado, pelas experiências da guerra. É perceptível o vínculo existente entre a dor e o homem, o trauma e a humanidade, manifestando-se a partir desse pânico sempre presente, que o leva a tomar medidas extremas de segurança. Para que assim possa surgir a sensação de uma falsa "proteção", devido à pistola que carrega consigo. Contudo, a arma se mostra insuficiente para neutralizar esse pavor onipresente: "Hinnerk não saía à rua sem medo, não ficava em casa sem medo, não adormecia sem medo" (TAVARES, 2006, p. 59).

O medo é consequência das dolorosas ações passadas, que mexem tanto com sua personalidade. Diferente de Mylia, Hinnerk é atormentado pela dor psicológica, que ocorrem através das recordações dos seus tormentos. Através da memória, o soldado revive, incansavelmente, os dias da guerra.

Como indivíduo traumatizado pelas lembranças, recorda os sofrimentos do passado, sentindo a dor que antes lhe ocorrera como algo a se passar no próprio momento. Revivendo-se os traumas.

A própria personagem estabelece uma relação entre o medo e o imprevisto, estando sempre atento para não ser pego em descuido. Procura estar preparado para situações que façam surgir estas negativas sensações. A "surpresa", não muito diferente do susto, é observada por Freud, que comenta ser esse estado de vulnerabilidade sugestivo para a formação de complexas neuroses: "A ênfase principal da causação (da neurose traumática) parecia recair sobre o fator da surpresa, do susto" (FREUD, 2016, p. 48). A constante insegurança o atormenta, como um eterno medo.

O nível de influência da dor em Hinnerk o consumia tanto que o mantinha preso o hábito de mirar com a arma às crianças que brincavam no pátio da escola. Questão que se mostra capaz de desfazer qualquer noção de lucidez, demonstrando muitas vezes serem as atitudes movidas pelos impulsos do que, necessariamente, por meios racionais. Nesse caso, pode-se pensar na ideia de loucura, que surge de experiências traumáticas, que se sobrepõem a diversos fatores sociais.

A loucura gera o descontrole, mantendo sempre o indivíduo apreensivo. Freud e Seligmann-Silva observam que o homem atingido pelo trauma quer se proteger, sem saber como o fazer. As ações tomadas pelo sujeito podem parecerem confusas. Hinnerk, traumatizado pela guerra, é consumido pela falta de liberdade a vir dos combates que já passaram e, ao mesmo tempo, nunca passarão.

No episódio em que observava as crianças no parque, Hinnerk perturbava-se com o despudor pela falta de conscientização das mesmas quanto ao perigo que ele representava. As crianças em alguns casos o provocavam, enfurecendo-o:

> De facto algo o perturbava cada vez mais. À medida que o tempo passava o pudor das crianças diminuía drasticamente, o que significava também que o receavam menos – a ele – Hinnerk. Algumas vezes – quando se aproximavam em sentido contrário – Hinnerk ouvia, distintamente, uma ou outra criança a murmurar: vem aí o homem. (TAVARES, 2006, p. 66)

Uma possível perda do medo por parte das crianças o incomodava, porque, segundo Schopenhauer e Nietzsche, existe a necessidade de o homem ver outro ser humano em um estado como o seu, ou até pior. Ele precisa disso para se sentir melhor consigo mesmo. Causar medo faz bem a Hinnerk, pois se ele é atormentado por lembranças, é capaz de atormentar outros indivíduos, nesse caso as crianças, com sua aparência e personalidade. Do contrário, se outros não se sentem atormentados, o seu tormento se intensifica.

A desconsideração das crianças representaria a perda do domínio de Hinnerk, se desfazendo do pouco controle que ele tinha sobre a dor. A personagem, que antes era tanto propagador da dor quanto sofredor, passava para um estado no qual as crianças não eram atingidas da mesma forma por sua presença. Não era capaz de assustá-las, e isso o feria. Neste cenário, é apenas o atormentado, sem nenhuma capacidade de dominar os mais fracos.

Ser tratado como “o homem” pelas crianças pode remeter à questão da identidade, sendo ele nada mais do que alguém sem nenhuma característica de destaque, que não seja a aparência de homem destroçado pelas vivências. O combatente seria a verdadeira representação do ser humano, um ser de dores, traumas, com sangue “nas mãos”. Acometido pelo medo, deseja propagar os males que sente.

Ao falar sobre o ato de causar dor, Nietzsche afirma: “Causamos a dor, roubamos ou matamos a fim de nos conservar ou nos proteger, a fim de prevenir uma desgraça pessoal” (NIETZSCHE, 2005, p. 74). De acordo com o filósofo, causar sofrimentos é uma tentativa de agir como dominador, alimentando a própria arrogância, na ideia de se proteger contra a realidade. Cometer atos que causem dor, e não fazer apenas parte de quem sofre, é um método encontrado para “facilitar” o próprio sofrimento.

Este é o artifício encontrado por Hinnerk para se suportar diante do mundo. Um comportamento que conduz às palavras de Seligmann-Silva, que afirma serem as cenas traumáticas marcas sempre presentes na memória do traumatizado. Dessa maneira, as lembranças traumáticas de Hinnerk o conduzem a atitudes de raiva.

Ao observar como se portavam as crianças em relação a ele, a personagem atrai uma combinação de compaixão e pena pela ignorância dos

mesmos: “Não fazem ideia que, de um momento para o outro, posso decidir disparar sobre elas, e a sua existência termina” (TAVARES, 2006, p. 68). Tal raciocínio o fazia se portar prepotentemente, já que se via capaz de determinar o rumo daquelas vidas. Era o detentor do poder, e aqueles eram os fracos, dependentes de sua vontade.

Embora hostil e prepotente, Hinnerk põe em xeque a sua identidade: “Eu não sou um homem, eu sou outra coisa, outra coisa!” (TAVARES, 2006, p. 68). Definir-se como “outra coisa” possibilita fazer uma ligação com o efeito do trauma e da dor. O atual estado de Hinnerk não é mais o de um ser humano, e sim de um objeto atingido pela trajetória de violência e morte. Fora perdida a humanidade de Hinnerk, sobrando somente os “restos” da guerra.

Pode-se considerá-lo uma criatura formada pelos seus temores, um ser incapaz de sintetizar as informações que o cercam. Em *Compêndio da psicanálise*, Freud fala sobre o paciente neurótico, definição que se aplica ao contexto do soldado: “(O neurótico) não consegue mais fazer nenhuma síntese correta, é dilacerado por aspirações que se opõem umas às outras, conflitos não resolvidos, dúvidas não sanadas” (FREUD, 2016, p. 119).

O neurótico, visto como um traumatizado, é composto por questões não resolvidas, dilemas que afetam a sua compreensão do mundo. Hinnerk, mais do que reviver o passado, carrega conflitos. Vontades interiores as quais não condizem com a sua atual realidade. Seus sentimentos seriam totalmente opostos àquilo que ocorre em sua mente.

Confirma-se sua perturbação psicológica provocada pelo medo e pela confusão, originados pelo trauma: “Mas tinha medo, continuava com medo, o medo aumentava” (TAVARES, 2006, p. 69). A guerra, os embates do passado, ainda se faziam presentes. A dor se mostra “atemporal”, uma marca eterna a qual tenta, sem sucesso, se desvencilhar.

Quando encontrava, casualmente, algum ex-companheiro de guerra, não se sentia comovido. Entretanto, tomava cuidado com as palavras ditas, evitando o máximo possível lembrar do campo de combate, sem adentrar em assuntos relacionados ao passado:

> Perturbações testemunhadas por Hinnerk em companheiros de guerra não o comoviam: olhou para um ex-colega que manifestava um horroroso tique na face e reconheceu-o: apertou-lhe a mão: Hinnerk, Hinnerk Obst, disse. Falaram lentamente e seleccionaram

> frases de modo a que a memória não tomasse a energia principal da conversa. Despediram-se logo a seguir. (TAVARES, 2006, p. 85)

O reconhecimento de um companheiro a partir de uma marca é um dos tantos efeitos deixados pela guerra. As marcas do combate chegam ao ponto de atribuir novas características, obtendo-se "peculiaridades" através dos danos sofridos. São "sinais" na carne, que sempre irão ligá-los ao período de guerra. Logo, é mais um fator determinante que impede que os antigos combatentes se livrem das recordações.

As precauções quanto à elaboração de frases estão ligadas aos traumas, existindo na mínima palavra proferida o retorno das lembranças do período doloroso. Há uma ligação, portanto, entre a memória, o fato ocorrido e a linguagem, formando-se um ambiente no qual vem a se repassar os acontecimentos testemunhados. A escolha de frases também serve para evitar um diálogo profundo, que poderia aproximá-los como dois símbolos de um passado de dor e, portanto, intensificar os seus tormentos.

Hinnerk, em certo momento, diz sustentar um desgosto pelas palavras, "As palavras aborreciam-no"[14] (TAVARES, 2006, p. 85), por tudo que as palavras podem vir a significar, enfatizando ter "enterrado os discursos", os adjetivos e substantivos os quais remetem às questões desse mundo. Usava como resposta, para a sua falta de vontade em dialogar, as experiências como soldado: "Fui combatente, comentava, quando alguém observava que ele não era um falador" (TAVARES, 2006, p. 85).

A postura antissocial da personagem faz pensar na necessidade do testemunho, de expressar o trauma pelas palavras. Testemunhar seria suavizar o peso da dor carregado pelo sujeito que vivenciou situações de demasiada tensão. Falar é uma maneira de sobreviver, continuar existindo sem ser consumido pelas amarguras.

Igualmente, Primo Levi em *Assim foi Auschwitz: Testemunhos 1945 – 1986* comenta a importância do testemunho, acrescentando ser de importância por servir de conscientização para evitar o surgimento de novas catástrofes:

[14] É possível fazer uma relação entre a dificuldade de Hinnerk em se manifestar pelas palavras com uma das ideias apresentada no texto *Experiência e pobreza*, de Walter Benjamin (1892-1940). Benjamin diz, sobre os soldados que regressaram da guerra, que eles "tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos" (BENJAMIN, 1985, p. 114-115)

> Pode-se sustentar, corretamente, que devemos contar o que vimos para que a consciência moral de todos permaneça atenta e se oponha com firmeza, para que qualquer veleidade futura seja asfixiada ao nascer, de modo que nunca mais se ouça falar de extermínio. (LEVI, 2015, p. 86)

Afirmar como razão de suas poucas falas ter sido combatente, implicitamente trata das dificuldades presenciadas pela personagem nos combates, que vieram a "desumanizá-lo". Desfez-se o seu lado "social", substituído pelo horror. Aqui se aplicam aquelas características schopenhauerianas do pessimismo, pois mesmo sobrevivendo à guerra ainda é um prisioneiro das dores, sem margem para a superação destas.

Como sugere Seligmann–Silva: "O evento catastrófico é um evento singular porque, mais do que qualquer fato histórico, do ponto de vista das vítimas e das pessoas nele envolvidas, ele não se deixa reduzir em termos do discurso" (SELIGMANN–SILVA, 2005, p. 83). A catástrofe, segundo o teórico, não pode ser expressa às vezes com palavras, pela carga de agonia que gerou. Assim, permanecendo constantemente sentida apenas na pele de quem a presenciou.

O efeito inverso em Hinnerk causado por não falar de seus tormentos é evidente. Se o testemunho agiria como libertador, reprimir-se forma um homem submisso às neuroses que o tornam, no mínimo, perigoso. Desaparece o homem social e fica, apenas, a sombra do período que fez brotar o trauma. O testemunho demonstra ser crucial para a sobrevivência mental e emocional. Optando pelo inverso, Hinnerk cada vez mais cai no abismo de seus tormentos.

As perturbações de Hinnerk vão elevando-se ao ponto de em um momento em que o mesmo está com sua arma, começa a pensar sobre o cheiro das mãos que fica impregnado nessa arma, o denominando como um "cheiro comestível". Sentia despertar em si uma espécie de desejo o qual, em princípio, sentiu horror. Pensava na possibilidade de um homem devorar outro. Do horror, entretanto, começou a surgir excitação:

> Porque era evidente a distância entre aqueles dois elementos que aparentemente pertenciam ao mesmo objeto: sentia repulsa pelo cano da arma e sentia-se excitado com o cheiro do punho. E nesta excitação havia uma mistura entre um apetite doméstico e pacífico, a vontade sexual, e uma certa insatisfação permanente e mais profunda. (TAVARES, 2006, p. 88)

O soldado aparenta estar totalmente envolvido por impulsos animalescos. A vontade sexual se manifesta, o dominando, ocorrendo diferente da valorização dos desejos físicos do homem abordadas na filosofia de Nietzsche, a defender o uso dos desejos, mas de uma maneira combinada com o pensar.

Hinnerk se sente conduzido a uma vontade quase incontrolável, cogitando as possibilidades de “comer carne humana”. A febre a possuí-lo se deve aos sintomas neuróticos, o conflito entre a ânsia sentida e a realidade. Freud constata que: “As exigências impulsionais de dentro, bem como as excitações do mundo exterior, agem como ‘traumas’” (FREUD, 2016, p. 126). Gerando desejos conflituosos, a despertarem os mais diversificados sentimentos no sujeito, causando-lhe uma intensa confusão.

O soldado vive junto com uma personagem chamada Hannah, prostituta que o sustenta. Em dado momento, Hannah conversa com o combatente sobre um de seus clientes, que auxiliava um padre e tinha ligação com a igreja. O assunto excitara Hinnerk, unindo-se a excitação já sentida antes, o seu “apetite humano”. Combinam-se, nesse caso, pontos como a mescla do desejo carnal com o interesse quanto à hipocrisia de um sujeito ligado a deveres religiosos. O resultado é um apreço pela hipocrisia humana.

A humanidade visa à obtenção do prazer, arcando, mesmo que seja este o preço, com a loucura. Especificamente, é este o caso de Hinnerk Obst, não pelo mesmo ser definido como hipócrita, como o rapaz religioso, mas pela apreciação quanto aos seus descontrolados instintos e contradições:

> Hinnerk saíra de casa – excitado com o relato de Hannah acerca de um rapaz que misturava desejos religiosos e de sexo – e continuava consciente do seu apetite humano, desse assustador apetite que naquela noite parecia excessivamente explícito, quase o incomodando, como um objecto de formas irregulares que não parasse de lhe bater no peito. (TAVARES, 2006, p. 133)

Ao sair de casa, Hinnerk se depara com o garoto Kaas Busbeck, que está à procura do pai (Theodor), cujo o abandonou em casa no meio da noite. Interessado no garoto, se aproxima, agarra-o e diz que irá ajudá-lo. O comportamento de Hinnerk desperta apreensão em Kaas: “O rapaz de doze anos, deficiente, que procurava o pai àquelas horas da noite estava cada vez mais assustado, e o facto de aquele homem de olheiras grandes o agarrar

provocava nele um temor irreconhecível, que o impedia de reagir" (TAVARES, 2006, p. 151).

A perturbação de Hinnerk Obst, manifesta em sua face, despertava o medo, sentimentos de insegurança, que vinha a ocorrer em um típico ser indefeso, como Kaas. Os traumas de Hinnerk provocam em Kaas pânico pela incerteza do que possa acontecer. Tais preocupações são potencializadas quando Hinnerk continua conduzindo Kaas: "Hinnerk, segurando no pescoço de Kaas, puxava-o para uma rua lateral onde a iluminação era quase inexistente" (TAVARES, 2006, p. 151).

Pela imposição, o soldado transtornado estabelece controle sobre o jovem, que, devido às suas debilidades físicas, não é capaz de reagir. Nessa ocasião os traumas desse personagem prejudicam não a ele mesmo, mas a quem se encontra em seu redor. Cria-se um sujeito perigoso, que se mostra capacitado para causar dor em tudo que se faz presente no caminho.

Percebe-se a dor representada através do comportamento neurótico e violento do ex-combatente, e o medo, o terror, em Kaas Busbeck. O desfecho entre as duas personagens é o seguinte:

> Hinnerk estava desde há momentos calado, mas não parava de puxar o rapaz, o mais delicadamente possível, para a parte de trás de um prédio, de onde vinha uma escuridão completa. Kaas fez um pequeno movimento tentando afrouxar a mão do homem sobre o seu pescoço, mas este, subitamente, agarrou-o ainda com mais força, e atirou-o ao chão.
> Kaas tentou gritar. (TAVARES, 2006, p. 151 – 152)

A cena pode ser vista como o sujeito poderoso destroçando o mais fraco, causando dor no indefeso por puro desejo, pouco se importando com danos, e mesmo com o fato de se tratar de outro ser humano, porque seu desejo era saciar sua vontade de ferir. Por não haver ninguém para impedi-lo, o forte submete o fraco a seus desejos.

Dentre todas as questões já discorridas, há ainda a ideia de egoísmo, o foco em um "eu" a não pesar consequências que não sejam de valor para si mesmo. Uma desumanização surgida pela supervalorização dos instintos, não havendo consideração quanto ao valor de outra vida. Pelo egoísmo, provocam-se variados sofrimentos, pois se considera somente as próprias condições, não a do outro. Busca-se somente satisfazer o "eu", sem considerar como o fará.

Após matar Kaas Busbeck, continua a caminhar pela rua e sente a necessidade de encontrar Hannah para ficar perto de alguém em quem confia e, talvez assim, acalmar-se. Não sente o peso de ter cometido um crime, sente como se houvesse tido uma espécie de encontro, uma comum situação social.

A necessidade de encontrar Hannah para dialogar é significativa para a existência do personagem, com a prostituta agindo como se fosse a parte "humana" deste, ou seja, um ser capaz de torná-lo menos antissocial: "Hanna era a sua ligação com o mundo e com a cidade, a sua ligação com os seres vivos. A vantagem em ter uma pessoa com quem falar era incalculável. Sabia bem que conhecer Hanna lhe permitira guardar metade da sua violência" (TAVARES, 2006, p. 172).

Na visão de Nietzsche, propriamente esta temática abordada tanto em *Além do bem e do mal* e em *Genealogia da moral*, se nota a necessidade encontrada pelo homem em esconder o que realmente é. Intenção que se dá por perceber sua falta de controle frente à realidade. Pensando no caso de Hinnerk Obst, ele é uma perigosa incógnita, um ser de demasiada instabilidade, o qual não se sabe o que esperar.

O filósofo aponta ainda que a solidão é útil para o homem. Serve-se dela para escapar da opressão social. Hinnerk tem relação com Hanna apenas, contudo, diferente do dito por Nietzsche, a sua capacidade mental já está corrompida pela vivência da guerra. Obst se afasta apenas por desgosto.

Constata-se que, dentre as personagens, Hinnerk é o mais afetado psicologicamente pela dor, pelos traumas. A sua personalidade é distorcida, sendo o resultado do seu sofrimento. Demonstra insegurança ao andar pelas ruas, e uma repulsa pela sociedade, por se sentir mentalmente ferido. O passado não desapareceu dele, pois a dor deixou uma cicatriz em seu ser, transcendendo as noções de tempo.

Hinnerk pode ser visto como o produto do pensamento moderno comentado por Bauman. Servindo apenas como um objeto a cumprir uma única utilidade (o combate) e sendo depois descartado. Sofre pelos distanciamentos sociais, existentes nessa modernidade que, no ver de Bauman, destrói com a identidade do homem: "Reduzidos, como todos os outros objetos de gerenciamento burocrático, a meros números desprovidos de

qualidade, os objetos humanos perdem sua identidade" (BAUMAN, 1998, p. 127).

Por isso, seu comportamento é neurótico. O prazer que sente pela arma em mãos, pela carne humana e pela violência são frutos da sua instabilidade. O seu encontro com Mylia e Ernst, na parte final do livro, a atitude de deixar estes brincarem com a arma e ficar incentivando Mylia a disparar contra si demonstram a falta de sanidade a vir de Hinnker. Sua dor vem da violência, e esta é, ao mesmo tempo, sua fonte de prazer, de uma mente que não considera juízos de valor e qualquer outra questão moral que não sejam os seus temores.

5.4.5 Os Loucos do hospício Georg Rosenberg

O capítulo IX do romance trata especialmente dos "loucos", no qual são apresentados diversos personagens, discorrendo-se quanto aos seus problemas mentais. Há pacientes com diferentes tipos de comportamento. Por exemplo, tem a apresentação à personagem Gada, e a sua fala quanto as possíveis operações pelas quais passou:

> Entro e saio daqui. Abrem-me como uma porta e fecham-me. Fui operado durante onze anos. Dezassete vezes. Fizeram de mim uma porta durante onze anos. Abriam-me e fechavam-me. Abriam-me e fechavam-me. Também faziam da minha cabeça uma porta. (TAVARES, 2006, p. 71)

Havendo os já conhecidos personagens Mylia e Ernst, sendo ambos já comentados com relação às suas debilidades, há outros tantos. Estes demonstram transtornos comportamentais, sendo pessoas debilitadas emocional e psicologicamente, como o personagem Uberbein:

> Zero por cento não existe, diz Uberbein que foi matemático.
> Por frequentar uma prostituta caiu o cabelo.
> Até o verão fico sem cabelo. Foi o que me disseram.
> Mas zero por cento não existe, repete.
> Uberbein põe a mão no bolso e mostra a mão cheia de sal.
> Se existisse zero por cento isto não estava aqui.
> Quase começa a chorar. Recompõe-se.
> Foi por frequentar uma prostituta que me caiu o cabelo.
> Era professor de matemática, diz Uberbein.
> Até o verão o meu cabelo vai cair. (TAVARES, 2006, p. 75)

Se cada paciente do Georg Rosenberg diverge no modo de expressar suas perturbações, pode-se pensar em pontos comuns entre eles como a tendência a repetição de certas frases, o desequilíbrio emocional e a falta de coerência no discurso. Vê-se uma tentativa frustrada de explicar o seu atual estado, fazendo-o com dificuldade, apresentando frases de sentido comprometido.

A dificuldade de organizar as ideias pode estar ligada à dor de um específico acontecimento. Se pensarmos na linha de Seligmann – Silva, o comportamento destes definidos como “loucos” pode ser caracterizado como trauma a, provavelmente, surgir de dolorosos momentos, tornando impossível recuperar a sanidade. Diferente das personagens de maior destaque no romance, os loucos do Georg Rosenberg se mostram apenas como resultados desastrosos de algum acontecimento.

Suas falas podem ter a intenção do testemunho, de dialogar quanto ao sofrimento que se faz existente em seus pensamentos. Atentando-se para o que é dito por cada um, chega-se a cogitar que estes podem estar passando por situações de terror em seu interior, pelo simples fato do desespero que sentem, desejando serem compreendidos.

O trauma está presente em seus pensamentos e não se mostra possível uma libertação, por isso surgem diálogos desconexos entre os próprios pacientes. Raciocínio que teria como base o campo da psicanálise freudiana, considerando o comportamento dos pacientes do hospício como neuroses, geradas por intensas dores, que acabam distorcendo os pensamentos dos enfermos. Há um comportamento quanto à depravação sexual, adotado por alguns dos doentes. Como pela personagem Vana:

> Vana aperta sobre as calças os genitais de Marsko
> Ele tem um grande, diz Vana
> É o maior daqui. Já os vi todos. (TAVARES, 2006, p. 76)

Trata-se de posicionamento a se contrapor à moral vista como socialmente correta. Para enfatizar esta ideia, pensa-se na proibição vinda das religiões. Ocorre a ligação entre a loucura e o extremo desejo pelo corpo que, se por um lado é visto como “errado” pela visão cristã, e muitas vezes mesmo

social, por outro é essencial naquilo que o homem é, como pensam Nietzsche e Freud.

No caso de Vana, é atribuída a postura “não moral” ao estado de loucura, que não deixaria de ser um estado relacionado com a dor. Mesmo que possa defini-la como “doente”, surge um julgamento a considerar a atitude da personagem como inapropriada. O contexto aqui faz com que se pense na presença da loucura. Apresentada tanto como originada dos sofrimentos quanto uma manifestação da personalidade, tem valor social, definindo a função como o indivíduo é visto no meio. Agir como Vana age faz com que seja inviável tê-la em outro lugar que não seja afastada da civilização.

Toca-se nesse ponto pois, partindo da ideia de estes se encontrarem envolvidos por aspectos traumáticos, há uma diferente percepção de valores formados a partir de experiências dolorosas. As noções de “certo e errado” são totalmente opostas à perspectiva de fora do hospício. Para os loucos, teoricamente, não há moral. A dor se intensifica neles quando, a fazerem parte de um processo dogmático como o que se passa no Georg Rosenberg, necessitam seguir regras as quais não se aplicam ao seu mundo.

Diferente de uma postura schopenhaueriana, que define inquestionavelmente os valores existenciais, a diferença do sentido de valores é atribuída ao mencionado ponto de vista na teoria de Friedrich Nietzsche. O valor de algo é definido pela percepção de cada um, e não por um sentido único: “Não existem fatos eternos, assim como não existem verdades absolutas” (NIETZSCHE, 2005, p. 16). Para o louco, devido aos traumas, a vida é diferente da que tem o “cidadão comum”, que é obediente à outros tipos regras.

A perspectiva dos loucos, influenciada pelas dores arcadas, cria uma interpretação dos fatos que não está errada, mas é apenas diferente. Há sofrimento quando se chocam a perspectiva do louco e a perspectiva “normal” da moral, a qual não aceitaria, segundo Nietzsche e Freud, indivíduos dessa categoria, por serem realidades diferentes.

Como diria Bauman: “A persistência da sociedade é alcançada e sustentada pela imposição de restrições sobre as predileções naturais dos membros da sociedade: forçando-os a agir de uma forma que não contradiga a necessidade de manter a unidade societária” (BAUMAN, 1998, p. 200)”. Logo,

esses considerados loucos não se encaixariam dentro das necessidades sociais, comprometeriam a união entre os homens (a qual o próprio sociólogo questiona a existência), sendo por isso afastados.

5.3.6 Doutor Gomperz: Tirania e proibição

Como já antes dito, o hospício é dirigido pelo Doutor Gomperz, médico que administra o tratamento dos pacientes. A característica marcante desse personagem se encontra no modo como conduz os cuidados dos pacientes, buscando a melhoria deles pela sua moral. Um comportamento que venha a condizer com aquela visão, considerada por Gomperz, correta para o comportamento de um indivíduo.

Seus questionamentos aos pacientes causavam perturbação com a seguinte pergunta: “Em que é que está a pensar, meu caro?” (TAVARES, 2006, p. 9). O objetivo por trás de suas perguntas é o de formar comportamentos, de um modo a usar de seu poder para impor suas ideias. Questão afirmada no fragmento abaixo:

> No doutor Gomperz havia ainda uma espécie de moralismo mínimo infiltrado nos seus julgamentos sobre o estado do doente. Gomperz por vezes atrevia-se mesmo a colocar a um paciente a seguinte questão: sabes em que é que deves pensar? Tal como o professor de uma disciplina, como a matemática ou a gramática, fazia uma pergunta concreta sobre um determinado conteúdo, Gomperz fazia esta pergunta como se o outro estivesse num exame e só existisse uma resposta certa. Até para as pessoas saudáveis era perturbante. (TAVARES, 2006, p. 94)

Gomperz, sendo que dita as regras, fazia de seu posto uma prática de domínio. Muito mais do que apenas o homem a causar o sofrimento do próximo, se pode defini-lo como personagem a exercer função próxima dos sacerdotes, impondo uma moral moldadora de personalidade, que Nietzsche tanto critica. Gomperz obriga os pacientes a, inclusive, pensarem no que ele deseja, não apenas tentando restituir a saúde mental, mas criar pessoas as quais vejam a realidade da maneira que ele a vê, tendo apenas a opção de segui-lo como “cordeiros”.

Contudo, esse é somente um pequeno exemplo, pois a vontade de poder nietzschiana também se aplica nesse contexto. Com a vontade de Gomperz se sobressaindo a qualquer ação de outro no hospício. Basicamente, poderia se pensar na relação da moral nobre contra a moral do escravo, da disputa entre forças pelo domínio, pontos já antes discorridos no capítulo teórico.

A ausência de vontade dos pacientes é um trunfo para o diretor-médico. Disso se aproveita para se fazer soberano. Doutor Gomperz usaria, não se aplicando para si e sim para os doentes, o pensamento de Schopenhauer, os direcionando a abdicarem da vontade, como se esse fosse o modo de não sofrer: “Quanto menos a vontade for excitada, tanto menos sofremos” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 128). Desse pensamento, submete os pacientes a seu modo de pensar, proibindo quaisquer questionamentos.

O trauma é outra opção de efeito a vir da administração do doutor Gomperz. Ele é o ser que causa dor nesse estabelecimento. Pelo trauma, adentra na mente dos pacientes, atormentando-os com perguntas. O momento de tensão responsável por ocasionar as neuroses nos pacientes tem, em boa parte, a opressão de Gomperz.

O próprio Theodor Busbeck, também médico, mas a seguir diferentes linhas de pensamento, refletia sobre essa maneira de Gomperz enxergar a loucura: “Para onde deve o homem dirigir o seu pensamento para não ser considerado louco?” (TAVARES, 2006, p. 95). Prosseguia com a reflexão, a cair no cunho da moralidade: “Um homem moral em que assuntos deve pensar? E em que assuntos não deve pensar?” (TAVARES, 2006, p. 95). O doutor Gomperz, a partir de regras, tentava formar seres submissos a si. Com pacientes de pensamentos iguais, como marionetes a serem manipuladas.

Dentro da linha de raciocínio de Theodor se percebe que, para Gomperz, é estipulado para um sujeito ser lúcido o comportamento moral. O detentor de sanidade, em um ver puramente de critica nietzschiana, seria o membro dos denominados “rebanhos”, a sucumbir suas vontades perante o domínio do outro. O louco, nesse contexto, é o sujeito de natural comportamento, o lúcido é o domado, a perder suas características pessoais frente aos desejos daqueles que ditam “o que deve ser feito”.

Por causa dessa forma de domínio imposta, sofre-se, muitas vezes, por não se adaptar aos métodos do local. A maneira encontrada para se sobreviver é sucumbir, obedecer, não refletir. Nietzsche destaca:

> A história ensina que a estirpe que num povo se conserva melhor é aquela em que a maioria dos homens tem um vivo senso da comunidade, em consequência da identidade de seus princípios habituais e indiscutíveis, ou seja, devido a sua crença comum. Ali se reforçam os costumes bons e valorosos, ali se aprende a subordinação do indivíduo [...]. (NIETZSCHE, 2005, p. 142)

A associação feita pelo mandante do hospício Georg Rosenberg é entre loucura e imoralidade. Ausência de um comportamento, ou mesmo apenas de um pensamento, obediente dentro dos padrões de um determinado espaço social. Inclusive, para enfatizar mais a conduta moral, Gomperz vê a loucura como a ausência de ética:

> O doutor Gomperz possuía, assim, da loucura – embora não se atrevesse a expressá-lo – uma imagem associada à imoralidade: louco é o que age imoralmente e louco ainda é o que agindo moralmente pensa de modo imoral. A loucura seria, assim, uma pura falta de ética, momentânea, porventura, e portanto curável, ou definitiva, eterna, e portanto: incurável. (TAVARES, 2006, p. 95 – 96)

Há um momento à parte em que o foco em Doutor Gomperz não se centra em seu domínio sobre os pacientes, e sim em um diálogo com Theodor Busbeck a tratar da incômoda situação que passava por causa da gravidez de Mylia. Ao explicar o acontecido, o médico – gestor sente um sentimento perverso pelo momento em que se encontra o seu colega de profissão:

> Gomperz controlava-se para suspender a respiração e para não manifestar qualquer estado emocional; na verdade, esforçava-se de modo tremendo nesta tentativa de invisibilidade das emoções, já que naquele instante um certo instinto perverso – que reconhecia pertencer-lhe – e de que não se orgulhava, uma certa perversidade surgia, então, no limite de se tornar explícita. Gomperz lembrava-se de alguns gráficos que Theodor Busbeck mostrara em discussões acerca da tese sobre a distribuição de ‘surpresas más’ no mundo, ao longo do tempo, e sentia agora vontade de os colocar sobre a mesa e dizer, fixando os olhos no ilustre investigador: Tem aqui os seus gráficos, veja agora se eles o ajudam! (TAVARES, 2006, p. 112)

Existe em Gomperz um prazer ao ver as dificuldades pelas quais passa Busbeck, a ter como fonte essa vontade de causar dor, de dominar. Os motivos a fazerem surgir o desejo em ver o outro homem prejudicado podem ser os

mais diversos. Contudo, a ideia básica se trata dessa capacidade de se sentir bem ao ver o declínio de outro indivíduo, seja por realmente desejar vê-lo sofrer, seja por crer que com isso se engrandece: “A consideração de sofrimentos maiores que os nossos haverá de conferir-nos um consolo eficacíssimo” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 144).

Nesse caso específico, aparenta haver uma disputa de poder no meio profissional entre os personagens, com Gomperz se deliciando ao ver o complicado problema a se fazer presente diante de Theodor, seu rival. Por terem discordâncias ideológicas, Gomperz sente-se saciado ao ver Busbeck em uma situação difícil, sentindo assim que a linha de pensamento daquele homem é falha, vendo a sua se “consolidar” como correta.

As ideias de piedade e compaixão, dissertadas por Schopenhauer e Nietzsche respectivamente, devem ser levadas em conta para a leitura e entendimento do personagem. Pensando pelo viés de Schopenhauer, a piedade seria um dos únicos aspectos que podem fazer com que o homem seja bom, a impedir destruições maiores a virem. A compaixão, pelo viés de Nietzsche, é uma fraqueza, uma falha vinda dos decadentes, que limita o homem, tornando-o mais frágil.

Analisando Gomperz pelas perspectivas dos filósofos, é possível interpretar de dois modos distintos. Pela ausência de piedade, o doutor pode ser visto como um destruidor que não possui o mínimo de bondade, capaz de trazer sofrimento para quem o cerca. Pela ausência de compaixão, é visto sem essa peculiar debilidade, sem uma consciência que o faça sentir remorso pelos outros. Não se considerando no momento, em ambas as hipóteses, a linha de raciocínio amplamente moral do personagem.

Entretanto, considerar o comportamento do doutor Gomperz como mal, unicamente movido pela vontade de causar dor, é equivocado. O diretor-médico sentir prazer na situação perturbadora pela qual passa Theodor não é um ato simplesmente vazio de significado. Nietzsche diz sobre a maldade: “A maldade não tem por objetivo o sofrimento do outro em si, mas nosso próprio prazer, em forma de sentimento de vingança, ou de uma mais forte excitação nervosa, por exemplo” (NIETZSCHE, 2005, p. 73). Ver um adversário sofrer, sem ter opções de escape, é o sentimento de seu ato. Sente-se, dessa maneira, com ainda mais poder.

O objetivo de demonstrar domínio é tão expressivo no personagem que, em uma observação feita por Mylia, nota-se o controle que o mesmo tenta manter durante uma simples conversa: “Mylia, entretanto, submetia os seus olhos ao modo de o doutor Gomperz dirigir a conversa: era Gomperz que começava e terminava, era ele que decidia o aumento geral do tom de voz ou, pelo contrário, a sua diminuição” (TAVARES, 2006, p. 159).

Ditar o “ritmo” das conversas era uma maneira a mais encontrada de controlar seus pacientes. Comandava não somente o rumo das palavras, mas, por determinar os próprios tons de voz, reprimia os pensamentos dos pacientes. Consolidava a sua “onipotência” dentro do hospício.

Definir Gomperz como uma personagem que possui a necessidade de comandar, de ver suas vontades exercidas sobre outros, parece ser uma definição coerente. Acrescenta-se ser este um propagador da dor, fazendo com que aqueles considerados mais fracos sofram às suas custas. Sua moralidade impossibilita os questionamentos, tendo como fonte o desejo de imperar frente ao mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da dor e do trauma foram as categorias utilizadas para o exame do romance, assim como a influência de tais nas ações dos personagens. Observaram-se as intensas cargas de sofrimento no romance de Gonçalo, evidenciando os efeitos na constituição de cada personagem, moldadas por um passado traumático e um presente desgastante.

Representando um mundo “sombrio”, no qual os momentos de alegria não possuem espaço, *Jerusalém* dialoga com aquilo que teóricos como Nietzsche, Schopenhauer, Bauman, Levi, Freud e Seligmann-Silva apontam (dor, trauma, medo, solidão). Uma sociedade destruída pelo individualismo, amargurada pelo conflito e que ruma, consciente ou inconscientemente, para a autodestruição.

Personagens como Theodor e Gomperz fazem jus a tais definições, por almejarem a conquista do poder, sem se importarem com a construção de laços afetivos. Mesmo aqueles que não possuem este tipo de cobiça, como Mylia e Hinnerk, igualmente são incapazes de criar afeto, devido às feridas emocionais e psicológicas do passado que ainda carregam.

O pessimismo, o egoísmo e a moral são traços marcantes na ficção. O cenário pós-guerra, em combinação com um avanço intelectual, forma os “muros” e distanciamentos que fazem o homem se sentir só, sem a possibilidade de se recuperar de suas atormentadoras experiências. Notou-se a intensidade dos sentimentos dolorosos e traumáticos, capazes de alterar a vida daqueles em que se faz sentir.

Se há um Ernst Spengler sem forças para conquistar uma existência melhor, e um Gomperz abusando de sua autoridade no hospício, manipulando os pacientes, isto se deve a contínuas situações desgastantes. Para uma das personagens, a dor é fraqueza, mas para outra, é o método usado para dominar. Como se percebe, o ambiente do romance é tomado pelas sensações de dor e trauma, cada momento vivenciado tem como estímulo, pelo menos, uma destas duas.

Quando se tratou do tema da dor, diferentes perspectivas foram abordadas, entre as perspectivas destacaram-se os pensamentos de Schopenhauer e Nietzsche, aceitação e inconformismo, o mundo como um inferno imutável e a realidade como um constante campo de batalha. Da mesma maneira foi feito com a ideia de trauma, refletindo-se de duas maneiras, o comportamento traumático relacionado à perda do prazer, e o trauma como resultado de uma cultura envolvida por momentos catastróficos.

Usufruir de pontos de vista de diferentes pensadores serviu para atentar distintas opiniões, acerca de um mesmo assunto. Ao se investigar a personagem Mylia, percebe-se a concepção de dor schopenhaueriana, já que foi possível notar que a personagem convive com seus sofrimentos. Também se notou a presença do pensar nietzschiano, isto é, Mylia tenta combater suas amarguras colocando-se além delas, superando-as.

Igualmente se tratou do trauma. Evidenciou-se a presença deste e as leituras as quais se poderiam fazer. Ao observar Hinnerk Obst através da psicanálise de Freud, interpreta-se tal comportamento originado pelos sintomas neuróticos, um choque de realidade demasiado forte, que faz com que seu interior entre em conflito com o exterior, formando um estado de perturbação.

Contudo, evidenciou-se não ser a leitura freudiana a única possível, pois usando das palavras de Seligmann-Silva, considerou-se Hinnerk como um produto da guerra. Um homem incapaz de se desapegar das lembranças daquele período, tendo sua condição agravada pela ausência do testemunho, impossibilitado de conviver em harmonia com as pessoas.

O livro de Gonçalo também proporcionou a se pensar na relação espaço, tempo, homem e dor. Não são apenas as pessoas no universo de *Jerusalém* que propagam e são atingidas por sensações negativas, mas estas categorias são afetadas pela dor, do mesmo que a propagam. Temos espaços (a cidade e o hospício) que agem como uma prisão e ambiente de opressão, do mesmo modo que o tempo é o rememorar dos desgostos, que acabam por prejudicar a saúde mental e emocional das personagens.

Salientou-se que a cidade e o hospício são fundamentais, pois revelam os momentos de angústia das personagens. A representação do hospício traduz-se em um espaço totalitário, em que os homens e mulheres que ali vivem não possuem a mínima voz. Já a cidade apresenta-se um ambiente de falsa liberdade, em que a solidão é constante. Tal sentimento é fruto do convívio entre cidadãos que se mostram indiferentes.

Questões como a supervalorização da imagem, o desejo por status social e os efeitos da guerra também foram abordadas como causas de declínio das personagens. A necessidade pela qual passa Busbeck em sustentar a fama da família, o exibicionismo de Gomperz ao controlar os doentes, e o estrago feito pela guerra em Hinnerk, são características dessa realidade falha na ficção de Tavares. Tal realidade a dialogar com o infernal comportamento humano estudado por Schopenhauer, a destruição moralista por Nietzsche, e a confusão mental do sujeito, por Freud e Seligmann-Silva.

O romance *Jerusalém* revela-se como denúncia a um mundo pós-guerra e as condições da vida na atualidade. A ganância e a arrogância intelectual igualmente aparecem como elementos criticados pelo autor. Tal situação ocorre quando Busbeck trata seus estudos como verdades absolutas, ou quando Gomperz considera-se superior aos loucos do hospício. Nada diferentes do douto criticado por Nietzsche.

A investigação dos laços entre a dor e o homem foi um dos principais objetivos do trabalho. Através na análise do romance, foi possível pensar em como a humanidade se reconstrói por causa de seus traumas. O sofrimento estimula a ação e, ao mesmo tempo, tenta negá-lo. O ser humano caminha ao lado das dores que sente.

O interessante em se refletir é que o escrito de Gonçalo M. Tavares representa um cenário destroçado pela própria civilização. A palavra civilização, nesse contexto, não remete a características louváveis. Pelo contrário, ser civilizado em *Jerusalém* é usufruir da dor para destruir o outro, para dominar, para fugir, e para se portar como louco.

Há inúmeras formas de se investigar tal tema, aqui se considera que Gonçalo M. Tavares escolheu a mais significativa. Sem pudor, as fragilidades do mundo são expostas, com as personagens demonstrando suas fraquezas, forçadas ao limite máximo das emoções. O romance não retrata apenas a humanidade e suas dores, mas especificamente seres dilacerados por tudo que presenciaram.

Portanto, *Jerusalém* denuncia dores e traumas vividos pelo homem em um mundo esmagador, em que há dominadores e dominados. Apresenta espaços cruéis em que os indivíduos tentam lidar com suas feridas. Do mesmo modo que se é pelas dores que se tomam determinadas decisões, sendo destacado no romance que cada personagem vive seus objetos de destruição, seja para idolatrá-los, seja para destruí-los. Cada uma das personagens carrega consigo a dor e o trauma, procurando eliminá-los diante de um clima social marcado pela opressão e pela violência.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões.* Disponível em: < http://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf >. Acesso em: 04. set. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BORDINI, Maria Isabel. *A ciência e o terror totalitário em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares.* Disponível em: < https://www.academia.edu/5062986/A_CI%C3%8ANCIA_E_O_TERROR_TOTALIT%C3%81RIO_EM_JERUSAL%C3%89M_DE_GON%C3%87ALO_M._TAVARES_SCIENCE_AND_THE_TOTALITARIAN_TERROR_IN_JERUSAL%C3%89M_BY_GON%C3%87ALO >. Acesso em: 03. dez. 2015.

BRUM, José Thomaz. *Nietzsche: as artes do intelecto*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FARIA. Ângela Beatriz de Carvalho. *A memória do Holocausto em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares.* Disponível em: < http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa18/amemoriadoholocausto_angelabeatriz.pdf >. Acesso em: 24. ago. 2016.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer.* Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. *Compêndio da psicanálise*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

LA ROCHEFOUCAULD. *Máximas e Reflexões*. São Paulo: Escala, 2007.

LEVI, Primo. *Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945 – 1986.* São Paulo: Companhia das letras, 2015.

MANN, Thomas. *Pensadores modernos: Freud, Nietzsche, Wagner e Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

OLIVEIRA, Lucas Antunes. *Loucura e ruína em Jerusalém de Gonçalo M. Tavares.* Disponível em: < http://www.editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/resumo.php?idtrabalho=275 >. Acesso em: 03 dez. 2015.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida.* Porto Alegre: L&PM, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo.* São Paulo: EDIPRO, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas.* Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf >. Acesso em: 20. jun. 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O Local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução.* São Paulo: Ed. 34, 2005.

SILVA, Natália Ubirajara. *Entre a memória e o esquecimento: a representação da dor em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares.* Disponível em: < http://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/5815/3419 >. Acesso em: 03 dez. 2015.

STUDART, Júlia Vasconcelos. *A literatura de Gonçalo M. Tavares: Investigação arqueológica e um dançarino sutil nas esferas O Bairro e O Reino.* Disponível em:< https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100689 >. Acesso em: 28. ago. 2016.

TAVARES, Gonçalo M. *Jerusalém*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

TRINDADE, Carla Severo. *Fome!- Carência e voracidade em Jerusalém, de Gonçalo M. Tavares. Nau Literária*. N. 02, ano 2012, s/p. Disponível em: < http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/32208/23844 >. Acesso em: 03 dez. 2015.